

**CEFET-MG: CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE
MINAS GERAIS**
PPGA – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

LUANA JÉSSICA OLIVEIRA CARMO

“EU CAÇO E MATO UM LEÃO POR DIA”: UM ESTUDO ERGOLÓGICO DA
TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM EMPREENDEDOR

Belo Horizonte

2019

LUANA JÉSSICA OLIVEIRA CARMO

**“EU CAÇO E MATO UM LEÃO POR DIA”: UM ESTUDO ERGOLÓGICO DA
TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM EMPREENDEDOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Lílian Bambirra de Assis

Coorientador: Prof. Dr. Admardo Bonifácio Gomes Junior

Belo Horizonte

2019

C287e Carmo, Luana Jéssica Oliveira
"Eu caço e mato um leão por dia": um estudo ergológico da trajetória de vida de um empreendedor. / Luana Jéssica Oliveira Carmo. -- Belo Horizonte, 2019.
161 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Lílian Bambirra de Assis
Coorientador: Prof. Dr. Admardo Bonifácio Gomes Júnior

Bibliografia

1. Empreendedorismo. 2. Ideologia - Neoliberalismo. 3. trabalho – Estudo e Ensino. I. Assis, Lílian Bambirra de. II. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título

CDD 658.421



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO CEFET-MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO do(a) Senhor(a) Luana Jéssica Oliveira Carmo. No dia 28 de fevereiro de 2019, às 14h00min, reuniu-se no Campus II do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, a Banca Examinadora de dissertação designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Administração do CEFET-MG para julgar o trabalho final intitulado **“Eu Caço e Mato um Leão por Dia”: um estudo ergológico da trajetória de vida de um empreendedor**”, requisito para a obtenção do **Grau de Mestre em Administração**, linha de pesquisa: **Processos e Sistemas Decisórios em Arranjos Organizacionais**. Abrindo a sessão, o(a) Senhor(a) Presidente da Banca, Prof.(a) Dr.(a) Lílian Bambirra de Assis, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao(à) aluno(a) para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do(a) aluno(a). Logo após, a Banca se reuniu, sem a presença do aluno e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

Aprovação.

Aprovação com recomendação de aperfeiçoamento, condicionada à satisfação das exigências feitas pela banca examinadora.

Recomendação de reapresentação.

Reprovação.

O resultado final foi comunicado publicamente ao(à) aluno(a) pelo(a) Senhor(a) Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, o(a) Senhor(a) Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2019.

Assinaturas:

Profa. Dra. Lílian Bambirra de Assis (Orientadora – PPGA-CEFET-MG)

Prof. Dr. Admarco Bonifácio Gomes Júnior (Coorientador – PPGA-CEFET-MG)

Profa. Dra. Fernanda Tarabal Lopes (PPGA-CEFET-MG)

Profa. Dra. Mônica de Fátima Bianco (UFES)

En realidad, todos estamos ya hartos de la mano invisible. El Informe sobre Desarrollo Humano de las Naciones Unidas, califica de obscenas las fortunas de un grupo de poco más de 400 personas en el mundo, cuya riqueza personal supera la de la mitad más pobre de la humanidad.

Professor Ladislau Dowbor, 2010.

AGRADECIMENTOS

O mestrado é um momento de intenso aprendizado. Não apenas de saberes formais, como diria Yves Schwartz, mas de saberes da vida, de saber ver a nossa realidade além daquilo que se apresenta aos nossos olhos. Acima de tudo aprendemos o quanto dependemos uns dos outros. É isso que torna o momento de agradecer tão complexo, já que a minha gratidão jamais caberia em uma página. Afinal, esse é um “valor sem dimensões”.

Vou me contentar em citar aqueles que foram fundamentais nessa jornada. Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pois foi Ele quem me deu a oportunidade de chegar até aqui, e considero essa conquista um presente do Altíssimo, pois muito pedi em minhas orações que um dia pudesse ingressar no Mestrado. A Ele todo o meu louvor, minha vida, meu coração e a minha gratidão por ser tudo o que eu preciso: meu Pai, meu Amigo, meu Refúgio, meu Mestre, meu Guia. Enfim, toda honra seja dada ao meu Deus, em primeiro lugar sempre.

Em segundo lugar agradeço à minha família. Agradeço à minha querida e amorosa mãe Mary, por sua disposição em ouvir meus ápices de stress e por ter o dom de minimizar qualquer problema, sempre com uma energia tão positiva que afasta as tristezas em um instante. Além disso, agradeço por sempre valorizar meu interesse pelos estudos e me incentivar a seguir nesse caminho. Você é e sempre será meu exemplo de mulher, de mãe, de guerreira.

Ao meu amado esposo Douglas, por ter me apoiado desde o início a fazer o Mestrado e por me abraçar nos momentos felizes e tristes. Seu carinho foi fundamental para que eu conseguisse ultrapassar as barreiras que se levantaram.

Agradeço à minha querida e carinhosa irmã Aninha, pela calma e pela preocupação comigo. Seus abraços costumam machucar por fora, mas por dentro eles reconstruem qualquer alma quebrada. Agradeço também ao meu pai Mauri, por me amar e se orgulhar de mim, mesmo que seja de sua forma peculiar.

À minha orientadora Lílian Bambirra, por me aceitar, me adotar, me escolher e por apoiar as minhas ideias (às vezes criativas demais) e por saber lidar com qualquer situação da forma mais educada e inteligente. Você é uma inspiração para mim! Obrigada também por me

instruir durante o estágio supervisionado, foi uma experiência incrível que levarei para toda a vida!

Ao meu (des) (co) orientador Admardo, agradeço primeiramente por me apresentar à ergologia, por me ensinar a pensar, a prestar atenção aos mínimos detalhes, por acreditar em minha capacidade e por ajudar a desenvolver meu cérebro. Com você eu sempre sinto que poderia pensar de forma mais profunda sobre qualquer assunto!

Não poderia esquecer de registrar a minha gratidão às professoras Mônica Bianco e Fernanda Tarabal, por participarem da banca de qualificação e da banca de defesa. A contribuição de vocês foi essencial para alcançar esse resultado!

Agradeço a minha turma do Mestrado, sem vocês, esse caminho não teria nenhuma graça! Marcella e Ritinha, parceiras de artigos; João, Gabriel, Ivan, Wendel, Angélica, Natália, Fábio, companheiros de Congressos; Mariana e Cris, parceiras de grupos de estudos; Patrícia e Bruno, parceiros de orientação.

Também não poderia me esquecer dos professores Uajará e Ludmila, que desde a graduação sempre me acolheram e me ajudaram, e que no mestrado se tornaram meus amigos.

Aos irmãos da igreja, por orarem por mim em tantas fases do mestrado, desde antes da aprovação no processo seletivo, até a fase da defesa. Essas orações me fortaleceram em todos os instantes!

Não poderia deixar de agradecer ao empreendedor que aceitou fazer parte deste trabalho e por contar a sua história de vida.

Aos meus familiares por se orgulharem de mim.

Ao CEFET-MG e à CAPES pelo apoio financeiro. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi compreender, pela perspectiva ergológica, o que a história de vida de um empreendedor tem a revelar sobre o empreendedorismo. O campo de estudos do empreendedorismo teve como marco histórico a década de 1970, quando mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas fizeram com que o fenômeno ganhasse notoriedade, se tornando objeto dos estudos de gestão. Foi possível refletir sobre o alinhamento das teorias administrativas aos interesses do capital, desde a escola clássica da Administração até o modelo de produção flexível. Atualmente, o debate se dá em torno da ideia do empreendedorismo, da gestão de si. O resgate histórico dá indícios de que o empreendedorismo é uma ideologia depositária da racionalidade neoliberal, que tenta ocultar os conflitos existentes entre capital e trabalho. Isso pode ser confirmado pelo seu auge em um momento de globalização e aumento da concorrência, o que resultou em demissões em massa nas empresas que não conseguiram acompanhar o novo cenário concorrencial. Assim, emergiram os discursos estimuladores do empreendedorismo como uma forma de se alcançar o sucesso, na tentativa de camuflar a crise do desemprego. Esses discursos influenciam os processos decisórios dos sujeitos por serem pautados em conselhos, imperativos e normas de conduta que funcionam como um sistema de dominação e fazem com que os indivíduos assumam comportamentos compatíveis com os valores neoliberais. Ao adotar a abordagem ergológica para enxergar o empreendedorismo como uma ideologia, vê-se um desequilíbrio entre os polos do sistema tripolar (político, mercado e atividade), já que tanto o Estado quanto o indivíduo passam a ser guiados pelos valores do mercado. Nesta dissertação buscou-se jogar luz à atividade do empreendedor e para isso foi adotado o método história de vida como caminho metodológico. A história de vida de Tux evidencia que suas narrativas são influenciadas pela ideologia do empreendedorismo. Entretanto, ao contar sua história, emergiram os conflitos, debates de normas, usos de si por si e pelos outros, contradições entre os valores mercantis e valores do bem comum, o que afeta seus processos decisórios. Demonstrou-se como a história de vida pode ser utilizada como um dispositivo ergológico no que tange a convocar o trabalhador para produzir conhecimentos sobre sua atividade. A história de vida de Tux também representa as histórias de vida de muitos outros empreendedores brasileiros, que lutam para manter as suas empresas em funcionamento mesmo perante um cenário desfavorável.

Palavras-Chave: Empreendedorismo; Ergologia; História de Vida; Crítica; Ideologia.

"I HUNT AND KILL ONE LION A DAY": AN ERGOLOGICAL STUDY OF THE LIFE TRAJECTORY OF AN ENTREPRENEUR

ABSTRACT: The objective of this dissertation was to understand, from the ergological perspective, what the life history of an entrepreneur has to reveal about the entrepreneurship. The field of studies of entrepreneurship had as historical landmark the 1970s, when political, economic, social and technological changes caused the phenomenon to gain notoriety, becoming the object of management studies. It was possible to reflect on the alignment of administrative theories with the interests of capital, from the classical school of Administration to the flexible production model. Currently, the debate is around the idea of entrepreneurship, self management. This historical recovery gives indications that entrepreneurship is a depository ideology of neoliberal rationality, which tries to hide the conflicts between capital and labor. This can be confirmed by its heyday at a time of globalization and increased competition, which has resulted in mass layoffs in companies that have failed to keep up with the new competitive landscape. Thus, stimulating discourses of entrepreneurship emerged as a way to achieve success in an attempt to camouflage the unemployment crisis. These discourses influence the decision-making processes of the subjects by being guided by councils, imperatives and norms of conduct that function as a system of domination and cause individuals to assume behaviors compatible with neoliberal values. By adopting the ergological approach to see entrepreneurship as an ideology, we see an imbalance between the poles of the tripolar system (political, market and activity), since both the state and the individual are guided by market values. In this dissertation it was tried to throw light on the activity of the entrepreneur and for this was adopted the method of life history as a methodological path. Tux's life story evidences that his narratives are influenced by the ideology of entrepreneurship. However, in telling his story, conflicts, rule debates, self-uses and for others, contradictions between mercantile values and values of the common good emerged, which affect their decision-making processes. It has been demonstrated how the life history can be used as an ergological device in what concerns to summon the worker to produce knowledge about their activity. Tux's life story also represents the life stories of many other Brazilian entrepreneurs what fight to keep heir business up and running even in the face of unfavorable scenario.

Keywords: Entrepreneurship; Ergology; Life's history; Criticism; Ideology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema Empreendedorismo.....	20
Figura 2: As três eras do Pensamento Empreendedor	35
Figura 3: A estrutura para descrever a criação de novos empreendimentos	38
Figura 4: O empreendedorismo como processo	40
Figura 5: O processo empreendedor considerando o ambiente e o tempo	41
Figura 6: Empreendedorismo: um campo heterogêneo	42
Figura 7: A pluridisciplinaridade ergológica.....	65
Figura 8: Representação Gráfica do Dispositivo Dinâmico a três polos.....	73
Figura 9: O espaço tripolar	78
Figura 10: Esquema lógico da análise de dados	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução do número de empresas optantes pelo Simples Nacional	31
Gráfico 2: Rendimento médio mensal real dos empreendedores (em R\$)	32
Gráfico 3: Motivação dos Empreendedores Iniciais	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos segundo o número de empregos gerados	30
Tabela 2: Distribuição do percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos segundo o faturamento	31
Tabela 3: Distribuição percentual da população segundo a mentalidade empreendedora	33
Tabela 4: Principais fatores limitantes para a abertura e manutenção de novos negócios	33

LISTA DE SIGLAS

DD3P: Dispositivo Dinâmico a Três Polos

EUA: Estados Unidos da América

GEM: Global Entrepreneurship Monitor

GRT: Grupos de Encontro do Trabalho

MEI: Microempreendedor Individual

SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

TTE: Taxa Total de empreendedorismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.2 Objetivos.....	18
1.2.1 Objetivo Geral.....	18
1.2.2 Objetivos Específicos.....	18
2. O EMPREENDEDORISMO.....	20
2.1 A história do empreendedorismo desde a Idade Média até a década de 1970.....	20
2.2 A história do empreendedorismo a partir da década de 1970 e os reflexos no contexto brasileiro.....	29
2.2.1. As três fases da pesquisa em empreendedorismo.....	34
2.3 Definições e contradições no campo de estudos do empreendedorismo.....	36
2.4 O empreendedorismo e os processos decisórios.....	43
2.5 “Como se tornar um empreendedor de sucesso?”.....	46
3. O EMPREENDEDORISMO COMO UMA IDEOLOGIA NEOLIBERAL.....	50
3.1 Fatores que sustentam o crescimento do empreendedorismo.....	52
3.2. As características fundamentais do empreendedorismo como ideologia.....	54
3.3. Por que uma ideologia?.....	56
4. A ERGOLOGIA.....	64
4.1 Contextos, conceitos e heranças.....	64
4.2 A atividade humana e as proposições da ergologia.....	68
4.3 Os Dispositivos Dinâmicos a três polos (DD3P) e o regime de produção de saberes....	72
4.4 O espaço tripolar e as contradições do empreendedorismo.....	76
5. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	84
5.1 O método história de vida.....	85
5.1.1 A história de vida como um dispositivo ergológico.....	87
5.2 Procedimentos Metodológicos.....	93
5.2.1 Coleta de dados.....	94
5.2.2 A dinâmica dos encontros.....	94
5.2.3 A apresentação e análise dos dados.....	96
6. A HISTÓRIA DE VIDA DE TUX.....	97

6.1 Reflexões de Tux sobre ser empreendedor narradas ao longo das narrativas de história de vida.....	123
7. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE TUX E O EMPREENDEDORISMO – UM OLHAR ERGOLÓGICO	129
7.1 As escolhas de Tux: processo decisório e um mundo de valores	130
7.2 As dramáticas vividas por Tux	134
7.3 O empreendedor como prescritor de normas e o uso de si por si e pelos outros	136
7.4 A (re) abertura das empresas – um histórico de renormalizações	139
7.5 As contradições do espaço tripolar e o contexto do empreendedorismo no Brasil	141
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	151

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo compreender, pela perspectiva ergológica, o que a história de vida de um empreendedor tem a revelar sobre o empreendedorismo. Para tanto, utilizou-se o método história de vida como caminho metodológico e a abordagem ergológica para desenvolver as análises. É interessante ressaltar que a ergologia foi utilizada como aporte teórico e metodológico. Teórico, uma vez que esta dissertação se valeu de seus conceitos, como uso de si, corpo-si, dramáticas do uso de si, debate de normas, mundo de valores, renormalizações, espaço tripolar, entre outros conceitos que foram explicados ao longo deste trabalho e que serviram como categorias para as análises. O uso metodológico se referiu à proposição da história de vida como um dispositivo ergológico, fazendo referência ao dispositivo dinâmico de três polos. Isso fez com que a produção de dados fosse desenvolvida de forma ergológica, uma vez que traz para o centro o trabalhador, como protagonista de sua história, de sua atividade e como sujeito central para a produção de conhecimentos sobre o seu trabalho.

O resgate histórico do empreendedorismo mostrou que desde a Idade Média houve registros da atividade empreendedora, com a estagnação do sistema feudal e a ascensão das cidades (VERGA, SILVA, 2014; VALE, 2014). Os primeiros a se interessarem pelo assunto foram os economistas, com destaque para Cantillon, Say e Schumpeter (VERGA; SILVA, 2014; PAIVA JUNIOR; ALMEIDA; GUERRA, 2008). Entretanto, desde essa época nunca houve consenso em se definir o empreendedor ou o empreendedorismo. Buscando o significado em suas origens francesas: “entrepreneur”, que vem do latim “imprehendere” encontrou-se que é o nome dado àquele que se encarrega e que faz alguma construção ou outra coisa (HOSELITZ, 1951; BOAVA; MACEDO, 2006).

Entretanto, esse termo ainda é vago, e foi ao longo do tempo apropriado por diferentes áreas que atribuíram os significados mais adequados ao seu campo, o que fez com que empreendedor e empreendedorismo recebesse múltiplos sentidos, o que tornou o campo ainda mais fragmentado, sem uma estrutura conceitual definida (SHANE; VENKATARAMAN, 2000; BARON; SHANE, 2007).

Após ser alvo de investigações da economia e da psicologia, a partir da década de 1970, o empreendedorismo ganha a atenção do campo de estudos da gestão, e passa a ser

disseminado por meio de discursos que elegem o empreendedorismo como uma solução para a crise do desemprego. O desemprego não é visto mais como um problema social, mas como uma falha do indivíduo que não conseguiu se adaptar às organizações (GAULEJAC, 2007). Esse tipo de discurso que atribui a responsabilidade ao indivíduo, teve maior proeminência no Brasil a partir da década de 1990, com a eleição de Fernando Collor e as mudanças políticas e econômicas pautadas na transição da agenda constitucional reformista para uma agenda competitiva (CORDEIRO; MELLO, 2006).

Por tentar solapar o conflito existente entre capital e trabalho, entendeu-se que o empreendedorismo consiste em uma ideologia depositária de uma racionalidade neoliberal. Essa ideologia é disseminada por meio de discursos, imperativos e normas de conduta que naturalizam essa forma de dominação. O empreendedorismo como ideologia é imbuído de uma racionalidade neoliberal, que segundo Dardot e Laval (2016) destrói regras, instituições e direitos para produzir certas formas de viver e se relacionar com os outros, para fabricar um novo sujeito. A racionalidade neoliberal é sustentada pela competição generalizada, e têm suas origens no novo espírito do capitalismo, transformando o sujeito em um homem-empresa que deve agir e se comportar segundo os valores mercantis. E a ferramenta para que tudo isso aconteça é a gestão, é o discurso do *management*, que se torna um problema ao inverter meios e fins, transformando os homens em meros instrumentos produtivos e os resultados financeiros em fins (GAULEJAC, 2007).

A fundamentação para o pressuposto de que o empreendedorismo pode ser visto como uma ideologia foi buscada em diversas perspectivas. Uma delas é representada pelas inexoráveis harmonias das teorias administrativas abordadas por Tragtemberg. Essa suposta “harmonia” entre capital e trabalho sempre foi disseminada, desde os estudos clássicos da administração (Taylor, Ford e Fayol). A partir da década de 1970, as mudanças no paradigma produtivo influenciadas pelo modelo japonês de produção trouxeram novas configurações no que se espera de um trabalhador: flexibilidade, conhecimento, autocontrole e polivalência, e juntamente com isso a ideia de participação nas decisões da empresa. A forma mais atual expressada por essa harmonia nas teorias administrativas é o empreendedorismo, no qual o sujeito deve ser o empreendedor de si (PAES DE PAULA, 2002; OVIEDO; MISOCZKY, 2017).

Buscar compreender, pela história de vida de um sujeito empreendedor, como ele toma decisões em um contexto de incertezas, contradições e debates de normas, se torna algo

ergológico que mostra como a realidade de um empreendedor (e que representa a realidade de muitos empreendedores) é distante dessas prescrições naturalizadas, mas influenciada continuamente por elas, por meio da mídia, cases de sucesso, livros de autoajuda e os gurus (LEITE; MELO, 2008).

A escolha da ergologia se deu por ser uma *démarche* que traz para o centro o saber produzido pelo protagonista da atividade: “Não podemos julgar o valor das mudanças no trabalho sem se inquietar, do ponto de vista daquele que trabalha” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 29). Para entender o trabalho real do empreendedor, e conseqüentemente o empreendedorismo, é necessário ir até o sujeito e ouvi-lo. Foi isso que justificou a escolha pela ergologia como abordagem teórico/prática/conceitual.

Acredita-se que a ergologia seja uma *démarche* apropriada para buscar o mais “micro” da vivência de um empreendedor, entender os debates que permeiam a vida do empreendedor no dia a dia para assim entender a realidade do empreendedorismo e como as decisões são tomadas. “A ergologia é uma *démarche* que reconhece a atividade humana como debate de normas” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2015, p. 379). Para Schwartz (2000, p. 45), “a ergologia não é uma disciplina no sentido de um novo domínio do saber, mas, sobretudo, uma disciplina de pensamento”. Ela se interessa por aquilo que é próprio das atividades humanas, e tem como foco o trabalho. O projeto da ergologia se constitui em melhor conhecer e melhor intervir em situações de trabalho para transformá-las (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

Por muito tempo, o trabalho foi considerado um local de ausência de escolhas. Entretanto, a ergologia o vê como uma instância rica de todas as arbitragens e usos de si (MAILLIOT; DURRIVE, 2015). A ergologia concebe o trabalho como uma atividade humana, como algo que não se reduz a uma visão mercantil, o que distancia da ideia associada ao trabalho como uma prestação remunerada (SCHWARTZ, 2015). A atividade industriosa é constituída de escolhas feitas até mesmo de forma inconsciente e toda escolha convoca um debate de si com um mundo de valores que é próprio de cada ser (SCHWARTZ, 2002). Quando se considera essa dimensão industriosa da atividade humana, o trabalho se transforma, superando sua concepção simplista que o restringe à execução de tarefas. Existe aí uma convocação de usos de si, de dramáticas, de saberes investidos e instituídos e um debate contínuo sobre as normas que são a todo o momento renormalizadas (SCHWARTZ, 2015).

A ergologia é uma maneira epistemologicamente renovada de produzir conhecimentos sobre o trabalho, considerando sempre a perspectiva do trabalhador e sua experiência

(CUNHA, 2005). Para Souza e Bianco (2010), a ergologia é uma abordagem flexível, que pode ser adotada em qualquer situação de trabalho. Todas as análises são circunstanciais e locais, devendo relatar o que de fato ocorre naquele momento, naquele lugar. Dessa forma, uma análise a partir das proposições ergológicas pode contribuir com os estudos organizacionais que se destinam a pesquisar o trabalho, servindo como uma alternativa aos modelos de análise funcionalistas que predominam neste campo (SOUZA; BIANCO, 2010).

Os saberes dos trabalhadores se distribuem de maneira não linear, não disciplinar e estão ancorados nas histórias e situações concretas (SCHWARTZ, 2000). Por isso, no anseio de conhecer o trabalho pela perspectiva do trabalhador, optou-se pela história de vida como caminho metodológico. É no caso concreto, no contexto social da história de uma vida, que as normas do meio, as saídas encontradas pelo sujeito e os saberes desenvolvidos neste encontro serão confrontados às teorias sobre empreendedorismo e as leituras críticas sobre este. Os saberes que aparecem nas histórias jamais são dados *a priori*, sendo construídos na experiência cotidiana e na interlocução (BARROS; SILVA, 2002).

Nisso, acredita-se que o método história de vida pode ser abordado como um dispositivo ergológico, já que sugere uma confrontação dos saberes, sejam instituídos ou investidos. Neste trabalho foi utilizado um método próprio à psicossociologia como um dispositivo ergológico, sendo que a história de vida ganhou o papel principal, convocando as teorias. Conforme Mailliot e Durrive (2015), a vida antecede os conceitos. Não são os conceitos que têm iniciativa, é a vida. A existência precede as exigências. O que vem em primeiro lugar não é o programa, é a vida; não é o modelo ou o sistema, é a experiência; não é a disposição, é o encontro (MAILLIOT; DURRIVE, 2015). A importância do método história de vida está na riqueza da singularidade proporcionada por esta, ao mesmo tempo em que se relaciona a memórias individuais e coletivas, inserindo os sujeitos em uma história maior que é o contexto social.

Partiu-se da experiência de um empreendedor para compreender, pela história de vida desse sujeito, como ele enfrenta as normas do meio, quais são as saídas encontradas por ele e os saberes desenvolvidos neste encontro. Com isso, a pergunta de pesquisa que norteou o trabalho é: *o que a história de vida de um empreendedor tem a revelar sobre o empreendedorismo, considerando a perspectiva ergológica?*

Esta dissertação é composta por oito seções, contando com essa introdução. A segunda seção se destina a apresentar um resgate histórico do empreendedorismo, desde a Idade Média até os dias atuais. Entender os debates de normas aos quais o termo se sujeitou é fundamental

quando se adota a abordagem ergológica, afinal, os conceitos também têm história. Além disso, a seção dois apresenta a relação entre o empreendedorismo e os processos decisórios e os discursos sobre “como se tornar um empreendedor de sucesso”.

Na terceira seção são expostas as ideias que endossam o pressuposto do empreendedorismo como uma ideologia. Para isso, foi feita a busca em diferentes perspectivas, mostrando como os fatores e as características que sustentam o empreendedorismo sempre estiveram alinhados à ideologia capitalista, e culminando na análise do empreendedorismo como ideologia pelas lentes da Administração. A quarta seção apresenta a ergologia, que foi a abordagem teórico/prática/conceitual escolhida para a realização deste trabalho.

Em seguida, na seção cinco são expostos os caminhos metodológicos, desde a apresentação do método história de vida, a proposição em se utilizar este método como um dispositivo ergológico e os procedimentos percorridos para a realização da pesquisa. Feito isso, na seção seis apresenta-se a história de vida do empreendedor Tux de forma cronológica e algumas reflexões que emergiram das narrativas sobre ser empreendedor. As análises foram estruturadas na seção sete, com base em categorias fundadas em conceitos da ergologia e com base nas narrativas de Tux sobre sua trajetória com o empreendedorismo. Na seção oito se encontram as considerações finais desta dissertação.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Este trabalho teve como objetivo geral compreender, pela perspectiva ergológica, o que a história de vida de um empreendedor tem a revelar sobre o empreendedorismo.

1.2.2 Objetivos Específicos

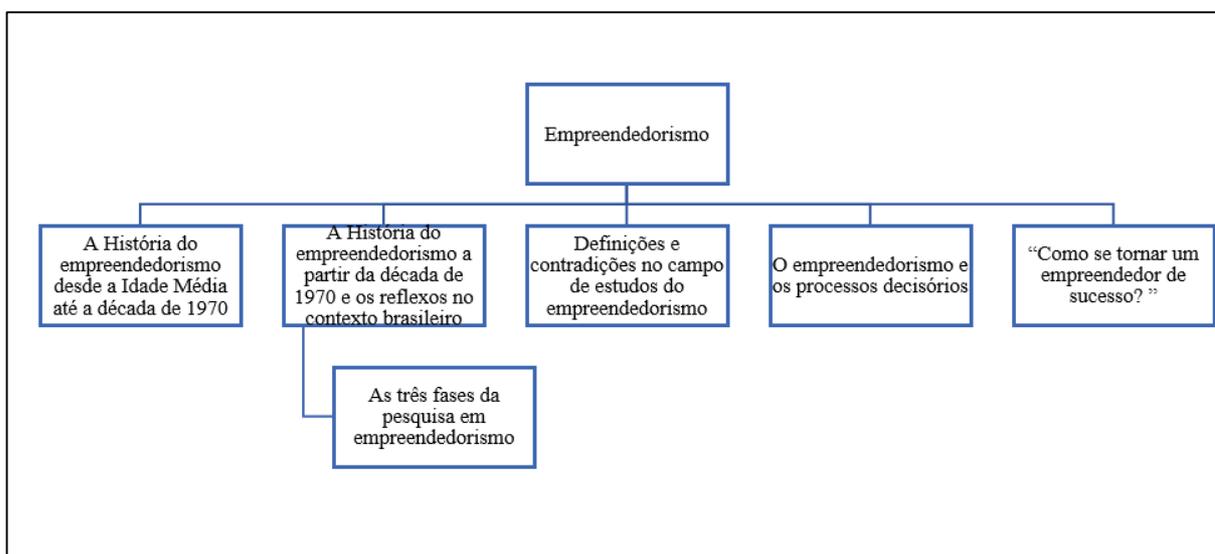
- Investigar na literatura a história e a crítica ao empreendedorismo;

- Entender o empreendedorismo pela vivência narrada pelo empreendedor;
- Compreender a relação entre processos decisórios e empreendedorismo pela abordagem ergológica;
- Buscar nos relatos do empreendedor evidências da dimensão da “atividade” expressas pelas dramáticas do uso de si por si e pelos outros, pelos debates de normas que permeiam o seu cotidiano, pelos confrontos cotidianos que os mesmos enfrentam entre as normas antecedentes e a exigência de renormalizá-las em função da vida e em função da atividade de empreender.
- Refletir sobre o empreendedorismo no atual cenário brasileiro a partir da história de vida do empreendedor Tux.

2. O EMPREENDEDORISMO

Esta seção se destina a apresentar o histórico do empreendedorismo desde a Idade Média até os dias atuais, mostrando os debates de normas existentes na história e evolução deste conceito. Compreender essa trajetória de debates, evoluções, e ressignificações foi fundamental para aprofundar mais sobre o campo estudado. A lógica desta seção foi estruturada conforme o esquema representado na Figura 1:

Figura 1: Esquema Empreendedorismo



Fonte: Elaborado pela autora

2.1 A história do empreendedorismo desde a Idade Média até a década de 1970

Os termos “empreendedorismo” e “empreendedor” vêm da palavra francesa “*entrepreneur*”, que tem origem no latim “*imprehendere*”. Hoselitz (1951) buscou o significado no dicionário de língua francesa, de E. Littré, que traz a seguinte definição: “*celui qui entreprend quelque chose*”, ou seja, aquele que empreende, se encarrega ou se compromete com alguma coisa. Assim, empreendedor pode ser entendido como aquela pessoa que se encarrega de fazer algo, que faz alguma construção ou outra coisa (HOSELITZ, 1951; BOAVA; MACEDO, 2006; VALE, 2014).

A atividade do empreendedor é tão antiga quanto o intercâmbio e o comércio entre os indivíduos na sociedade (LANDSTRÖM, HARIRCHI, ASTRÖM, 2012). Há indícios de que

se começou a falar de empreendedorismo em um contexto de estagnação do sistema feudal e consequente ascensão das cidades (VERGA, SILVA, 2014; VALE, 2014). Entretanto, somente em 1770 o termo foi utilizado para se referir a alguém que controla uma empresa (VALE, 2014). De acordo com Landström, Harirchi, Aström (2012), o conceito ganhou importância com a emergência de trocas mercantis durante a Idade Média, com a evolução das fábricas e manufaturas (VALE, 2014; LANDSTRÖM, HARIRCHI, ASTRÖM, 2012; VERGA E SILVA, 2014).

A evolução do conceito revela uma transformação social, refletindo uma sociedade antes caracterizada pela produção manufatureira e agrária, passando para uma produção mercantil, industrial até chegar ao mundo contemporâneo. Nesse sentido, a história do empreendedorismo, acompanha a história das instituições e costumes que foram evoluindo de acordo com as novas realidades. Desse modo, o conceito e as definições de empreendedorismo foram se transformando ao longo da história e adquirindo novos significados (HOSELITZ, 1951; VALE, 2014).

No século XVI, o termo empreendedor passou a ser designado para caracterizar guerreiros, pessoas que arriscavam suas vidas e fortunas. Já no início do século XVII, a palavra “empreendedor” passou a ser utilizada para designar aquelas pessoas cuja atividade implicava em correr riscos. Mas, nem todos que corriam riscos eram considerados empreendedores. O termo não era aplicável a manufatureiros e mercantes, mas somente a um pequeno grupo de pessoas que estavam à frente de empreendimentos de grande escala. Essas empresas comumente tinham contratos com a coroa, com entidades públicas e forneciam armas ou levantavam construções (HOSELITZ, 1951, p. 235).

Há certo consenso entre os pesquisadores em citar Richard Cantillon e Jean-Baptiste Say como os primeiros a abordarem o termo empreendedor. De acordo com Hoselitz (1951), por muito tempo, os economistas assumiram que o conceito de empreendedor havia sido introduzido por Say. Isso foi apoiado por uma breve passagem do livro de Gide e Rist sobre a história das doutrinas econômicas. Na sétima edição deste livro, foi adicionado que as funções do empreendedor já haviam sido sublinhadas por Cantillon. Hoselitz (1951) assume ser incapaz de encontrar a existência de uma teoria econômica anterior a Cantillon.

O economista francês Richard Cantillon (c.1680 - 1734) é considerado por muitos estudiosos como o criador do termo empreendedorismo (CARVALHO; COSTA, 2015). Ele foi o primeiro autor a dar ao empreendedorismo um significado econômico mais preciso. Sua

obra *Ensaio sobre a natureza do comércio em geral* foi escrita em 1730, mas somente foi publicada em 1755 devido à forte censura do governo francês. Essa obra clássica foi catalogada como "o berço da economia política". Nela, Cantillon descreveu os princípios da economia de mercado antecipada, baseada em direitos individuais de propriedade e interdependência, e reconheceu três classes de agentes econômicos: proprietários de terra, empresários e contratados. Cantillon fez contribuições importantes em diversos campos da análise econômica moderna: epistemologia da economia, microeconomia, teoria macroeconômica e monetária e economia internacional (LANDSTRÖM, HARIRCHI, ASTRÖM, 2012; OVIEDO; MISOCZKY, 2017).

Cantillon inicia sua obra descrevendo de onde vem a riqueza. Para o economista, que era considerado um capitalista de risco, a origem da riqueza é a terra. Em si, a riqueza não é outra coisa senão comida, confortos e coisas supérfluas que tornam a vida mais agradável (CANTILLON, 1755/1950). Cantillon define o empreendedor como alguém que corre riscos em função de sua atividade e que compra a matéria prima a um preço certo para revendê-la a um preço incerto (BOAVA; MACEDO, 2006). É o que ele explica no seguinte trecho:

Por esta razão, muitas pessoas na cidade tornam-se comerciantes ou empreendedores, comprando produtos do campo para aqueles que os trazem para eles, ou trazendo-os por conta própria: eles pagam assim, por um determinado preço, de acordo com o lugar onde os compram, revendem por atacado ou varejo, a um preço incerto (CANTILLON, 1755/1950, p. 21, tradução nossa).

Cantillon afirma que, desde agricultores a artesãos, todos aqueles que trabalham por sua conta e risco são considerados empreendedores. Ele ainda descreve que alguns ficam ricos e ganham mais que o dobro de sua subsistência, enquanto outros acabam arruinados e quebrados (CANTILLON, 1755/1950).

Em sua obra, Cantillon diferencia o empreendedor do capitalista, sendo o primeiro alguém que assume riscos enquanto o último sendo aquele que fornece o capital. O empreendedor é um indivíduo racional, que opera em uma sociedade mercantil, na qual tudo é regulado pela concorrência do mercado, devendo, pois, ter capacidade para avaliar possíveis acontecimentos, calculando riscos. Para Cantillon, o empreendedor é ainda um decisor racional que assume o risco e gere a empresa com o objetivo de alcançar o lucro (CARVALHO; COSTA, 2015).

Verga e Silva (2014) também apresentam a contribuição de Cantillon como crucial para as origens do empreendedorismo, uma vez que ele descrevia os empreendedores como pessoas que estavam envolvidas em trocas de mercadorias direcionadas ao lucro e decisões

empresarias, tomadas em face das incertezas. O livro de Cantillon teve grande influência na teoria de Adam Smith e outros fisiocratas franceses. No entanto, caiu no esquecimento durante grande parte do século XIX.

Outro nome que se destaca dentre os precursores do empreendedorismo é Adam Smith (1723-1790), quem introduziu a noção de empreendedor ao pensamento inglês. Em sua obra *A riqueza das nações*, publicada em 1776, ele descreve o empreendedor como um tipo específico de empresário. Adam Smith aponta três tipos de empresários: 1) o aventureiro ou especulador que investe o seu capital em empreendimentos de elevado risco; 2) o projetor que arquiteta e realiza planos, produz invenções de forma arriscada; 3) o empreendedor que realiza projetos medindo riscos e agindo de forma mais ponderada. Em sua obra, ele aponta o empreendedor como um trabalhador superior, especulador e acumulador de riquezas que reage às mudanças econômicas e que tem a capacidade de transformar procura em oferta (MACHADO; NASSIF, 2014; CARVALHO; COSTA, 2015).

Adam Smith teve grande influência para a teoria econômica clássica em meados do século XVIII. Ele apresenta a ideia de empreendedor um pouco diferente de Cantillon, caracterizando esse agente como uma pessoa mais passiva, prudente e cautelosa, que se ajustava às circunstâncias. Em sua obra, quem assume a posição central é o capitalista. Com isso, o empreendedor praticamente desapareceu na teoria econômica por muito tempo (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012) voltando a aparecer com a publicação de Say.

Para Say, que publicou a sua obra em 1803, o empreendedor é um mediador, um coordenador, que combina diferentes fatores de produção, de maneira a produzir um determinado bem. É, também, aquele que, sem ser o cientista, é capaz de usar uma invenção e explorar uma inovação. Say foi um empreendedor que manteve por vários anos uma empresa de fiação e tecelagem. Porém, preso a um modelo econômico baseado em pressupostos de equilíbrio e estabilidade, não conseguiu enxergar a relação entre a atividade empreendedora, a acumulação de capital e o progresso (VALE, 2014).

Para Say, o empreendedor era aquele que transferia recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento (DRUCKER, 1987; CARVALHO; COSTA, 2015). Say defendia que o sistema produtivo era representado por três funções diferentes: pelo especialista que produz conhecimentos; o empreendedor que põe os conhecimentos em prática para produzir novas utilidades e o operário que executa a operação produtiva. Assim, o empreendedor era

basicamente um mediador entre o conhecimento e a execução (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 151).

Nesse sentido, o empreendedor desempenhava o papel de coordenação entre a produção e a distribuição de um produto ou serviço. Era um agente que combinava os fatores de produção para resultar em novos empreendimentos. Essa definição da função de coordenação é considerada uma das principais contribuições de Say para o histórico do empreendedorismo (VERGA; SILVA, 2014; CARVALHO; COSTA, 2015).

No final do século XIX e início do século XX, tem-se a visão do empreendedor pela Escola Austríaca, que enfatizava a importância da subjetividade na teoria econômica. Seu principal precursor foi Carl Menger (1840-1921). Em sua obra *Princípios da Economia*, publicada em 1871, Menger afirmava que a atividade do empreendedor incluía a busca de informações econômicas, assim como a transformação de materiais e a supervisão da produção (MACHADO; NASSIF, 2014).

O líder da escola austríaca foi Ludwig von Mises (1881-1973), cujos estudos apresentaram a noção de independência dos indivíduos e da capacidade da ação humana em fazer uso das oportunidades. Seu pensamento influenciou Friederich Von Hayek (1899-1992), quem destacou a importância da dispersão do conhecimento na sociedade para favorecer o processo de descobertas (MACHADO; NASSIF, 2014).

Outro pesquisador que ficou conhecido nessa linhagem foi Frank Knight. Em sua tese *Risco, Incerteza e Lucro* (1916, revisada em 1921), Knight retomou as ideias de Cantillon sobre o risco e foi o primeiro a fazer uma distinção entre risco e incerteza. Ele argumentou que os retornos empresariais resultam de atividades que não podem ser previstas. Para Knight, a competência empreendedora está relacionada à capacidade do indivíduo em lidar com a incerteza. Ao agir em um contexto de incerteza, o empreendedor introduz melhorias em termos tecnológicos e de organização de negócios, abrindo caminho para o progresso econômico (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM; 2012; VALE, 2014).

Atualmente, o discípulo mais relevante da tradição austríaca é Israel Kirzner (1973). Discípulo de Ludwig Von Mises, Kirzner acredita que o empreendedor é uma pessoa que está sempre alerta às imperfeições do mercado graças a informações sobre as necessidades e recursos de diferentes atores. O empreendedor é capaz de coordenar recursos de uma forma mais eficaz, criando assim o equilíbrio. Essa visão de Kirzner se opõe a concepção de

Schumpeter, quem acreditava que o empreendedor era o agente do desequilíbrio (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012; MACHADO; NASSIF, 2014).

Kirzner (1973) valoriza o reconhecimento da oportunidade no processo empreendedor. Ele acredita que os desequilíbrios do mercado é que potencializam o surgimento dos empreendedores, na medida em que estes são estimulados para o caminho da descoberta e da inovação, permitindo novos pontos de equilíbrio, através de uma maior eficiência de recursos (CARVALHO; COSTA, 2015).

No século XIX, os estudos sobre o empreendedorismo foram influenciados por sociólogos, como Max Weber (1864-1920) e Werner Sombart (1863-1941). Sombart foi quem deu início à ideia do empreendedor como um agente da destruição criativa. Enquanto Weber representa a noção de empresário pela ética em conjunto com a busca de riqueza, que valorizava o trabalho e a busca de rendimentos e lucros (MACHADO; NASSIF, 2014).

Mesmo não sendo o objeto de suas obras, Weber foi um dos primeiros sociólogos a manifestar interesse pelos empreendedores. Ele identificou o sistema de valores como um elemento fundamental para a explicação do comportamento empreendedor (FILION, 1999).

Para Weber, ao empreendedor moderno é exigido um trabalho muito mais intenso e qualidades éticas bem diferentes daquelas adaptadas ao tradicionalismo. Eles trabalham sem descanso, pois nunca estão satisfeitos com o que têm. O homem passa a existir para o seu trabalho, quando deveria ser o contrário. O indivíduo empreendedor vê a sua atividade como uma vocação, e trabalhar sem descanso se torna uma obrigação ética (WEBER, 2004).

E da mesma forma não foram geralmente especuladores temerários e sem escrúpulos, aventureiros econômicos, desses que se encontram em todas as épocas da história da economia, nem simplesmente “ricachos”, os agentes que deram essa guinada aparentemente discreta e no entanto decisiva para que na vida econômica se impusesse esse novo espírito, mas sim homens criados na dura escola da vida, a um só tempo audazes e ponderados, mas sobretudo sóbrios e constantes, sagazes e inteiramente devotados à causa, homens com visões e “princípios” rigorosamente burgueses (WEBER, 2004, p. 61 E 62).

[...] responderão simplesmente que os negócios e o trabalho constante tornaram-se “indispensáveis à vida”. Esta última é de fato a única motivação pertinente, e ela expressa ao mesmo tempo [do ponto de vista da felicidade pessoal] o quanto há de [tão] irracional numa conduta de vida em que o ser humano existe para o seu negócio e não o contrário. (WEBER, 2004, p. 62).

A obra de Weber foi utilizada mais tarde por McClelland para falar sobre a necessidade de realização, poder e afiliação, que guiam o empreendedor.

Já em meados do século XX, a economia tornou-se mais consolidada como uma disciplina, o que dificultou a inclusão de estudos sobre o empreendedor em seus modelos. Na década de 1940, uma série de estudos ancorados na economia e na história começaram a se interessar novamente pelo empreendedorismo, principalmente no Centro de Pesquisa em História Empresarial da Universidade de Harvard. Os estudos se pautavam na abordagem schumpeteriana, focando os processos de modernização das sociedades em todo o mundo (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012).

O economista Joseph Schumpeter aspirava construir uma nova teoria econômica pautada na mudança e na inovação. Para ele, o crescimento econômico não foi resultado da acumulação de capital, mas sim de novas combinações, as inovações (LANDSTRÖM, HARIRCHI, ASTRÖM, 2012). Nisso, ele define qual é o papel do empreendedor:

[...] reformar ou revolucionar o sistema de produção através do uso de uma invenção ou, de maneira mais geral, de uma nova possibilidade tecnológica para a produção de uma nova mercadoria ou fabricação de uma antiga em forma moderna, através da abertura de novas fontes de suprimento de materiais, novos canais de distribuição, reorganização da indústria, e assim por diante (SCHUMPETER, 1961, p. 166).

Schumpeter reposiciona o empreendedor no centro do processo econômico, atribuindo a ele a responsabilidade pela “destruição criativa” (SCHUMPETER, 1961). A “destruição criativa” consiste em um processo orgânico, de permanente mutação, que “incessantemente revoluciona a estrutura econômica a partir de dentro, destruindo a velha e criando uma nova estrutura” (LEITE, 2012, p. 28). A realização de combinações novas é que constitui o empreendedor e por isto, não é necessário que ele esteja permanentemente vinculado a uma empresa individual. O empreendedor, na visão de Schumpeter, é meramente o portador do mecanismo da mudança (SCHUMPETER, 1997).

Para Schumpeter (1961), chama-se “empreendimento” a realização de combinações novas; e “empreendedores” os indivíduos cuja função é realizá-las.

A construção das estradas-de-ferro na sua primeira fase, a produção de energia elétrica antes da I Guerra Mundial, o vapor e o aço, o automóvel e as aventuras dos tempos coloniais, fornecem exemplos espetaculares de gêneros de negócios que abarcam inúmeros outros menores, inclusive o de transformar em êxito uma determinada marca de salsicha ou escova de dentes. (SCHUMPETER, 1961, p. 166).

A função do empreendedor não reside somente no fato de criar algo novo, mas sim conseguir resultados. Schumpeter (1997) compara o empreendedor aos guerreiros feudais, um tipo de liderança individual, que atua em virtude do poder e responsabilidade pessoal, por intermédio do sucesso. Dessa forma, ele afirma que a posição ocupada pelo empreendedor

fica ameaçada tal qual a dos guerreiros feudais, quando essa posição perde sua importância no processo social. Ele acreditava que essa função perderia importância cada vez mais rápido (SCHUMPETER, 1997), no entanto, não é o que se observa nos tempos atuais.

É possível perceber que Schumpeter não afirma exatamente o que o empreendedor é, ele diz sobre suas funções. Uma delas é a função de inovação que possibilita a manutenção de um sistema liberal que supera suas contradições por meio de uma dinâmica de destruição da criação. Schumpeter considera que os empreendedores devem reformar e revolucionar o sistema produtivo e apenas enquanto fizerem isso serão considerados empreendedores (BRUYAT; JULIEN, 2000).

Isso quer dizer que, para Schumpeter, ser empreendedor não é uma profissão e nem uma condição duradoura, o que faz com que estes atores não se encaixem em nenhuma classe social e nem constituam uma. Por meio de sua função, o empreendedor poderá se tornar bem-sucedido e ocupar certas posições de classe. Para o autor, esse “empresário” se move na sociedade como um “novo rico”, mas, não possui nenhuma tradição cultural ou posição a recorrer. Isso causa uma precariedade da posição econômica dos empreendedores individuais e dos empresários enquanto grupo (SCHUMPETER, 1997).

Os empreendedores são absorvidos pela camada burguesa, isso porque a sua função afeta toda esta camada. A burguesia depende do empreendedor, e como classe, viverá e morrerá com ele. Embora o empresário não seja tipicamente um burguês, ele passa a fazer parte dessa camada quando obtêm êxito na vida (SCHUMPETER, 1997).

Já na década de 1960, surgiu o interesse dentre a psicologia e sociologia em estudar o empreendedor a partir de suas características comportamentais. O principal expoente desses estudos foi David McClelland, com sua obra *The Achieving Society* (1961) (FILION, 1999; LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012). McClelland (1961) afirmava que o empreendedor era aquele que produzia uma quantidade além do seu consumo pessoal:

An entrepreneur was defined as someone who exercises some control over the means of production and produces more than he can consumed in order to sell (or exchange) it for individual (or household) income. (McClelland, 1961, p. 65)

Para McClelland, era a necessidade de realização que levava os empreendedores a não pararem de trabalhar. A maioria deles trabalhava cerca de 60 horas semanais (LEITE, 2012). Com base na obra de Weber, McClelland sugeriu que o espírito do capitalismo moderno carrega consigo um sistema de valores que conduzem os indivíduos a uma alta motivação

voltada à realização. Os mecanismos psicológicos intervêm nesses valores associados ao protestantismo ou ao industrialismo moderno, como a educação e o treinamento para a independência dos filhos (LEITE, 2012).

McClelland (1961) isolou certos fatores psicológicos na tentativa de demonstrar rigorosamente, por métodos quantitativos, como estes fatores são importantes para o desenvolvimento econômico. McClelland (1961, p. 205) indaga como um alto nível de realização pode resultar em um desenvolvimento econômico mais acelerado? A resposta para isso seria o empreendedor, o homem que organiza a firma, um negócio, e/ou aumenta a capacidade produtiva (MCCLELLAND, 1961).

Famoso por seus estudos relacionados a motivação na década de 1960, McClelland buscou mostrar que a base comportamento do empreendedor era moldada pelo ambiente, pela necessidade de realização, e não decorriam de aspectos genéticos do indivíduo. Para o autor, era a necessidade de realização que impulsionava o desenvolvimento econômico de uma região. Essa necessidade seria desenvolvida a partir da cultura, das experiências e da aprendizagem. O empreendedor era, para McClelland, um produto do meio (BARLACH, 2014).

Para provar a diferença entre o desenvolvimento econômico de certas regiões e sua relação com o empreendedor, seus estudos tinham o objetivo de demonstrar que o empreendedorismo funciona melhor em certas culturas devido ao nível de necessidade de realização. Assim, ele analisou contos folclóricos de diversas culturas e percebeu que o folclore norte-americano se apresenta carregado de necessidade de realização por meio da representação de heróis. Esses heróis eram vistos como modelos a serem imitados (LEITE, 2012).

Além da necessidade de realização, McClelland (1961) percebeu em seus estudos que os indivíduos são motivados também pela necessidade de afiliação e poder. A necessidade de realização leva os empreendedores a executarem o seu trabalho da melhor forma possível, sendo eficiente e eficaz. Por isso, o comportamento do empreendedor apresenta constante necessidade de receber *feedbacks*. A necessidade de afiliação está relacionada aos relacionamentos interpessoais, à necessidade de estar próximo a outras pessoas. A necessidade de poder é aquela que as pessoas têm de dominar ou influenciar outras. No caso dos empreendedores, essa necessidade de convencer outras pessoas de suas opiniões ou

propiciar-lhes o experimento de fortes emoções também é uma necessidade de exercer influência (LEITE, 2012). A teoria de McClelland (1961) é constantemente criticada por sua simplicidade e por considerar que o comportamento de indivíduos, sociedades e organizações pode se pautar em apenas dois fatores – realização e poder (FILION, 1999).

2.2 A história do empreendedorismo a partir da década de 1970 e os reflexos no contexto brasileiro

As décadas de 1960 e 1970 foram caracterizadas por grandes mudanças econômicas na sociedade. As mudanças ocasionadas pela tecnologia impactaram desde as indústrias, as grandes empresas e alcançaram também os pequenos negócios. Nesse mesmo período, houveram mudanças políticas nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, principalmente influenciadas por políticos como Ronald Reagan e Margaret Thatcher que afetaram a dinâmica mundial. Com essas mudanças, o empreendedorismo veio à tona novamente e se tornou um tema dominante na sociedade (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012).

Essas mudanças baseadas na lógica de mercado que vigorava nos Estados Unidos e que se espalharam pelo mundo também afetaram o Brasil e tiveram evidência a partir do início da década de 1990, com a eleição do presidente Fernando Collor de Melo. A agenda constitucional reformista foi alterada para a agenda competitiva, o que fez com que o Estado perdesse força na regulação da economia, dando espaço para a ascensão do liberalismo (CORDEIRO; MELLO, 2006).

O aumento da competitividade causado pela globalização ocasionou a demissão de muitos empregados, principalmente em empresas que não conseguiram se manter no mercado, diante da competição mundial. Sem muitas expectativas no mercado formal de trabalho, essas pessoas acabavam abrindo seu próprio negócio e se tornando “empreendedores”, muitas vezes informais (DORNELAS, 2008). Esse fato estimulou o aumento na preocupação com as políticas voltadas ao empreendedorismo no Brasil (NATIVIDADE, 2009).

Assim, o cenário brasileiro se voltou a iniciativas ofensivas e defensivas no que tange ao estímulo ao empreendedorismo individual e de pequeno porte. As iniciativas defensivas se referem a programas e projetos voltados a qualificar empreendedores motivados pela

necessidade, enquanto as estratégias ofensivas se referem a ações e programas para despertar vocações empreendedoras capazes de identificar oportunidades de negócios (COLBARI, 2015).

Essas estratégias se refletem no contexto brasileiro atual, o que pode ser visto pelos dados levantados pelo Relatório GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*), principal relatório sobre empreendedorismo no mundo. Segundo o GEM Brasil, em 2017, a taxa total de empreendedorismo para o Brasil (TTE) foi de 36,4%, ou seja, cerca de 50 milhões de brasileiros com idade entre 18 e 64 anos estavam envolvidos em algum negócio, como empreendedor em estágio inicial ou estabelecido. Para efeito de comparação, em 2002 esse número era de 14,4 milhões correspondendo a uma taxa de 13,5%.

O que se percebe no Brasil é um empreendedorismo sustentado por pequenos negócios. A Tabela 1 mostra que a maioria dos empreendedores iniciais e estabelecidos não possuem nenhum empregado, ou seja, são empreendedores individuais, normalmente pequenos empreendedores que buscam no empreendedorismo a sobrevivência.

Tabela 1: Distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos segundo o número de empregos gerados

Faixas de empregados	% de empreendedores	
	Iniciais	Estabelecidos
Não informou	20,7	0,3
Nenhum empregado	58,3	68,4
1 empregado	14,5	18,5
2 empregados	3,4	6,1
3 ou mais empregados	3,1	6,7
Total	100,0	100,0

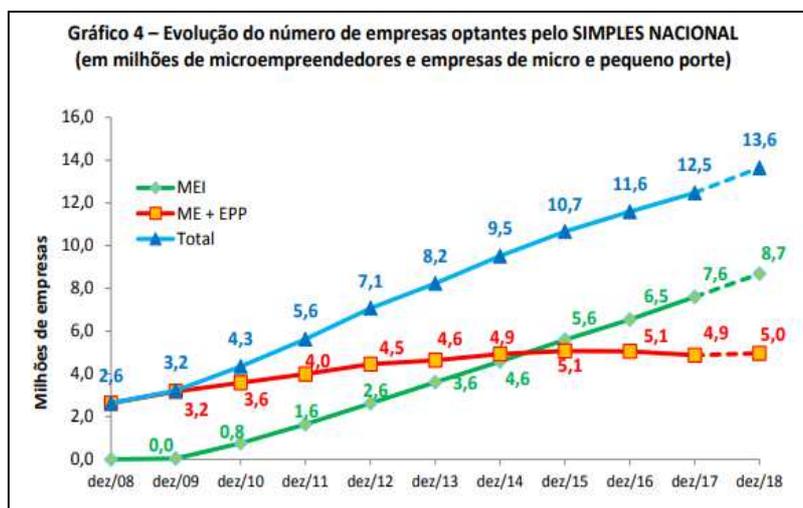
Fonte: Relatório GEM Brasil (2017)

Infere-se que esses números estejam recebendo o impacto do crescimento progressivo dos registros de MEI (Microempreendedor Individual) nos últimos anos. É relevante ressaltar que o Relatório GEM abarca todo e qualquer tipo de empreendedorismo, desde aqueles situados na base da pirâmide, muito simples, focados talvez na exclusiva subsistência daquele que empreende, como também em negócios de alto valor agregado e com conteúdo inovativo (GEM, 2017).

De acordo com o Relatório do SEBRAE (2017), o MEI tem baixo impacto sobre o PIB, e sua importância está mais relacionada ao resgate da cidadania de indivíduos que

estavam em situação informal. Os benefícios do MEI se concentram em acesso à previdência, possibilidade de emissão de nota fiscal, maior acesso ao crédito, reconhecimento oficial do negócio, redução da precariedade das relações de trabalho. No Gráfico 1 é possível observar o crescimento dos registros de MEI nos últimos dez anos:

Gráfico 1: Evolução do número de empresas optantes pelo Simples Nacional



Fonte: Relatório SEBRAE (2017)

Tabela 2: Distribuição do percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos segundo o faturamento

Faixas de faturamento	% de empreendedores	
	Iniciais	Estabelecidos
Não informaram faturamento	0,7	3,8
Ainda não faturou nada	21,9	0,0
Até R\$ 12.000,00	52,0	50,5
De R\$ 12.000,01 a R\$ 24.000,00	16,9	24,5
De R\$ 24.000,01 a R\$ 36.000,00	3,9	9,6
De R\$ 36.000,01 a R\$ 48.000,00	1,9	6,7
De R\$ 48.000,01 a R\$ 60.000,00	1,7	1,7
De R\$ 60.000,01 a R\$ 360.000,00	1,0	2,9
De R\$ 360.000,01 a R\$ 1.200.000,00	0,0	0,3
Total	100,0	100,0

Fonte: Relatório GEM Brasil (2017)

O que se analisa na Tabela 2 é que o empreendedorismo brasileiro consiste muito mais em uma forma de subsistência, uma vez que a metade dos negócios iniciais e estabelecidos fatura apenas cerca de um salário mínimo por mês, ou até R\$ 12.000 por ano (GEM, 2017). Essa situação crítica do rendimento do empreendedor brasileiro também pode ser representada

pelo Gráfico 2, extraído do Relatório do SEBRAE (2017) e que apresenta uma renda média mensal pouco maior do que dois salários mínimos:

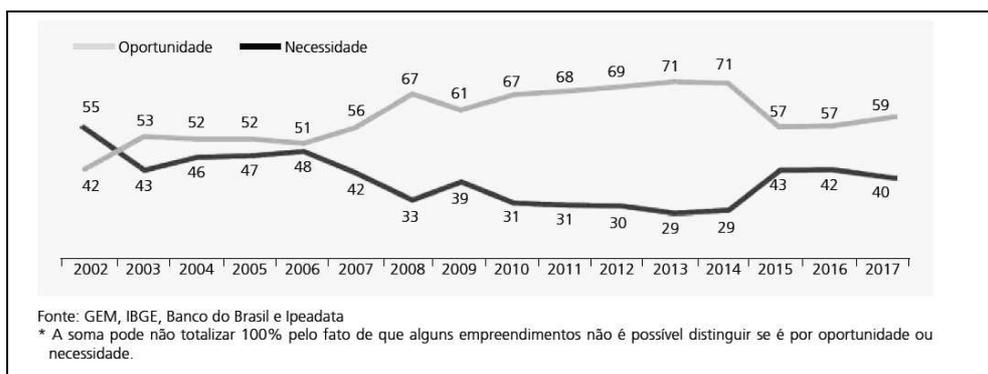
Gráfico 2: Rendimento médio mensal real dos empreendedores (em R\$)



Fonte: Relatório SEBRAE (2017)

Mesmo assim, os dados levantados pelo Relatório GEM Brasil (2017) mostram que a maioria dos empreendedores se declararam estar na situação de empreendedores por oportunidade, conforme mostra a Gráfico 3.

Gráfico 3: Motivação dos Empreendedores Iniciais



Fonte: Relatório GEM Brasil (2017)

Situação diferente de dezesseis anos atrás, quando 55,5% se declaravam ser empreendedores por necessidade. Desde então, os empreendedores por oportunidade têm superado a porcentagem de empreendedores por necessidade. Esse fato levanta alguns questionamentos, uma vez que a renda média do empreendedor brasileiro fica pouco acima de dois salários mínimos. Será que esses empreendedores estão nessa situação realmente por

oportunidade? Nesse sentido, é relevante notar que há indícios que apontam para uma mudança na mentalidade do brasileiro em relação a esse sonho de ter o próprio negócio, como pode-se perceber pela Tabela 3:

Tabela 3: Distribuição percentual da população segundo a mentalidade empreendedora

Mentalidade	% da população	
	2016	2017
Sonha ter um negócio próprio	31,7	17,9
Afirmam conhecer pessoalmente alguém que começou um novo negócio nos últimos 2 anos	41,3	56,5
Afirmam perceber, para os próximos seis meses, boas oportunidades para se começar um novo negócio nas proximidades onde vivem	40,2	46,4
Afirmam ter o conhecimento, a habilidade e a experiência necessários para iniciar um novo negócio	53,6	55,9
Afirmam que o medo de fracassar não impediria que começassem um novo negócio	57,6	56,5

Fonte: Relatório GEM Brasil (2017)

Essa redução na mentalidade de ter o próprio negócio pode estar relacionada ao clima de instabilidade política e devido a aspectos dificultadores, como políticas governamentais e programas, apoio financeiro e contexto político e clima econômico, conforme mostra a Tabela 4.

Tabela 4: Principais fatores limitantes para a abertura e manutenção de novos negócios

Fatores	% dos especialistas
² Políticas governamentais e programas	86,7
Apoio financeiro	45,0
³ Contexto político e Clima Econômico	28,3

Fonte GEM Brasil 2017

¹ Percentual dos respondentes que mencionaram o fator. O especialista pode ter mencionado mais de um fator.

² Políticas governamentais e programas: Políticas governamentais; Programas; Diferenças devida ao porte da Empresa; Internacionalização; Custo do Trabalho; Acesso e Regulamentação.

³ Contexto político e Clima Econômico: Clima econômico; Contexto político, Institucional e Social; Crise Internacional; Corrupção.

Fonte: Relatório GEM Brasil (2017)

Assim, conforme o Relatório GEM Brasil (2017), dentre os três fatores mais citados como limitadores aparece o contexto político e o clima econômico. Nos anos recentes é a primeira vez que esse fator figura com tamanho destaque, porém as explicações decorrem da crise política que se asseverou em 2016 e 2017 com consequências evidentes para a iniciativa de se empreender no contexto brasileiro.

O crescimento do índice de pequenas empresas é algo que chama a atenção não só no Brasil, como também em outros países. Essa tendência já havia sido observada anteriormente nos Estados Unidos. Essa foi uma das conclusões do trabalho seminal de David Birch: *The Job Generation Process*, publicado em 1979, que evidenciou que a maioria dos novos empregos norte-americanos eram gerados por pequenas e novas empresas. Esse resultado gerou um impacto não só sobre as pesquisas relacionadas ao empreendedorismo, como também afetou decisões políticas, uma vez que forneceu um motivo para enquadrar as pequenas empresas nas análises de desenvolvimento econômico (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012). Esse fato marca o início da fase de estudos do empreendedorismo denominada decolagem. As fases da pesquisa em empreendedorismo serão explicadas na próxima seção.

2.2.1. As três fases da pesquisa em empreendedorismo

É possível visualizar a pesquisa em empreendedorismo em três fases diferentes a partir da década de 1980 (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012):

- 1) decolagem;
- 2) crescimento;
- 3) busca por maturação.

A fase de decolagem tem como ponto de partida os estudos relacionados a traços de comportamentos e personalidades empreendedoras. O empreendedorismo ainda era considerado um campo de baixa entrada, ou seja, contava com pesquisas fragmentadas e projetos individuais das áreas da economia e psicologia. Não havia uma comunidade científica de pesquisadores engajados em investigar sobre o empreendedorismo e debater sobre o campo, na época considerado como promissor (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012).

A fase de crescimento pode ser compreendida pelos estudos da década de 1990. Nesta década, houve um aumento no número de periódicos e conferências interessados no empreendedorismo, além de um aumento também nos programas de educação e empreendedorismo. Com a ambição de entender melhor o fenômeno, houve uma entrada significativa de novos pesquisadores para o campo. Essa mobilidade dentro e fora do campo fez com que a pesquisa se tornasse ainda mais fragmentada, principalmente em relação a estrutura teórica do empreendedorismo (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012). Esse

motivo levou os pesquisadores Shane e Venkataraman (2000) a caracterizarem a pesquisa em empreendedorismo como uma “miscelânea”.

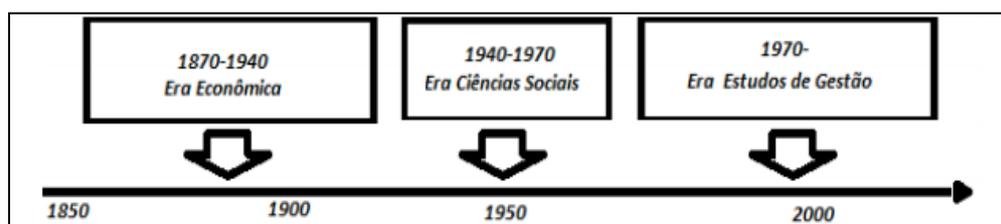
Com esse panorama, iniciou-se uma busca pela maturação do campo, o que consiste na terceira fase. Essa fase tem como importante contribuição o trabalho de Shane e Venkataraman (2000), que buscaram construir uma estrutura conceitual do empreendedorismo, a partir de uma discussão mais aprofundada dos conceitos, além de uma delimitação do campo de pesquisa. A crítica destes autores está relacionada à falta de uma comunidade mais homogênea para debater o tema.

Atualmente, se vê uma ampliação do campo empreendedorismo em várias direções, como por exemplo, o aumento de estudos que adotam a lente social. Além disso, o empreendedorismo tem se tornado cada vez mais autorreflexivo e mais orientado internamente, destacando o fato de que existe uma tendência isomórfica nas pesquisas sobre esta temática, prevalecendo estudos norte-americanos (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012).

Percebe-se então que o campo de pesquisa do empreendedorismo passou por um notável crescimento nas últimas três décadas, e que tem chamado a atenção de pesquisadores de diferentes áreas. Como resultado, têm-se dois grupos de estudiosos do fenômeno: de um lado, um grupo de "pesquisadores do empreendedorismo" que têm suas raízes principalmente nos estudos de gestão. De outro lado, um grupo disperso de estudiosos de diversas disciplinas e que realizam estudos pontuais sobre o empreendedorismo (LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012).

Para um melhor entendimento lógico da história do empreendedorismo, os estudos podem ser classificados em três grandes eras do pensamento empreendedor, conforme pode se observar na Figura 2:

Figura 2: As três eras do Pensamento Empreendedor



Fonte: Landström e Benner (2010, p. 20) citado por Verga e Silva (2014, p.7)

A Era Econômica (1870-1940) se inicia com os estudos de Cantillon, e perpassa por Say, Knight, Schumpeter, até chegar à Escola Austríaca. A Era Ciências Sociais (1940-1970) foi marcada por estudos do empreendedor como indivíduo, recebendo a contribuição de psicólogos e sociólogos. Os psicólogos estudavam os traços de personalidade do empreendedor, enquanto os sociólogos se voltavam ao papel deste na mudança social. Nessa era, surgiram as questões de pressupostos filosóficos, relacionados a questões ontológicas e epistemológicas (VERGA; SILVA, 2014). A Era Estudos de Gestão, que se iniciou na década de 1970 e persiste até hoje, tem sido marcada por mudanças políticas, econômicas e tecnológicas, o que torna o empreendedorismo um tema dominante na sociedade (VERGA; SILVA, 2014).

2.3 Definições e contradições no campo de estudos do empreendedorismo

Após esta retomada histórica e visto que atualmente os pesquisadores estão em busca de maturidade no campo do empreendedorismo, há de se questionar sobre as definições e conceitos relacionados a esse fenômeno. Esta seção se baseou nas ideias de pesquisadores que se arriscaram a traçar algumas direções teóricas mais robustas, como Gartner (1985 e 1990), Shane e Venkataraman (2000), Bruyat e Julien (2000) e Baron e Shane (2007).

Com o decorrer do tempo, o empreendedorismo foi estudado por diversas lentes. Isso fez com que os pesquisadores se esforçassem para traçar as perspectivas do empreendedorismo, buscando traçar uma estrutura conceitual. No entanto, essas visões ainda não foram consolidadas, devido à falta de consenso entre a comunidade científica. Isso resulta em diversas perspectivas traçadas por diferentes autores (SHANE; VENKATARAMAN, 2000; LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012). Assim, a história mostra que o empreendedorismo recebeu contribuições de variados campos, o que resultou em definições complexas e diferentes para um mesmo fenômeno. Baron e Shane (2007, p.6) consideram que:

[...] definições são sempre traiçoeiras, e para uma área nova como o empreendedorismo, a tarefa é ainda mais complexa. Não é de surpreender, então, que não exista atualmente um consenso sobre a definição de empreendedorismo como uma área de estudos dos negócios ou como uma atividade em que as pessoas se envolvem (BARON; SHANE, 2007, p. 6).

Essa dispersão dos estudos em torno de diversas disciplinas levou Bruyat e Julien (2000) a questionarem as definições para o termo. Segundo os autores, nenhuma definição é boa em si mesma. Ela é apenas um construto a serviço de questões de pesquisa que interessam a uma comunidade científica em um determinado momento. Assim, eles afirmam que as definições podem ser vistas como algo biodegradável ou transacional, ou seja, atendem a um uso em determinado momento. Para ser útil, uma definição deve poder ser usada para construir teorias e realizar pesquisas empíricas mais efetivas, a fim de obter melhor compreensão sobre o fenômeno e fazer previsões de qualidade. Além disso, uma definição útil deve ser compartilhada pelos pesquisadores do campo com o objetivo de promover a acumulação de conhecimento (BRUYAT; JULIEN, 2000).

Nessa mesma direção, Davidsson, Low e Wright (2001) levantaram a seguinte questão: o objetivo da pesquisa sobre empreendedorismo é construir conhecimento e facilitar a criação de novas atividades econômicas ou novas organizações ou essa pesquisa deve se limitar ao nível micro, com foco no papel da nova empresa ou das novas organizações no desenvolvimento da sociedade? Gartner (1990, p. 16) também expõe o seguinte questionamento: “O empreendedorismo é apenas um chavão, ou tem características particulares que podem ser identificadas e estudadas?” (BRUYAT; JULIEN, 2000).

Davidsson, Low e Wright (2001), Gartner (1985) e Shane e Venkataraman (2000) são provavelmente os principais proponentes para o desenvolvimento do empreendedorismo em um domínio distinto, ou seja, que se interessa por um conjunto de fenômenos empíricos não explicados por outros campos. Enquanto isso, outros pesquisadores estão mais preocupados em discutir temas diversos, como empresas familiares, franquias, inovação, e acabam utilizando as definições que são mais adequadas ao seu trabalho, o que resulta em estudos que tenham pouco em comum. O grande e urgente desafio é criar comunidades mais homogêneas de estudiosos para investigar o fenômeno do empreendedorismo (GARTNER, 1985; DAVIDSSON; LOW; WRIGHT, 2001).

Para Davidsson; Low e Wright (2001), apesar do aparente progresso da última década, a pesquisa sobre empreendedorismo ainda permanecerá vulnerável, a menos que um paradigma forte seja desenvolvido. Os autores acreditam que o corpo de conhecimento cumulativo sobre esses fenômenos somente crescerá mais rápido se for transportado dentro de um domínio e comunidade claramente definidos, firmemente ancorados nas disciplinas.

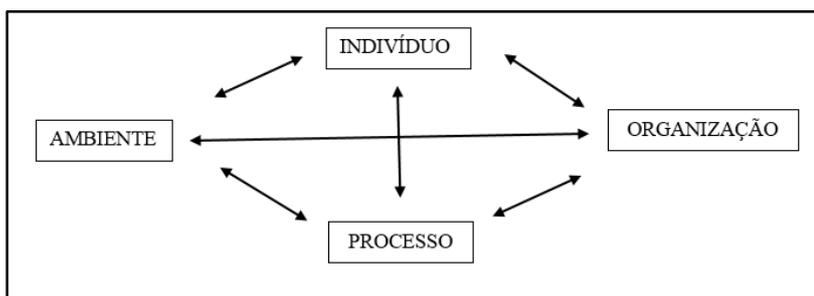
Somente desse modo, o empreendedorismo poderá surgir ao longo do tempo como um campo em si mesmo (DAVIDSSON; LOW; WRIGHT, 2001).

Segundo Shane e Venkataraman (2000), a dificuldade em se arquitetar uma estrutura conceitual do empreendedorismo está relacionada à dificuldade em sua definição. As definições costumam ser vagas e incompletas. Segundo os autores, muitos estudos definem o empreendedor pelo que ele é ou faz. Nesse caso, tem-se o problema entre dois fenômenos: a presença de oportunidades lucrativas e a presença de indivíduos empreendedores.

A evolução do debate relacionado às definições do empreendedorismo, culminam em um marco teórico nos estudos do empreendedorismo, que é a visão processual proposta por Gartner (1985) no artigo *A Conceptual Framework for Describing the Phenomenon of New Venture Creation*. De acordo com Gartner (1985), o empreendedorismo não deve ser definido pelas características do empreendedor ou considerando apenas o grau de inovação de um processo. Para o autor, o empreendedorismo está relacionado a criação de novas empresas (CARVALHO; COSTA, 2015). Para Gartner (1985), a criação de empresas envolve quatro grandes fatores, conforme pode ser observado na Figura 3:

1. as características dos indivíduos;
2. a organização;
3. o ambiente;
4. o processo.

Figura 3: A estrutura para descrever a criação de novos empreendimentos



Fonte: Gartner (1985, p. 698, tradução nossa).

Gartner (1985) foi o primeiro a combinar essas dimensões e mostrar que estão interligadas (VERGA; SILVA, 2014). Como exemplo dessas variáveis que impactam o processo do empreendedorismo, tem-se a disponibilidade de capital e mão de obra qualificada, a experiência dos empreendedores, os consumidores e o mercado são fatores que intervêm no empreendedorismo (MELLO, et al., 2010).

Seguindo essa mesma ideia de enxergar o empreendedorismo pela lente processual, Shane e Venkataramann (2000) associam o fenômeno diretamente à oportunidade. A definição apresentada por estes autores é considerada por muitos pesquisadores como uma das mais completas e atuais (BARON; SHANE, 2007; LANDSTRÖM; HARIRCHI; ASTRÖM, 2012; SHANE, 2012; VERGA; SILVA, 2014).

Assim, Shane e Venkataramann (2000), buscam, com sua abordagem, complementar os estudos anteriores de economistas e sociólogos. Eles descrevem o empreendedorismo como um campo de pesquisa que envolve o estudo das fontes das oportunidades para criar algo novo, sejam novos produtos ou serviços, novos mercados, novos processos de produção ou matérias-primas, novas formas de organizar as técnicas existentes (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

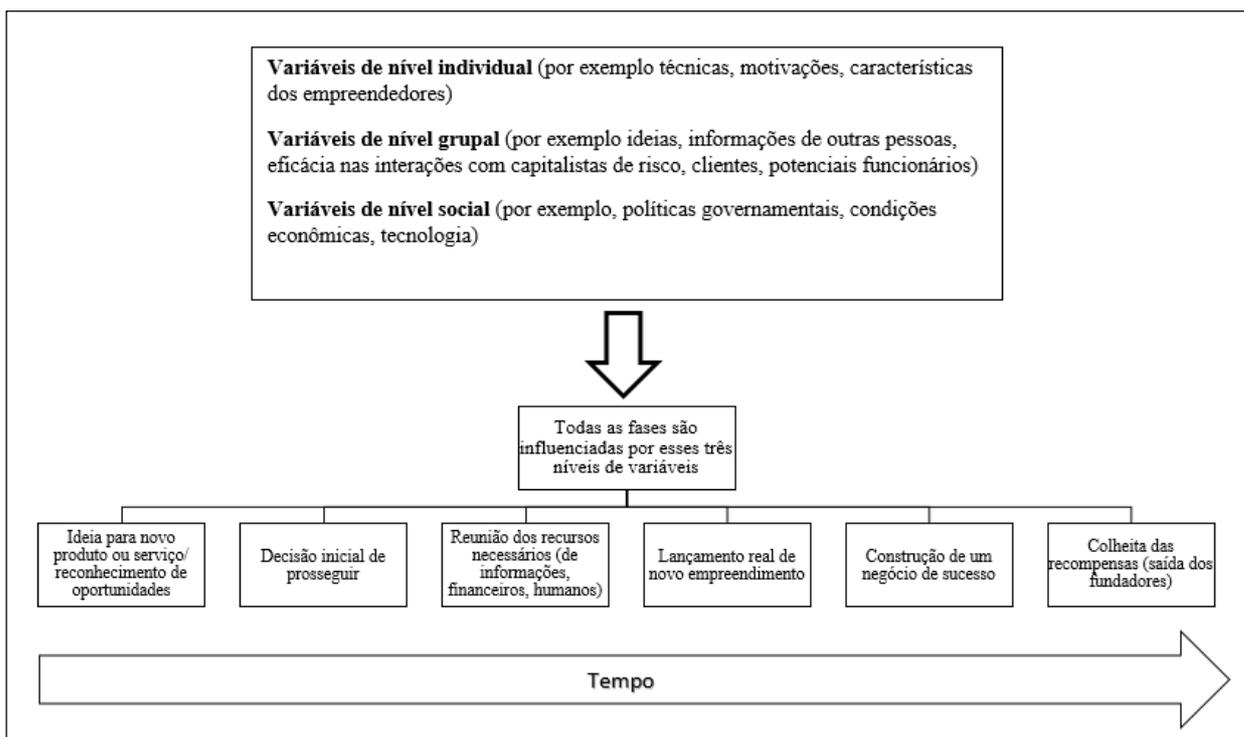
Além disso, o empreendedorismo pode ser entendido como uma atividade executada por indivíduos específicos, que envolve ações-chave relacionadas à identificação de oportunidades que sejam potencialmente valiosas, ou seja, que podem ser exploradas como negócios, e produzir lucros sustentáveis. O empreendedorismo está associado à criação ou reconhecimento de uma aplicação comercial para uma coisa nova. A necessidade de execução da oportunidade é o que a diferencia de invenções que nunca saem do campo das ideias, por não apresentar benefícios comerciais (BARON; SHANE, 2007).

Se aproximando da abordagem de Gartner (1985), os autores Shane e Venkataraman (2000) afirmam que é improvável que o empreendedorismo possa ser explicado apenas por características de certas pessoas. Entretanto, eles ponderam que nem sempre o empreendedorismo exige a criação de novas organizações, o que diverge das ideias de Gartner (1985). Shane e Venkataraman (2000) constatam que a estrutura proposta por eles se concentra na descoberta e exploração de novas oportunidades, considerando o empreendedorismo em uma perspectiva mais ampla do que apenas a criação de empresas. Shane e Venkataraman (2000) questionam porque alguns indivíduos e não outros decidem explorar oportunidades, como são exploradas, quando e por quem.

Enriquecendo os estudos sobre a visão processual do empreendedorismo, Baron e Shane (2007) apontam três níveis de análise desse processo: individual; grupal e social. A análise individual se volta às técnicas, motivações, habilidades e outras características do empreendedor. A análise grupal envolve as ideias, informações e interações com capitalistas de risco, clientes e funcionários. Por fim, a análise social está relacionada ao nível de políticas governamentais, condições econômicas, mercadológicas e tecnologia, ou seja, o ambiente

externo à organização. Todas as três categorias, seja individual, grupal ou social, desempenham um papel importante em cada fase do processo empreendedor (BARON; SHANE, 2007). O processo do empreendedorismo pode ser visualizado pelo esquema apresentado por Baron e Shane (2007) na Figura 4:

Figura 4: O empreendedorismo como processo



Fonte: Baron e Shane (2007, p. 16).

A Figura 4 mostra o empreendedorismo como um sequenciamento que se desenvolve ao longo do tempo e recebe influências de variáveis de nível individual, grupal e social.

Outro avanço para as pesquisas sobre o empreendedorismo em uma visão processual é representado pelos estudos de Bruyat e Julien (2000). Para os autores, é necessário produzir ferramentas úteis na prática para avançar o conhecimento sobre o campo. Para isso, torna-se necessário estabelecer teorias que gerem uma pesquisa empírica mais produtiva.

Bruyat e Julien (2000) estabelecem que o empreendedor é o responsável pelo processo de criação de novo valor (uma inovação e/ou uma nova organização). Os autores estudam a dialógica entre a criação de valor individual e novo, dentro de um processo e em um ambiente que possui características específicas. Nesse processo devem ser considerados o indivíduo empreendedor, o projeto, o meio ambiente e também os vínculos estabelecidos entre eles ao

longo do tempo (BRUYAT; JULIEN, 2000). Para defender esse ponto de vista, Bruyat e Julien (2000) definem três pressupostos básicos que deveriam ser compartilhados pelos pesquisadores do campo empreendedorismo. São eles:

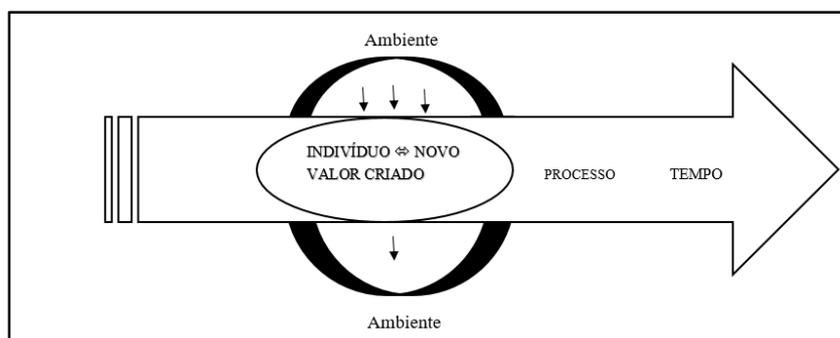
(1) O reconhecimento do indivíduo como um elemento importante ou mesmo vital na criação de novo valor. Mesmo não sendo os únicos a criarem valor, os empreendedores são os responsáveis por grande parte de criação de valor, o que é fundamental para o bom funcionamento do sistema econômico.

(2) O consenso de que o indivíduo não é uma máquina cega que reage a estímulos ambientais. Ele tem a capacidade de aprender, criar e influenciar o ambiente. É capaz de auto finalização e, portanto, tem certa liberdade de ação, independentemente se o ambiente oferece oportunidades ou coloca restrições.

(3) A crença de que os recursos no meio ambiente podem desempenhar um papel facilitador ou estimulante, o que influencia na quantidade de empreendedores em uma região.

O indivíduo que cria algo novo é, ao mesmo tempo, constringido e criado pelo objeto construído. Dessa forma, há uma relação dialógica que pode ser representada na Figura 5:

Figura 5: O processo empreendedor considerando o ambiente e o tempo



Fonte: Bruyat e Julien (2000, p. 170, tradução nossa).

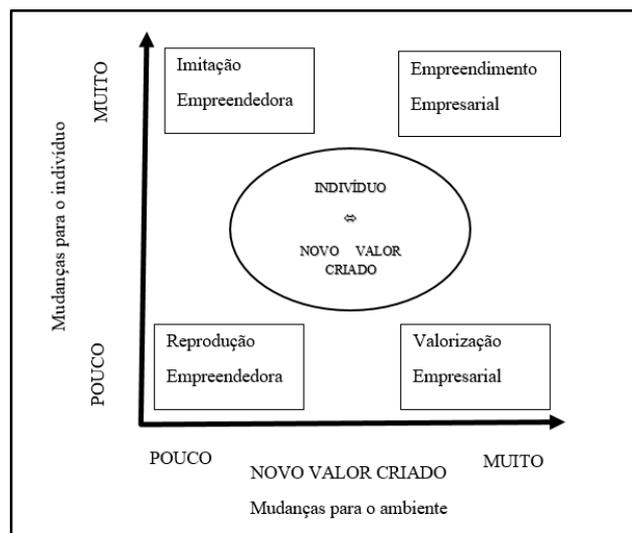
Assim, indivíduo e criação de novo valor possuem entre si o símbolo \Leftrightarrow para mostrar a existência de um diálogo entre as duas entidades, formando um sistema que não pode ser compreendido de forma separada, pois fazem parte de um processo dinâmico. Esse diagrama foi construído com base nas ideias de Gartner (1985), e nele estão representados o indivíduo, o objeto criado, o ambiente e o processo. A novidade desse esquema em relação a estrutura de Gartner (1985) é a relação dialógica entre indivíduo e objeto criado, o que se torna um

elemento central para a análise de Bruyat e Julien (2000). Para se compreender o fenômeno, é preciso considerar tanto o indivíduo quanto o projeto.

Nisso, surgem duas dificuldades: a primeira está associada a noção de indivíduo. Por vezes a criação de um novo valor surge de uma equipe, e não de um único indivíduo. Nesse caso, toda a equipe deverá ser considerada no lugar do indivíduo. A segunda questão se refere a noção de valor. O conceito de valor sempre gerou muitos debates. Para resolver esse impasse, Bruyat e Julien (2000) adotam a concepção de valor utilizada pelos economistas neoclássicos, para os quais o valor é expresso somente por meio de troca, e, portanto, por meio de um preço estabelecido em um mercado.

Bruyat e Julien (2000) ponderam que a criação de valor pode variar e que a maioria dos empreendedores cria pouco valor. Para entender a heterogeneidade do fenômeno, os autores apresentam o seguinte diagrama (Figura 6):

Figura 6: Empreendedorismo: um campo heterogêneo



Fonte: Bruyat e Julien (2000, p. 174, tradução nossa).

A Figura 6 mostra que a criação de valor pode variar em relação a algumas variáveis, formando quatro quadrantes (BRUYAT; JULIEN, 2000):

(1) Reprodução Empreendedora: Pouca criação de valor novo, geralmente nenhuma inovação, poucas mudanças para o indivíduo. O empreendedor se torna um auto empregado e realiza uma atividade que ele já tem conhecimento. Exemplo: criação de pequenos restaurantes, lanchonetes.

(2) Imitação Empreendedora: nesse caso não há criação de valor significativo, o empreendedor muda o alcance de seu know-how, aumenta sua rede de relações. Envolve uma grande dose de incerteza e um processo longo de aprendizado.

(3) Valorização Empresarial: Nesta situação, há inovação e criação de novo valor significativo. Ocorre por exemplo quando um profissional que já tem conhecimentos relacionados ao campo resolve abrir um novo projeto para si mesmo. Nesse caso, ele já conhece a tecnologia e tem as redes de relacionamentos. Há, portanto, inovação e criação de novo valor significativo através da valorização das qualidades específicas do empreendedor.

(4) Empreendimento Empresarial: São casos mais raros, de mudanças radicais, como o caso da Apple e da Microsoft. Há criação de um novo valor significativo e uma inovação que muda um setor econômico. O indivíduo passa por transformações consideráveis. O processo e o tempo se tornam extremamente importantes pois afetam a velocidade em que a inovação será absorvida pelo ambiente. Nesse caso, o nível de incerteza é alto.

Ainda que seja uma proposta simplista, o diagrama proposto por Bruyat e Julien (2000) consiste em uma tentativa de ampliar a integração teórica existente no campo do empreendedorismo. Revela as várias sensibilidades que permeiam esse campo e ajuda a estabelecer as áreas nas quais existe consenso, bem como aquelas em que o debate continua. Distingue o campo de empreendedorismo de outros campos de pesquisa, para promover o progresso acadêmico. Isso também mostra que o fenômeno é essencialmente variável, heterogêneo, dinâmico e complexo (BRUYAT; JULIEN, 2000).

2.4 O empreendedorismo e os processos decisórios

Após identificar uma nova oportunidade, cabe ao empreendedor a decisão de explorá-la (SHANE; VENKATARAMAN, 2000). Essa decisão é tomada com base nas características da oportunidade e na natureza do indivíduo. A exploração de uma oportunidade depende do empreendedor acreditar que o valor esperado será superior ao custo da oportunidade, do investimento de capital. O empreendedor toma decisões em um contexto de alta incerteza e risco (MELLO, et al., 2010). No teor destas ideias, esta seção se destina a associar o

empreendedorismo aos processos decisórios, valendo-se dos pressupostos defendidos por Hebert Simon (1979).

O processo decisório pode ser entendido como "o coração da Administração". O homem, antes visto como o "homem econômico" passa a ser visto então como o "homem administrativo" por não deter o controle de todas as variáveis envolvidas. Esse "homem administrativo" se vê em um ambiente onde é forçado a tomar decisões, desde as mais simples até as mais complexas. A racionalidade do processo decisório se refere à escolha da alternativa mais satisfatória, expondo assim as restrições do homem, o que leva os indivíduos a substituírem a maximização de resultados pelos resultados satisfatórios. Desse modo, o "homem administrativo" se contenta com o satisfatório em detrimento do ótimo (SIMON, 1979).

É fundamental entender que o processo decisório nem sempre segue um processo racional, entretanto, ele pode ser abordado de forma racional. Para Hillman (1970) essa compreensão é fundamental para o entendimento do que Simon (1979) defende em relação aos processos decisórios. A decisão é uma conclusão baseada na escolha entre conjuntos alternativos de premissas. Algumas premissas se referem a categorias de fato e outras a categorias de valor. Essa distinção entre fatos e valores é algo abstrato. Por isso, e por se basear em um conjunto de proposições hipotéticas, a abordagem de Simon é considerada uma hipótese funcional e não uma teoria empírica (HILLMAN, 1970).

Simon isola certas variáveis do processo decisório para tentar construir modelos. É o que ocorreu com os seus estudos sobre o comportamento administrativo, na tentativa de elaborar um modelo racional do processo decisório (HILLMAN, 1970).

As hipóteses de Simon mostram que as decisões podem ser programadas ou não programadas e existem várias nuances entre esse dualismo. Normalmente, as decisões programadas fazem parte de uma rotina, respeitam um conjunto de regras pré-estabelecidas, são tomadas em ambiente de baixo risco e baixa incerteza e podem ser facilmente delegadas. As decisões não programadas podem ser inéditas ou não, o que significa que pode se ter o conhecimento dos resultados quando não são inéditas. Nas inéditas, o tomador de decisão se encontra em uma situação completamente nova, sem conseguir buscar em suas experiências uma forma de ação (KLADIS; FREITAS, 1995).

O tomador de decisão pode agir em três ambientes: no ambiente de certeza, de risco ou incerteza. Quando se trata do nível estratégico, as decisões são permeadas pela alta incerteza e risco (KLADIS; FREITAS, 1995). A racionalidade requer um conhecimento completo das

consequências exatas de cada escolha. Entretanto, ela é limitada, pois, na realidade, o ser humano possui apenas um conhecimento fragmentado das condições que cercam sua ação, e pode considerar alguma regularidade em decisões anteriores. Para evitar a prática tentativa-erro, é necessária uma teoria científica (SIMON, 1979).

Ao analisar a tomada de decisão do empreendedor, Shane e Venkataraman (2000), afirmam que essas decisões são baseadas normalmente em palpites, intuição e informações imprecisas. Além disso, deve-se considerar o ambiente de alta incerteza no qual estão inseridos (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

Isso vai na direção do que diz Simon (1979) sobre o princípio da racionalidade limitada: o tomador de decisão age tomando a decisão aparentemente mais acertada por não ter o controle de todas as variáveis, sendo o comportamento planejado a forma que mais se aproxima de um alto grau de racionalidade. Minimizar as incertezas é a essência do trabalho do empreendedor. O empreendedor costuma tomar decisões em um ambiente de muitas incertezas, e que ainda conta com a influência do setor governamental, trabalhista e do mercado (LEITE, 2012).

O que diferencia um empreendedor de outros agentes é possuir informações que outros não possuem. O empreendedor age considerando a incerteza do futuro. Seu sucesso ou fracasso depende da exatidão com que prevê esses acontecimentos (DARDOT; LAVAL, 2016).

Isso quer dizer que o empreendedor toma decisões em um ambiente de assimetria informacional. O aproveitamento das oportunidades do empreendedorismo depende dessa assimetria de informações. As informações são distribuídas de forma imperfeita, o que beneficia aqueles que as recebem primeiro (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

Pereira, Lobler e Simonetto (2010) defendem a importância do enfoque cognitivo para a tomada de decisão. Segundo os autores, em qualquer situação, o ser humano decide considerando suas experiências e vivências, sendo o processo de decisão um sistema indivisível de relações entre elementos de natureza objetiva e elementos de natureza subjetiva (PEREIRA; LOBLER; SIMONETTO, 2010). No caso dos empreendedores, percebe-se que muitas das decisões são tomadas com base em cases de sucesso e outros discursos midiáticos que estimulam o empreendedorismo. Isso ajuda na construção do empreendedorismo como uma ideologia, uma forma de conduta, o que é disseminado por meio de imperativos ao empreendedor, conforme serão apresentados a seguir.

2.5 “Como se tornar um empreendedor de sucesso?”

Ao se pesquisar sobre o tema empreendedorismo, de forma geral, o que se encontra à primeira vista são respostas a questões do tipo: “o que é preciso para ser um empreendedor?”. As respostas a esses tipos de dúvidas são encontradas não somente em mídias informais como também em livros e artigos acadêmicos que abordam sobre o empreendedorismo. Essas respostas se apresentam como normas de conduta, comportamentos desejáveis e imperativos ao empreendedor. Além disso, são disseminadas ideias não só voltadas ao empreendedor, mas também a necessidade de difusão de uma cultura empreendedora, ou uma sociedade empreendedora, conforme determina Drucker (1987). Esta seção se reserva a apresentar algumas dessas ideias, que em alguns momentos se apresentam como conselhos, e em outros são mais diretivos e imperiosos, como regras de conduta.

"Os empreendedores de sucesso sabem como identificar e aproveitar as oportunidades, tomando-as não como risco, mas como destino" (LEITE, 2012, p. 16). Para alcançar o sucesso, o empreendedor deverá seguir um modelo estratégico para o sucesso. É preciso descobrir algo que diferencie o seu negócio dos outros. São necessários impostos mais baixos e leis trabalhistas mais flexíveis para criar um ambiente onde os empreendedores floresçam e o desemprego diminua (LEITE, 2012).

Para ser empreendedor é necessário acreditar na liberdade de iniciativa. É preciso preferir a competição ao conforto. É imperativo enxergar a própria capacidade de decisão como um elemento vital da existência humana. É preciso assumir riscos, ir à luta e fazer acontecer. É imprescindível ter atitude (LEITE, 2012).

É comum se deparar com as características do “empreendedor de sucesso” sempre pautadas em características individuais, como uma pessoa especial, que se destaca, um indivíduo aventureiro, sempre inclinado a mudanças. Paiva Junior, Almeida e Guerra (2008) relatam que as concepções dominantes, advindas desde os precursores Cantillon, Say e Schumpeter idealizam esse indivíduo como alguém apto a romper com a resistência à mudança que existe na sociedade, possuindo qualidades excepcionais de intelecto e vontade (PAIVA JUNIOR, ALMEIDA; GUERRA, 2008).

O indivíduo, em uma sociedade empreendedora, deve assumir a responsabilidade pelo seu próprio aprendizado, seu autodesenvolvimento e sua carreira (DRUCKER, 1987). Para

Drucker (1987), o maior desafio do indivíduo em uma sociedade empreendedora é a necessidade pelo aprendizado contínuo. O aprendizado tradicional começa a ficar obsoleto, sendo sempre preciso aprender mais coisas novas. Uma implicação que decorre daí é que a responsabilidade por este aprendizado contínuo recai sobre o próprio indivíduo, que deve ser responsável também pelo seu autodesenvolvimento e pela sua carreira. A suposição a partir de agora é que o indivíduo deverá, por sua conta, encontrar, determinar e desenvolver certo número de “carreiras” durante sua vida. Quanto mais os indivíduos avançarem em seus estudos, mais empreendedoras serão as suas carreiras e mais exigentes os desafios para o seu aprendizado (DRUCKER, 1987). É possível perceber com as ideias de Drucker uma reprodução dos discursos do empreendedorismo sobre a transferência da responsabilidade ao indivíduo, que deve se auto gerir como se fosse uma empresa.

Os empreendedores são muitas vezes representados como heróis capazes de fazer prosperar não somente sua vida, mas a de todos ao seu redor (ROXO; GROHMANN, 2014). Esse herói consegue transpor as barreiras e se tornar um modelo de sucesso com suas características especiais individuais e pela sua própria força de vontade (CORDEIRO; MELLO, 2006). As características do perfil do empreendedor dão pistas de um indivíduo com “têmpera de aço e um nível de perspicácia comparável aos heróis das histórias de quadrinhos” (SILVA; BASSANI, 2007, p. 67).

Essas características heroicas sempre estiveram atreladas a figura do empreendedor. Boltanski e Chiapello (2009) afirmam que a primeira descrição do capitalista esteve ligada ao burguês empreendedor no final do século XIX, concentrando valores heroicos, como a tônica do jogo, a especulação, o risco e a inovação. De acordo com os autores, o empreendedor é visto como um ator importante para o capitalismo na década de 60 e posteriormente na década de 90.

Entretanto, Boltanski e Chiapello (2009) ressaltam que são figuras bem diferentes. Na década de 60 o empreendedor era visto como pequenos patrões, enquanto na década de 90 ele passa a ser visto como aquele que sacode a burocracia e inova. Ao explicar o conteúdo dos seres fictícios, Boltanski e Chiapello (2009) afirmam que o empreendedor herói é imortal, mutante, um super-homem-dirigente, aventureiro, construtor, astro, conquistador e campeão.

Nesse sentido, o que López-Ruiz (2004) desvenda é que o empreendedor de cem anos atrás, da teoria schumpeteriana, definido como alguém que possui características especiais, tem sido resgatado nos dias atuais. Segundo ele, o “último herói” estava de volta, reunindo aspectos não racionais (intuição e misticismo) com a pura lógica racional capitalista. A

diferença entre o empreendedor definido por Schumpeter e o empreendedor dos dias atuais é que enquanto o primeiro era responsável por construir o capitalismo, o segundo é formado e definido por este sistema.

Assim, o empreendedor é normalmente representado por uma imagem romântica e mitificada de um indivíduo que possui habilidades excepcionais e é responsável por fomentar o desenvolvimento da sociedade. Colbari (2007) chama atenção para o fato de que essas concepções são apresentadas de forma descolada dos contextos socioeconômicos e culturais. Para a autora, o arquétipo clássico do empreendedor evoca construções míticas – remete a uma figura masculina pertencente aos grupos étnicos dominantes, portadora de qualidades psicológicas excepcionais independentes dos contextos sociais (COLBARI, 2007). Saraiva (2007) completa ainda que a representação do empreendedor costuma mostrar como padrão o ocidental, branco, masculino, heterossexual e euro-norteamericano. Esse padrão é disseminado como estereótipo ideal a ser copiado, mesmo no Brasil, um país de minoria branca e onde quase a metade da população economicamente ativa é representada por mulheres.

"O mercado agradece!" Leite (2012) afirma que o mercado recompensa o mérito, a capacidade, a coragem de correr riscos, a sorte e o sucesso dos empreendedores por meio de remunerações, lucros, ganhos de capital e dividendos. Os prêmios são diferentes e proporcionais ao desempenho. Ganhos desiguais são a forma do mercado mostrar que está cumprindo a sua "missão". Os empreendedores devem levar a sério a gestão do seu negócio pois o mercado "devora" os amadores: "O mercado é um mestre muito severo: ao errar, o empreendedor será punido pela cruel lógica mercantil" (LEITE, 2012, p. 57).

Drucker (1987) e Leite (2012) também argumentam que é fundamental a existência de uma sociedade empreendedora, que garanta as condições para que o empreendedorismo se manifeste com toda a sua força. É muito improvável um país ser empreendedor em alta tecnologia sem contar com uma economia empreendedora. É preciso existir uma economia plena de inovadores e empreendedores, com acesso ao capital de risco e pleno vigor de empreendedor (DRUCKER, 1987). São necessárias condições ambientais favoráveis – crescimento econômico, políticas governamentais de incentivo, expansão do mercado, dentre outras (LEITE, 2012).

São imprescindíveis impostos mais baixos e leis trabalhistas mais flexíveis para criar um ambiente onde os empreendedores floresçam e o desemprego diminua (LEITE, 2012). A

outra inovação social necessária é organizar o abandono sistemático de políticas sociais desgastadas e de instituições obsoletas. Isso significa que tudo o que é antiquado, desgastado e não produtivo deve ser descartado. Para Drucker (1987), existe a necessidade de reorientação em políticas e atitudes, valorizando hábitos de flexibilidade, aprendizado contínuo e aceitação da mudança como normal e como oportunidade, para instituições e indivíduos. O que uma sociedade empreendedora precisa é de um sistema tributário que encoraje o fluxo de capital do ontem para o amanhã, ao invés de evitar e punir isto (DRUCKER, 1987).

A inovação e o espírito empreendedor são necessários tanto na sociedade, quanto na economia, no serviço público e nas empresas privadas (DRUCKER, 1987). O espírito empreendedor tem se tornado a maior força econômica do mundo (LEITE, 2012). Esse espírito empreendedor conduz uma revolução na sociedade, sem derramamento de sangue, guerra civil ou campos de concentração. Deliberadamente, com direcionamento e sob controle (DRUCKER, 1987). Essa suposta harmonia e ausência de conflito disseminada por esses discursos é um dos pontos que fundamenta a ideia do empreendedorismo como uma ideologia.

Nesta seção pôde ser visto como Drucker, conhecido como um dos gurus da gestão, é um disseminador da ideologia do empreendedorismo. Os discursos disseminados por ele e por Leite (2012) apresentados aqui, e por muitos outros autores, reafirmam uma ideia central: a predominância da empresa sobre as outras esferas da sociedade. O teórico crítico Tragtenberg (2005) analisa as ideias de três ideólogos das corporações: Rathenau, Berle e Drucker, e defende que entre eles há um ponto de convergência, que é a hegemonia da corporação na sociedade industrial. Na visão de Tragtenberg, Drucker é um dos grandes ideólogos das corporações norte-americanas, e entre suas ideias, está a de prevalência dos interesses das corporações sobre os interesses do Estado. Isso é mais uma forma de enxergar os caminhos ideológicos seguidos pelo empreendedorismo e influenciados pelos discursos do *management*. Esses argumentos serão esclarecidos na próxima seção.

3. O EMPREENDEDORISMO COMO UMA IDEOLOGIA NEOLIBERAL

Nossa tarefa, aqui, será desfazer a suposição de que a ideologia é um ideário qualquer ou qualquer conjunto encadeado de ideias e, ao contrário, mostrar que a ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política. Marilena Chauí (2017).

As transformações entre capital e trabalho no fim do século XX foram precedidas pela emergência de uma política drástica de redução de recursos humanos dentro das grandes empresas, onde foram cortados custos com mão de obra. Além disso, o emagrecimento do Estado deu lugar a uma política mundial de liberalização dos mercados financeiros e políticas locais de abrandamento das regras do direito do trabalho e proteção social. Como resultados, têm-se um aumento de empregos precários, desqualificados, criando uma massa de desvalorizados e desafiados (GAULEJAC, 2007).

A precarização do mercado formal de trabalho ocasionado por essas mudanças neoliberais, fez com que os indivíduos procurassem se organizar em associações, cooperativas, clubes de troca ou redes não monetárias, empreendimentos autogeridos e familiares em busca de trabalho e renda. Com isso, o número de trabalhadores informais e que trabalham por conta própria aumentou consideravelmente (QUIRINO; CUNHA; COELHO, 2008).

Boava e Macedo (2009) apresentam a seguinte definição para o termo empreendedorismo:

Empreendedorismo é composto de empreendedor + ismo. Empreendedor é aquele que empreende. O sufixo ismo, em formas atuais, é utilizado para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos. Trata-se da tomada de um partido, uma posição, um sistema, uma filosofia, uma circunstância (BOAVA; MACEDO, 2009, p. 02).

Os discursos do empreendedorismo, pautados por uma racionalidade neoliberal apregoam o estímulo à competição e ao individualismo, dentre outros valores mercantis como forma de alcançar o “sucesso” (DARDOT; LAVAL, 2016), camuflando a precarização e estimulando a flexibilização do trabalho. E isso se deve à constante capacidade do capitalismo em renovar-se (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

O capitalismo instaura uma relação moral entre o homem e seu trabalho, como se fosse uma vocação. Entretanto, com o decorrer da história, nota-se que nem sempre esses valores foram os mesmos (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009). Segundo Gaulejac (2007), a

ética tradicional do trabalho permitia para os integrados ao sistema, uma narrativa coerente, não só de si, como também do relacionamento com o outro, com as instituições e o próprio país. O trabalho duro e a renúncia ao consumo imediato vinham acompanhados de recompensas como a certeza de um futuro promissor para si ou para seus filhos e uma consciência de ter feito um trabalho digno.

Na ausência dessas narrativas, a necessidade de reinvenção torna-se permanente. O indivíduo não tem mais dívidas com a civilização. Ele torna-se livre para reinventar relacionamentos, tarefas, o trabalho e outros aspectos de sua vida. Mas essa é uma liberdade relativa, que tem um alto preço e vem acompanhada de desorientação. O indivíduo passa a ter que descobrir os sinais por si mesmo (GAULEJAC, 2007).

O sistema capitalista vê a necessidade de se renovar constantemente e o faz por meio de ideologias que lhe conferem sentido. Essas ideologias sustentam o chamado “espírito do capitalismo” – conjunto de crenças que contribuem para justificar e sustentar a ordem capitalista, legitimando ações e estilos de vida coerentes a ela (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

O capitalismo é indissociável da história de suas metamorfoses, de seus descarrilamentos, das lutas que o transformam, das estratégias que o renovam (DARDOT; LAVAL, 2016). A condição atual que sustenta o sistema capitalista é conhecida como neoliberalismo. Dardot e Laval (2016, p. 17) entendem o neoliberalismo como uma “racionalidade, capaz de estruturar não só a ação dos governantes, como também as condutas dos governados”. O neoliberalismo se define como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência. A oposição entre Estado e mercado surge como um dos principais obstáculos à caracterização exata do neoliberalismo.

O neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo e a sociedade. Nesse sentido, o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, mas sim um tipo de política econômica, um sistema normativo que expandiu sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e esferas da vida (DARDOT; LAVAL, 2016).

3.1 Fatores que sustentam o crescimento do empreendedorismo

Baron e Shane (2007) elencam três fatores que tem afetado o modo como o empreendedorismo tem sido aceito pela sociedade atual:

1. A mídia dissemina os relatos empolgantes de empreendedores de sucesso;
2. Reestruturação produtiva e alterações dos vínculos empregatícios;
3. Mudança nos valores.

Esses três fatores destacados por Baron e Shane (2007) podem ser explicados com base no pressuposto de que o empreendedorismo é uma ideologia neoliberal. A atenção recebida pelos empreendedores não é algo novo. No passado, entre o século XVIII e XIX alguns empreendedores já atraíam a atenção social devido às grandes fortunas acumuladas. Exemplos desses nomes são: John Davison Rockefeller, quem revolucionou o setor de petróleo em 1870 e criou a Standard Oil Company; Andrew Carnegie, que foi o responsável pela construção da primeira ponte que ligava a América, atravessando o rio Missisipi e investiu no setor ferroviário, petrolífero, e é famoso por diversas construções e Cornelius Vanderbilt, quem investiu na construção de ferrovias, além de outros negócios relacionados à marinha mercante (BARON; SHANE, 2007).

Atualmente, a mídia tem sido o veículo utilizado para disseminar os discursos de sucesso de empreendedores, como Michael Dell, Bill Gates e Mary Kay Ash, formando um estereótipo do empreendedor relacionado a algo positivo e atraente. Em um momento de falta de heróis políticos e militares, as pessoas buscam seus heróis em outros locais. Assim, acreditam no empreendedorismo como meio para alcançar o sucesso, com base em “modelos ideais” (BARON; SHANE, 2007).

O discurso ideológico neoliberal apregoa o Mito do Sucesso Individual que ganhou o nome de “Empreendedorismo” e que veio acompanhado de várias receitas de sucesso. O super-herói que carregaria sozinho a responsabilidade de alcançar o sucesso deve ser um empreendedor destemido e resoluto. Ele deve ser capaz de superar todos os obstáculos que se colocarem em seu caminho. A responsabilidade de garantir condições de sobrevivência dignas passa da esfera política e social para o nível individual. Isso ocorre principalmente em países em desenvolvimento. O empreendedorismo surge então como uma solução emergente (SILVA; BASSANI, 2007).

As histórias de empresários de sucesso se constituem em um rico material para a difusão da ideologia do empreendedorismo. Os indivíduos se tornam aprendizes de grandes

trajetórias de vida. Nessas histórias, as personalidades bem-sucedidas são construídas de modo a traçar uma sequência linear e coesa da história pessoal, de forma a persuadir os indivíduos. Os fracassos são renomeados de desafios superados e que servem para reforçar ainda mais o sucesso atual. Por meio dessas histórias, as qualidades do empreendedor adquirem corpo e veracidade (LEITE; MELO, 2008).

Nesses casos, os empreendedores atribuem o “sucesso” às suas características pessoais e comportamentais. Isso reforça a ideia de que a responsabilidade pelo sucesso é inteiramente do indivíduo, desconsiderando as variáveis sociais, econômicas, entre outras, que são determinantes nesses casos. São alguns dos indicadores do sucesso relatados pelos empreendedores: casa própria, compra de ações, faturamento da empresa, viagens, curso no exterior, ampliação do negócio, aumento da equipe, exportação, profissionalização da administração, aplicação da tecnologia e abertura do capital no mercado financeiro (LEITE; MELO, 2008).

O segundo aspecto está relacionado à reestruturação produtiva e às novas formas de contratos empregatícios que surgiram. As novas configurações de vínculos entre empregadores e empregados fizeram com que os funcionários fossem menos fiéis aos seus empregadores. Isso se intensificou na década de 1990, quando as grandes corporações norte-americanas cortaram mais de 6 milhões de empregos. Ao contrário do que se esperava, a taxa de desemprego nesse período caiu para os níveis mais baixos já registrados, o que pode ser explicado pelas novas empresas abertas por empreendedores, que na verdade eram trabalhadores que perderam seus empregos e se tornaram empreendedores (BARON; SHANE, 2007).

Nesse sentido, o empreendedor se opõe ao emprego formal assalariado, pois tende a enxergar este como opressor da criatividade e da autonomia do indivíduo. O empreendedorismo prega a liberdade, se opondo também à rotina e à burocracia (LEITE; MELO, 2008). Assim, surgem novos valores que são cultivados pelos indivíduos empreendedores, o que corresponde ao terceiro fator que sustenta o crescimento do empreendedorismo nos últimos anos, segundo a concepção de Baron e Shane (2007).

Esse terceiro fator se refere à mudança de valores básicos. Buscar segurança, garantia do emprego e a construção de uma carreira sólida em uma mesma empresa não são mais expectativas dos trabalhadores. Os novos valores que surgiram, principalmente entre os jovens se baseiam na possibilidade de escolha em detrimento da certeza ou previsibilidade

(BARON; SHANE, 2007). As garantias conferidas pelos diplomas de cursos superiores diminuíram e as aposentadorias estão ameaçadas. As carreiras também não são asseguradas. É preciso surgir um novo espírito do capitalismo que atenda às novas demandas para permanecer como sistema dominante (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

Esses novos valores são disseminados por meio de discursos que definem as normas de conduta adequadas ao empreendedor. O discurso é normalmente direcionado a executivos, que são convencidos a aderirem ao capitalismo por questões financeiras, como o receio do desemprego, sobretudo quando se trata de endividados ou com responsabilidade familiar ou por busca por recompensas como dinheiro, carreira e outras vantagens. As justificativas dessa adesão recaem primeiro sobre o bem comum dos assalariados que a empresa emprega e em segundo lugar sobre o bem comum da coletividade geográfica e política na qual a empresa está inserida (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

Além das justificações relacionadas ao bem comum, esses executivos precisam de estímulos pessoais para permanecerem engajados no capitalismo. Por isso, o capitalismo precisa superar as alternativas oferecidas por outras oportunidades, como o emprego estável, por exemplo. Para isso, os discursos recorrem atualmente à possibilidade de autorrealização e liberdade para ação (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

3.2. As características fundamentais do empreendedorismo como ideologia

Nesta seção são discutidas as características principais do empreendedorismo como ideologia, a começar pela liberdade. A liberdade individual é um dos componentes fundamentais do mercado. A liberdade sem objetivo não é nada. Só adquire valor pelo sistema que lhe dá os objetivos concretos, isto é, oportunidades de lucro (DARDOT; LAVAL, 2016).

A questão da liberdade não se coloca nos mesmos termos. Ela não se inscreve no mesmo espaço, na mesma temporalidade. Para uns, ela representa um conceito abstrato em um mundo globalizado; para os outros ela se inscreve concretamente em sua vida cotidiana (GAULEJAC, 2007, p. 57).

A flexibilidade exigida pela ideologia liberal, em prol do progresso, soa aos ouvidos dos trabalhadores como horários irregulares, falta de regulamentação e proteção, isto é, flexibilização do trabalho. Nisso, Gaulejac (2007) questiona a visão de equivalência entre o dinheiro, as mercadorias e os homens. Segundo o autor, não pode haver liberdade sem o

mínimo de segurança, pelo respeito aos direitos, e o peso das decisões e a capacidade de negociação das condições de trabalho não são os mesmos dos dois lados.

Assim, essa é uma liberdade relativa, pois entra em tensão com a expectativa de grandes garantias. O sistema capitalista precisa inspirar então nos dirigentes empresariais a confiança na possibilidade de um bem-estar com benefícios duradouros para si e para seus filhos, pelo menos mais duradouro do que as alternativas às quais eles renunciaram (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

Além da liberdade, outra característica fundamental do empreendedorismo como ideologia é a ideia de competição e concorrência. Com a crise do capital, o foco muda, transferindo ao sujeito a responsabilidade sobre sua vida, sua carreira, sua empregabilidade e seu bem-estar (SILVA; BASSANI, 2007). Essa transferência da responsabilidade para o sujeito é mais uma das doutrinas transmitidas pela ideologia capitalista, a qual segundo Gaulejac (2007, p. 126) precisa se apoiar em uma legitimidade para “justificar as desigualdades que provoca e apagar as contradições que suscita”.

[...] o desemprego não é considerado como a consequência da defasagem estrutural entre o número de empregos criados pelo sistema econômico e o número de pessoas ativas suscetíveis a ocupar esses empregos. Ele resulta de "falhas de empregabilidade" de uma parte da população e, portanto, de sua "falta de adaptação" diante das necessidades da empresa. Nessa perspectiva, o problema do desemprego será resolvido incitando ou obrigando os desempregados a melhor "gerenciar suas competências"[...]. (GAULEJAC, 2007, p. 184).

Com a responsabilidade sendo transferida ao sujeito, a concorrência ultrapassa todos os limites, chegando a afetar as relações do indivíduo consigo mesmo. O mercado define-se por este caráter precisamente concorrencial, da competição, levando os indivíduos a acreditarem que estão em um jogo. Cada participante tenta superar o outro numa luta incessante para tornar-se líder e assim permanecer (DARDOT, LAVAL, 2016).

O poder da racionalidade neoliberal se deve a instauração de situações que forçam os indivíduos a funcionarem de acordo com os termos do jogo imposto a eles. O empreendedor de si é um sujeito formado para ganhar, para ser bem-sucedido. É o homem da competição e desempenho. Entretanto, a empresa de si tem duas faces: de um lado o rosto triunfante do sucesso sem pudor, e de outro o rosto deprimido do fracasso diante dos processos incontroláveis e das técnicas de renormalização (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 374). Nesse

jogo, todos imitam os melhores e progressivamente adquirem o “*entrepreneurship*” (DARDOT, LAVAL, 2016).

3.3. Por que uma ideologia?

O discurso da gestão empresarial, que é ao mesmo tempo formal e histórico, global e situado, mistura preceitos gerais e exemplos paradigmáticos e constitui atualmente a forma por excelência na qual o espírito do capitalismo é incorporado e oferecido como algo que deve ser compartilhado (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal é o que Oviedo e Misosky (2017) expõem em seu trabalho. Os autores apresentam a concepção de Lukács (2012), que define a ideologia como uma forma de consciência que busca por harmonização entre interesses conflitantes e que possui implicações práticas no mundo concreto. As ideologias permitem uma coincidência entre interesses antagônicos, gerando um tipo de igualdade fictícia. Isso impede a luta social, pois impõe a impressão de que a realidade é algo harmonioso.

Nesse mesmo sentido, Chauí (2014) apresenta a noção de ideologia, como um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas de conduta que indicam, prescrevem e regulamentam a conduta social. A ideologia tem caráter prescritivo e regulador uma vez que fornece aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção econômica.

O objetivo da ideologia é ocultar a divisão social das classes, a exploração econômica, a dominação política e a exclusão cultural e ela o faz por meio de referenciais identificadores, como a humanidade, a justiça, a liberdade, a igualdade, a nação. Chauí (2014) afirma que desde o século XVII, com o surgimento dos avanços tecnológicos, surge a ideologia da competência. Isso significa que o poder passa a ser associado ao saber. Os discursos considerados válidos são disseminados por especialistas que ocupam uma posição na hierarquia organizacional. O “discurso competente” doutrina as pessoas sobre como se alimentar, se relacionar e criar seus filhos. A ideologia da competência se baseia na

desigualdade entre os que possuem e os que não possuem o “saber” técnico-científico, dando lugar à competição entre os indivíduos e reservando apenas alguns lugares de sucesso. O discurso dos especialistas admite que só há felicidade na competição e no sucesso de quem vence (CHAUÍ, 2014, p. 58).

No que tange a ideologias, o teórico crítico Tragtenberg discutiu sobre a harmonia de interesses entre a indústria e a sociedade, levantadas pelos teóricos clássicos da Administração, definindo as teorias administrativas como ideologias (OVIEDO; MISOSCKY, 2017). Tragtenberg (2006) estuda a Teoria Geral da Administração como uma ideologia. Ele afirma que são teorias ideológicas, uma vez que representam uma falsa consciência da realidade. O teórico crítico explica que por meio das técnicas de gestão, as teorias administrativas fornecem dispositivos que definem o homem como um ser meramente econômico e contribuem para a reprodução do sistema capitalista. Com as mudanças nas formas de produção evidenciadas a partir da década de 1970, as teorias administrativas se renovaram, definindo o homem “empreendedor” como o responsável pelo seu próprio bem-estar. Neste sentido, o empreendedorismo pode para ser entendido como uma ideologia ligada ao neoliberalismo (OVIEDO; MISOSCKY, 2017).

Paes de Paula (2002) retoma as ideias trabalhadas por Tragtenberg na obra *Burocracia e Ideologia* no artigo *Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível*. Segundo a autora, Tragtenberg denunciou o caráter ideológico das teorias administrativas e realizou uma análise do pensamento weberiano, resgatando a ideia da burocracia como uma forma de dominação. As teorias administrativas já surgem com o objetivo de garantir a produtividade nas organizações, partindo de uma ideia de harmonia entre a relação capital e trabalho, relação esta que sempre foi conflituosa (PAES DE PAULA, 2002).

Desse modo, as teorias administrativas dissimulam uma tensão natural entre os interesses de empresários e trabalhadores. Além de favorecer a produtividade e a ordem, facilita o monopólio do poder e as relações de dominação no mundo do trabalho, reduzindo as perspectivas de emancipação humana nas organizações (PAES DE PAULA, 2002). Com base no pensamento de Tragtenberg, Paes de Paula (2002) apresenta as quatro premissas relacionadas às teorias administrativas:

(1) são dinâmicas e são produto das formações socioeconômicas de um determinado contexto histórico; ou seja, as teorias administrativas têm uma potencial capacidade de se adaptar de acordo com as demandas capitalistas vigentes.

(2) se expressam de forma ideológica e operacional, sendo que a ideologia se manifesta por meio de ideias destituídas de história que disfarçam a verdadeira natureza da situação. E operacional por meio de práticas, técnicas e intervenções consistentes com as ideias.

(3) mesmo sendo adaptativas, as teorias administrativas obedecem a um princípio, uma herança cumulativa que é responsável pela sua criação e reelaboração.

(4) a burocracia é o dispositivo ideológico que congrega as teorias administrativas e também é produto e reflexo do contexto histórico e socioeconômico no qual está inserida.

A suposta “harmonia” sustentada pelas teorias administrativas se caracteriza pela negação ou manipulação dos conflitos, recorrendo a uma abordagem positivista das relações sociais. Na visão de Tragtenberg apresentada por Paes de Paula (2002), isso ocorre por meio de mecanismos de controle social, sejam eles diretos ou indiretos.

Isso pode ser notado pela escola clássica da Administração, representada por Taylor e Fayol. Num contexto de racionalização e intensificação do trabalho, os conflitos eram sufocados por meio de mecanismos punitivos e métodos rígidos, como sanções e ameaças, para garantir a disciplina e evitar as resistências. Nessa primeira fase do capitalismo monopolista, a harmonia entre as relações de trabalho era buscada por meio do uso da força, entretanto, se demonstraram bastante limitadas. Tais métodos abriram espaço para as contestações individuais e coletivas, fortalecendo o movimento sindical (PAES DE PAULA, 2002).

Para solucionar as falhas causadas pela escola clássica, surge a escola das relações humanas, que segundo Paes de Paula (2002), revisitando Tragtenberg, apenas contribuíram para dar continuidade à ideologia da harmonia administrativa. A escola de relações humanas continua camuflando os conflitos ao substituir o uso da contenção direta pela manipulação e continua sendo tributária do taylorismo ao manter a separação entre planejamento e execução de uma tarefa (PAES DE PAULA, 2002). Para Tragtenberg (2005, p. 27), “os livros de relações humanas tratam de autoridade, comando, trabalho em grupo, comunicação e conflito.

“Relações humanas” significa agir sobre indivíduos para provocar neles as atitudes que convém à empresa”.

Na visão de Tragtenberg, a escola de relações humanas reproduzia por meio dos departamentos de relações industriais e recursos humanos, uma “ideologia participacionista”, estimulando uma falsa consciência nos funcionários de que são importantes para o processo decisório da organização, quando na verdade apenas obedecem a decisões já tomadas. Essa escola tende a culpar o indivíduo pelas tensões procedentes da relação entre capital e trabalho, impossibilitando que os conflitos sejam revelados (PAES DE PAULA, 2002). Nas palavras de Tragtenberg (2005, p. 28), “relações humanas são um elemento simplificador e idealista, manipulador e realista”. Mesmo utilizando-se de novos termos, como diálogo e participação, para a escola de relações humanas, a mão-de-obra continua sendo mais um recurso para arrancar maior produtividade. (TRAGTENBERG, 2005).

Nesse sentido, é possível perceber como duas das principais escolas administrativas contribuíram de forma ideológica para a manutenção da harmonização entre as relações de trabalho, garantindo que os interesses do capital fossem alcançados. Além disso, Tragtenberg demonstrou como as teorias administrativas são dinâmicas e como herdaram características de suas antecessoras (PAES DE PAULA, 2002).

Com a crise no modelo fordista de produção em massa, as transformações socioeconômicas impactaram a organização do trabalho. Esse modelo era muito rígido para acomodar as novas tecnologias que estavam surgindo e as novas demandas do mercado consumidor. Assim, o capitalismo se moveu para um novo paradigma de acumulação – a chamada acumulação flexível. Surgem as organizações enxutas e flexíveis baseadas no modelo de produção japonês e ganham espaço as práticas de reengenharia, downsizing, terceirização, quarteirização, virtualização organizacional e os empregos flexíveis (PAES DE PAULA, 2002).

Paes de Paula (2002) chama a atenção para o fato de que essas novas teorias não estão esvaziadas de ideologia: continuam perpetuando a harmonia nas relações trabalhistas e consequentemente a produtividade. O toyotismo, modelo japonês de produção se baseia em ideias de cooperação, consenso, integração, participação e valorização de grupos informais para perpetuar essa ideologia. O toyotismo representa uma adequação das teorias e práticas administrativas ao capitalismo flexível. Para alcançar a eficiência e a produtividade, esse

modelo combina técnicas clássicas e práticas participativas, característica que reforça seu caráter ideológico e sinaliza sua dívida com as antigas escolas de administração (PAES DE PAULA, 2002).

Diante das perspectivas atuais associadas ao progresso tecnológico e a dificuldade em se construir uma sociedade democrática, a suposta liberdade do trabalhador ganha cada vez mais espaço. Nesse contexto, ideias como o ócio criativo e o empreendedorismo ganham cada vez mais adeptos que acreditam que é possível alcançar a liberdade ao abandonar as organizações e fazer o autogerenciamento de sua carreira como empreendedor (PAES DE PAULA, 2002).

Isso ganha forma pelos trabalhos autônomos, temporários, e relações cada vez mais provisórias e flexíveis. Desse modo, está se consolidando uma ideologia do empreendedorismo que extrapola as fronteiras das organizações e se entrelaça no tecido social. As técnicas de gestão não são mais restritas aos gestores, mas são de conhecimento geral, já que todos devem gerir sua própria carreira. Isso reforça um culto à personalidade e ao sucesso, que segundo Tragtenberg é uma ilusão de liberdade que colabora para o aumento do individualismo, desmobilização política e distanciamento da vida democrática (PAES DE PAULA, 2002). Para Paes de Paula (2002) um dos maiores legados de Tragtenberg foi esse vigoroso alerta para as armadilhas ideológicas que criam uma harmonia falsa e desviam os sujeitos dos caminhos da liberdade.

A noção clássica do empreendedorismo, que se referia ao papel de grandes empresários é retomada pelo neoliberalismo para ser utilizada como uma forma de gestão de conflitos sociais (PUELLO-SOCARRÁS, 2008). Com os discursos que estimulam o empreendedorismo, indivíduos desempregados e aqueles que possuem empregos precários são incentivados a se tornarem empreendedores. Isso evita o conflito social gerado pelo modo de produção capitalista em sua fase neoliberal. O novo cidadão se torna responsável pela sua participação na atividade produtiva, e dedica seus esforços para conseguir sua subsistência, sem iniciativas para reivindicar seus direitos (OVIEDO; MISOSCKY, 2017).

A racionalidade neoliberal é utilizada pelo Estado como uma doutrina útil para a gestão dos conflitos sociais, na medida em que alivia o problema da precarização ao privilegiar o “eu” empreendedor. Assim, o empreendedorismo pode ser entendido como uma ideologia na medida em que atende a uma função de harmonização dos conflitos sociais,

resultantes dos antagonismos entre as classes. O empreendedorismo, que é historicamente entendido de várias formas, generaliza os interesses do capital para a totalidade social, fazendo com que as pessoas busquem seu bem-estar individualmente (OVIEDO; MISOSCKY, 2017).

Percebe-se que o pressuposto de que o empreendedorismo é uma ideologia neoliberal é corroborado por diversas vertentes. O trabalho de Hamann (2012) se baseia na obra de Foucault *Biopolítica do poder* para fazer a crítica ao neoliberalismo e a subjetividade construída por ele: o “empreendedor de si”. Seu trabalho ilustra a relevância da análise de Foucault sobre a governança neoliberal para uma compreensão crítica das transformações recentes na vida individual e social nos Estados Unidos, particularmente em termos de como os domínios do público, do privado, do pessoal e do político são compreendidos e praticados.

A governamentalidade neoliberal é traduzida por Hamann (2012) como “a condução da conduta”. Isso se dá pela criação estratégica de condições sociais que encorajam e exigem a produção de um sujeito neoliberal, uma subjetividade historicamente específica, caracterizada pela liberdade e autonomia. Para o autor, enquanto o liberalismo situa o “homem econômico” como um “homem de troca”, o neoliberalismo se esforça em assegurar que os indivíduos sejam obrigados a assumir valores baseados no mercado em seus julgamentos e práticas para reunir quantidade suficiente de “capital humano” e assim tornarem-se “empreendedores de si”. O “empreendedor de si” é seu próprio capital, seu próprio produtor e a fonte de seus próprios ganhos (HAMANN, 2012).

Essa “condução da conduta” promove formas opressivas de comportamentos individuais que devem ser interiorizados pelos indivíduos, e que, no entanto, em última análise visam alcançar apenas os objetivos do capital. Assim, a ideologia do empreendedorismo busca assegurar que cada indivíduo seja responsável pelas metas de reprodução do sistema capitalista (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011).

Estado e Mercado sempre foram dois modos de organização relativamente antagônicos, entretanto, com o neoliberalismo, eles se tornam dimensões compatíveis, com a preponderância de políticas favoráveis ao mercado (PUELLO-SOCARRÁS, 2008). Para Hamann (2012), as decisões políticas são influenciadas pelos interesses privados, que se sobrepõe a qualquer interesse público. Desse modo, o neoliberalismo faz com que distinções tradicionais entre o público e o privado, entre o político e o pessoal se tornem turvas, invertidas ou eliminadas. Para ilustrar esse contexto, o autor utiliza o exemplo do governo dos

EUA que, por muitos anos privatizou bens públicos tradicionais como parques, água, hospitais, escolas e presídios transformando-os em negócios com finalidade lucrativa, muitas vezes com promessas nunca cumpridas de servir aos interesses públicos. O não cumprimento dessas promessas se comprova pelo número cada vez maior de americanos sem assistência à saúde e à educação de qualidade (HAMANN, 2012).

Enquanto isso, as mazelas sociais se transferem para o domínio pessoal: pobreza, degradação ambiental, desemprego, falta de moradia, racismo, sexismo e heterossexismo: todos esses aspectos são reinterpretados como questões privadas que deveriam ser atendidas pela caridade voluntária, pela mão invisível do mercado, pelo cultivo de “sensibilidades” pessoais em relação aos outros ou fortalecendo a própria autoestima (HAMANN, 2012).

A grande contradição reside na distância existente entre os discursos populistas de liberdade, autonomia, individualismo enquanto a realidade mostra que os indivíduos em todo o mundo estão cada vez mais sujeitos às severas, imprevisíveis e imperdoáveis demandas das forças de mercado e são avaliados por meios impessoais de cálculos de custo-benefício dos riscos econômicos, responsabilidade financeira, produtividade, eficiência e conveniência (HAMANN, 2012).

Nesse sentido, o sujeito pode declarar sua autonomia irredutível, entretanto continua sendo uma engrenagem dos grandes mecanismos neoliberais. Trata-se agora de governar um ser cuja subjetividade deve estar envolvida em torno da figura da empresa e dos princípios do mercado (DARDOT; LAVAL, 2016).

As organizações também estimulam o “empreendedor de si” por meio de práticas que promovem a plena responsabilidade dos trabalhadores por sua própria saúde e bem-estar, oferecendo incentivos aos funcionários para participação em treinamentos físicos, gestão de estilo de vida e programas de dieta. Além disso, o aumento das tecnologias de autoajuda dissemina técnicas de gestão de tudo, até mesmo de sentimentos (HAMANN, 2012).

Nesse sentido, Leite e Melo (2008) afirmam que a partir da década de 1980, é possível perceber a institucionalização do empreendedorismo, favorecida pela comercialização de pacotes gerenciais que popularizavam as teorias acadêmicas na mídia por meio de livros, jornais, revistas, vídeos, palestras, treinamentos, reality shows e jogos. O conteúdo desses materiais visa guiar a conduta dos indivíduos, mostrando quais são os comportamentos adequados. Os “conselhos” vão desde “como fazer algo” até imperativos do tipo “seja

autoconfiante! ”. Esses modelos se combinam de forma que o público não consiga fazer a distinção entre um e outro e entenda como um todo coerente de prescrição de ações e valores. Portanto, constroem e inculcem nos indivíduos uma visão de mundo (LEITE; MELO, 2008).

Essas receitas prontas contribuem para a hegemonia de conceitos, práticas e modelos ideais, que apresentam o empreendedor como um herói que é capaz de desbravar novos caminhos, incorporar o risco em suas ações, quebrar regras e enxergar oportunidades que ninguém mais poderia enxergar (COSTA; BARROS; MARTINS, 2012).

Diferentes técnicas e procedimentos visam um melhor “domínio de si” estão normalmente relacionados a histórias, teorias e instituições, mas tem como pontos em comum o objetivo de fortalecer o eu, adaptá-lo melhor à realidade, torná-lo mais operacional em situações difíceis. Apresentam-se como saberes psicológicos, com um léxico especial, autores de referência, metodologias particulares, tudo isso para reforçar uma argumentação racional e transformar indivíduos a partir de um conjunto de premissas básicas. Esses métodos estão vinculados às exigências de um bom desempenho individual. No fim das contas, trata-se de fazer com que a norma de eficácia da empresa seja substituída pelo uso da subjetividade para se alcançar um melhor desempenho a nível individual (DARDOT; LAVAL, 2016).

Os “especialistas” retomando os termos de Chauí (2014) sobre o “discurso competente” se dividem em três tipos principais: acadêmicos, consultores e os *managers* heróis, sendo esses últimos profissionais bem-sucedidos que transformam suas ideias e experiências profissionais em produtos desse mercado (LEITE; MELO, 2008).

4. A ERGOLOGIA

4.1 Contextos, conceitos e heranças

A ergologia pode ser entendida como uma démarche que se debruça sobre o estudo da atividade humana. É uma disciplina, não como um novo domínio do saber, mas uma disciplina de pensamento (SCHWARTZ, 2000, p. 45). Assim, a ergologia se interessa por aquilo que é próprio das atividades humanas, e tem como foco o trabalho. Assim, o ponto de partida dessa démarche é que o trabalho é uma atividade humana e como tal é um lugar de debates entre as normas do meio e as normas do trabalhador. A abordagem ergológica considera o trabalhador como protagonista na produção de conhecimentos relacionados ao trabalho (CUNHA, 2005).

São vários os contextos que marcaram o surgimento da ergologia (SCHWARTZ, 2000, 2006). Nos anos 1980 ocorriam mudanças não só nas formas de trabalho, com o declínio do taylorismo/fordismo, mas também na esfera social, com o surgimento de novas técnicas e tecnologias. Essas transformações incentivaram um estudo mais profundo do trabalho. Mencacci e Schwartz (2015) afirmam que nesse contexto, havia alguma coisa que não estava funcionando entre o mundo do saber e o mundo do trabalho. No mundo do trabalho ocorre um grande número de coisas que não tem garantia nem apreensão clara nos ensinamentos em geral e nos ensinamentos universitários em particular. Não havia elementos para se compreender as transformações do mundo do trabalho.

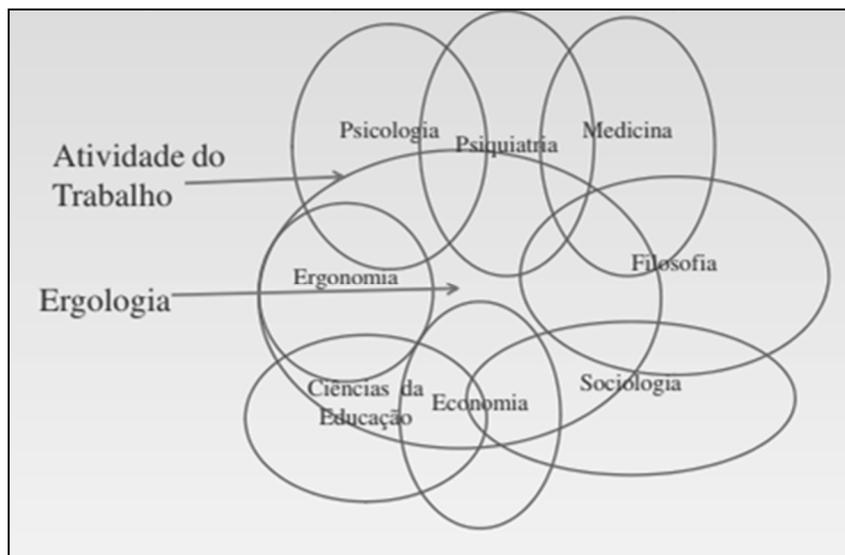
Para Schwartz (2006), a expressão ergologia começou a ser utilizada em meados de 1995 e 1997. Segundo o autor:

A ergologia não é, portanto, uma disciplina no sentido de um novo domínio do saber mas, sobretudo uma disciplina de pensamento. Essa disciplina ergológica é própria às atividades humanas e distinta da disciplina epistêmica que, para produzir saber e conceito no campo das ciências experimentais deve, ao contrário, neutralizar os aspectos históricos. A démarche ergológica mesmo tendo como objetivo construir conceitos rigorosos, deve indicar nestes conceitos como e onde se situa o espaço das (re) singularizações parciais, inerentes às atividades de trabalho. (SCHWARTZ, 2000, p. 45 e 46).

Ao se posicionar de forma diferente das disciplinas que normalmente tentam neutralizar os aspectos históricos, a ergologia coloca estes aspectos em evidência, como parte indissociável da atividade humana.

A ergologia recebe contribuições de diversos campos do saber, o que lhe confere um caráter pluridisciplinar. Ao colocar em debate diversas disciplinas, a ergologia descobre novos achados e dá abertura a novas perspectivas de conhecimento, representando um salto epistemológico nas Ciências do Homem (TRINQUET, 2010).

Figura 7: A pluridisciplinaridade ergológica



Fonte: Trinquet (2010, p. 94).

Muito dessa pluridisciplinaridade está relacionada às referências iniciais da ergologia – suas heranças. O surgimento dessa abordagem recebeu contribuições de três professores e médicos: o psicólogo Ivar Oddone, o filósofo George Canguilhem e o ergonomista Alain Wisner.

Ivar Oddone se graduou em medicina pela Universidade de Turim. Ele desenvolveu seus estudos a partir dos anos 1960, buscando uma nova concepção de intervenção em saúde laboral. O desejo de Oddone era abrir espaço para os saberes advindos da experiência individual e coletiva dos trabalhadores. Ele acreditava que a questão da linguagem era um aspecto fundamental, o que se tornou um ponto chave de suas investigações e análises (GOMES JUNIOR; CUNHA, 2015; SOUZA, 2017).

Oddone buscava recuperar o reconhecimento da experiência das condições de trabalho e da história das estratégias que delas decorrem, tanto para os executantes como para aqueles que concebem o trabalho (GOMES JUNIOR; CUNHA, 2015). Nesse sentido, ele inicia com a sua equipe uma série de experiências. Dessa produção de saberes junto aos trabalhadores

originou-se a ideia da comunidade científica ampliada (SCHWARTZ; 2000; GOMES JUNIOR; CUNHA, 2015).

A ideia da comunidade científica ampliada ia na contramão de uma ciência de domínio apenas de especialistas. Os saberes dos sujeitos, no caso os trabalhadores, também deveriam ser igualmente considerados. O foco dessas comunidades era voltado aos problemas concretos e à intervenção das situações reais do cotidiano dos envolvidos (SOUZA, 2017). O interesse das comunidades científicas ampliadas era valorizar as potencialidades dos trabalhadores, restituindo-lhe a possibilidade de uso da inteligência individual e coletiva como uma postura necessária para propor as mudanças nos ambientes de trabalho (GOMES JUNIOR; CUNHA, 2015).

Desse modo, o ensejo da comunidade científica ampliada era propor uma nova concepção de pesquisa e produção de saberes sobre o trabalho. Isso significava entender o trabalho para além de normas prescritas, pensadas por uns e executadas por outros, como proposto pelo modelo defendido pela Organização Científica do Trabalho. Para cumprir esse objetivo, o saber advindo da experiência dos coletivos de trabalho precisava ser valorizado, já que o saber sobre a vida excede qualquer norma (SCHWARTZ, 2000; GOMES JUNIOR; CUNHA, 2015).

Assim, a comunidade científica ampliada propunha uma visão não mutilante do trabalho. Buscava respostas sobre as transformações no mundo do trabalho, sobre a produção de saberes, laços coletivos, as lutas, os valores do trabalho e todo esse enredo que vão muito além das normas prescritas. Oddone foi quem inspirou essa forma de entender o trabalho pelo conhecimento dos trabalhadores (SCHWARTZ, 2000).

Essa comunidade era composta por operários, sindicalistas, estudantes, profissionais de diversos segmentos e pesquisadores. O principal objetivo era confrontar os saberes formais e informais dos trabalhadores, o que Schwartz (2000) designa como cultura e incultura (SOUZA; BIANCO, 2010). Todas as pessoas têm sua zona de cultura e incultura. Os saberes dos trabalhadores se distribuem de maneira não linear, não disciplinar e estão ancorados nas histórias e situações concretas (SCHWARTZ, 2000).

Com esses debates e algum tempo depois de formada essa comunidade, Oddone desenvolveu o conceito de competência profissional ampliada, acoplado à ideia de competências, antes relacionada apenas ao saber formal, saberes que advinham da experiência

e da história dos trabalhadores. Relacionava-se a uma competência que excede a técnica, que é carregada de história, de patrimônios, de experiências coletivas. Não é possível então adquirir essa competência apenas pelo ensino formal (SCHWARTZ, 2000).

A outra herança da ergologia veio do médico e pesquisador em filosofia Georges Canguilhem (SCHWARTZ, 2006). Para Safatle (2011), Canguilhem é o nome mais eminente da epistemologia das ciências médicas e biológicas do século XX. Sua obra mais conhecida é “O normal e o patológico”, resultado de uma tese defendida em 1943 (SAFATLE, 2011). Canguilhem (2009) defende que a distinção entre o normal e o patológico é algo qualitativo, e não meramente quantitativo:

Essa teoria não defende absolutamente a tese de que saúde e doença sejam opostos quantitativos, forças em luta, apesar de conservar a confiança tranquilizadora que a teoria ontológica deposita na possibilidade de vencer tecnicamente o mal. A necessidade de restabelecer a continuidade, para melhor conhecer, a fim de melhor agir é tal que, levando-a às últimas consequências, o conceito de doença se desvaneceria. A convicção de poder restaurar cientificamente o normal é tal que acaba por anular o patológico. A doença deixa de ser objeto de angústia para o homem são, e torna-se objeto de estudo para o teórico da saúde (CANGUILHEM, 2009, p. 13).

Canguilhem chega à questão de que a saúde está relacionada ao debate de normas e à contínua renormalização do meio: “Curar é criar para si novas normas de vida, às vezes superiores às antigas. Há uma irreversibilidade da normatividade biológica” (CANGUILHEM, 2009, p. 92). Para Canguilhem, ser doente é, para o homem, viver uma vida diferente. Desse modo, ele se contrapõe à visão de que a doença é apenas uma parte que deve ser localizada e tratada. A doença não está em uma parte isolada do homem – é uma desarmonia, um desequilíbrio, algo dinâmico que está em todo o homem. Não há como classificar como patológico apenas um sistema ou mecanismo funcional isolado. Há uma diferença qualitativa fundamental que atinge todo o organismo com a integralidade de seus processos e funções (SAFATLE, 2011).

Não é absurdo considerar o estado patológico como normal, na medida em que exprime uma relação com a normatividade da vida. Seria absurdo, porém, considerar esse normal idêntico ao normal fisiológico, pois trata-se de normas diferentes. Não é a ausência de normalidade que constitui o anormal. Não existe absolutamente vida sem normas de vida, e o estado mórbido é sempre uma certa maneira de viver (CANGUILHEM, 2009, p. 92).

O estado normal e o patológico estão relacionados à renormalização da vida. E essa renormalização reside nos esforços dos seres vivos para dominar o seu meio e organizá-lo de acordo com suas próprias normas (CANGUILHEM, 2009).

É por referência à polaridade dinâmica da vida que se podem chamar de normais determinados tipos ou funções. Se existem normas biológicas, é porque a vida, sendo não apenas submissão ao meio mas também instituição de seu próprio meio, estabelece, por isso mesmo, valores, não apenas no meio, mas também no próprio organismo. É o que chamamos de normatividade biológica (CANGUILHEM, 2009, p. 92).

Em suma, Canguilhem critica certos conceitos da medicina, levando a pensar as noções de saúde e doença sob o plano de uma subjetividade que mesmo implícita, é central. Na obra de Canguilhem, a função dessa subjetividade está relacionada ao que na clínica ergológica se chama “uso de si”, instância que realiza o esforço vital de renormalização do meio em presença constante do conflito entre o conhecimento e a vida (GOMES JUNIOR; CUNHA, 2015).

A outra herança da ergologia veio do médico Alain Wisner, um dos precursores da ergonomia francesa. A equipe de ergonomistas do professor Wisner desenvolveu em 1971-1972 um estudo em uma fábrica de montagem de televisores e conseguiram desenhar como cada operadora modificava seu trabalho de acordo com suas próprias regras (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 39).

Os ergonomistas concluíram que o que é dado anteriormente à execução da tarefa (normas prescritas) é muito distante do resultado em si (trabalho real). Essa situação, que ocorre por meio das microgestões das próprias operadoras, não pode ser reproduzida nem mesmo por elas. Com os esquemas construídos pelos ergonomistas, resultantes das observações, Schwartz chegou a algumas conclusões gerais e fundamentais para a ergologia, sendo todas atravessadas pela atividade humana (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

4.2 A atividade humana e as proposições da ergologia

A ergologia se debruça sobre o estudo da atividade humana, caracterizada por um debate permanente de normas (SCHWARTZ, DURRIVE, 2015). Sendo assim, entender a atividade é um elemento central para a compreensão dessa abordagem. Para Schwartz (2007), a atividade é um termo complexo de se definir, já que não possui um conteúdo conceitual preciso. Entretanto, o filósofo acredita que pode se compreender a atividade como uma

oposição à inércia, uma vez que a inércia não consome energia e equivale-se a um corpo em estado de descanso. A atividade, portanto, é uma luta contra a inércia e essa luta é próprio da vida, nos termos de Canguilhem.

A atividade é concebida pela ergologia como produtora, matriz de histórias, na renovação das normas antecedentes que são sempre renormalizadas (SCHWARTZ, 2000). O glossário de ergologia desenvolvido por Durrive e Schwartz (2008), apresenta a palavra atividade como:

A actividade é um impulso de vida, de saúde, sem limite predefinido, que sintetiza, cruza e liga tudo o que se representa separadamente (corpo/espírito; individual/colectivo; fazer/valores; privado/profissional; imposto/desejado; etc.). (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 23).

“Ao se tratar da atividade humana, cria-se sempre um ou vários campos de debates entre umas normas antecedentes e umas renormalizações (parciais) que produzem história de modo dialético e em todos os níveis entre o microscópico e o macroscópico” (SCHWARTZ, 2002, p. 126). A atividade então pode ser entendida como um impulso de vida que se manifesta nas renormalizações do meio. É na atividade que são convocadas múltiplas microgestões inteligentes de cada situação (SCHWARTZ, 2004).

A atividade é, em todos os momentos da vida, produtora de histórias. O fato de ser considerada enigmática não significa que o ser desaparece na obscuridade desse encaixamento de normas (SCHWARTZ, 2011). A estrutura essencial da atividade são os debates de normas. Esse é o ponto nodal da ergologia e ele não pode ser compreendido sem um mundo de valores (VENNER; SCHWARTZ, 2015). Quando se diz debates, se quer dizer escolhas a fazer. Essas escolhas podem ser mais ou menos conscientes e remete a um universo de valores construído a partir das constantes renormalizações (SCHWARTZ, 2011).

Para Schwartz (2011), quando se considera as nossas sociedades de direito (e de mercado), os debates de normas estão às voltas com as normas antecedentes. Essas normas reenviam sempre a universos de justificações, dispositivos jurídicos, argumentos técnico-científicos, que jamais poderão se impor como leis absolutas, pois isso é impossível e invivível. Essas normas passam sempre por renormalizações que se operam no aqui e agora.

A existência de normas gerais é uma conquista “não negociável” da humanidade. Para sobreviver, os seres humanos devem se conformar com normas de todos os tipos, que são criadas nas e pelas histórias humanas. Entretanto, o que deve ser criticado é o uso

manipulador dessas normas antecedentes nas sociedades cada vez mais tecnicizadas e dominadas por modelos mentais que precedem a atividade e tornam os homens em meros instrumentos de exploração. Assim, a norma admite um caráter ambíguo, tanto facilitador, quanto opressor da vida social. A simplificação mutilante começa a partir do momento em que a norma é reduzida a um de seus polos, quando ela começa a ter o mesmo caráter das leis naturais (SCHWARTZ, 2015).

Nenhuma norma, nenhuma antecipação pode cobrir a totalidade dos vazios de normas (SCHWARTZ, 2015). As renormalizações do meio estão relacionadas à distância entre as normas e a atividade realizada, o que marca a lacuna entre o trabalho prescrito e real. Haverá sempre um desvio e esse desvio é sempre singular, pois remete a uma história particular. A renormalização que acontece na atividade de trabalho gera um desconforto intelectual ao pesquisador, pois questiona e invalida em parte os saberes disciplinares que têm sempre a tendência em neutralizar a história atual, local dos homens e das atividades (SCHWARTZ, 2000).

Sabe-se que sempre haverá uma distância entre o prescrito e o real. Entretanto, não é possível prevê-la. O conteúdo da distância entre as normas antecedentes e o trabalho real é sempre parcialmente ressingularizado. Essa distância é imprevisível e singular, pois está ancorada em uma história particular de cada trabalhador e sua relação com as características singulares, como morfológicas, psíquicas e culturais (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010). As normas próprias que cada ser industrial se dá para tratar o impossível e o invivível se enraízam em saberes e valores acumulados e reprocessados permanentemente em sua própria história, em um corpo-si (SCHWARTZ, 2011).

O corpo-si é o lugar do entrecruzamento dos debates de normas (SCHWARTZ, 2011). A ergologia propõe a noção de corpo-si com a seguinte definição:

[...] a essa “alguma coisa” que é, digamos [...], biológica, mas atravessada de história. Ou seja, nós trabalhamos nosso corpo, nós o trabalhamos permanentemente pela nossa experiência de vida – e, portanto, por nossas paixões, por nossos desejos, por nossas experiências [...] Trata-se do histórico, mas do histórico funcionando em alquimias que vão além de nós: e que vão além, tanto de quem lhe mostra o espelho, quanto de quem está diante dele (SCHWARTZ, 2011, p. 197).

Quando a ergologia escolhe se referir ao ser humano como um corpo-si, ela quer mostrar não apenas um sujeito que é carregado de história, mas também um corpo que é marcado de histórias, por isso a ergologia recorre ao conceito de corpo-si e não ao sujeito ou a pessoa. Essa convocação do si propõe uma retomada do corpo e da história, já que a história

está constantemente engajada nessa passagem (MENCACCI; SCHWARTZ, 2015). O corpo-si, representa que é no mesmo corpo que se passam todas as situações da vida social (SCHWARTZ, 1996):

Mas *onde* se cultiva a saúde do corpo, a memória, *onde* se combate o descuido? Não temos *dois corpos*, um para “o trabalho” e outro para o “fora do trabalho”, é o mesmo corpo que enfrenta, experimenta-se, forma-se, gasta-se em todas as situações da vida social (SCHWARTZ, 1996, p. 152).

Há sempre valores envolvidos na atividade. Não há debate de normas sem se referir a um mundo de valores (VENNER; SCHWARTZ, 2015, p. 69). Assim, para a ergologia, toda escolha é baseada em um debate de valores. Essas escolhas são feitas em função de critérios orientados por valores, que são ao mesmo tempo debates consigo mesmo e de ordem social, o que Schwartz chama de bem viver juntos (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

O mundo de valores é mais ou menos anônimo e sem dimensões porque não se pode criar uma hierarquia ou uma escala desses valores (VENNER; SCHWARTZ, 2015). A atividade convoca sempre um mundo de valores presente em cada ser humano. Isso se refere a escolhas que são sustentadas por certos critérios, sejam eles conscientes ou não. Não há universo estável de valores, eles são sempre retrabalhados no curso da vida e da experiência de cada pessoa. São esses valores que sustentam as normas (MENCACCI; SCHWARTZ, 2015). Os debates de normas e valores representam as escolhas feitas pelos trabalhadores no encontro com o trabalho, em sua atividade industriosa. São escolhas na vida e no trabalho (SOUZA-E-SILVA; STELLA, 2015).

Esses debates de normas e valores, presentes em toda situação de trabalho, convocam as “dramáticas do uso de si”. Para que o trabalho possa ser operado, é preciso uma pulsão da pessoa sobre ela mesma, convocando seu corpo, sua inteligência, sua memória, o que Schwartz chama de “uso de si por si”. No uso de si por si, é a pessoa que reinventa uma certa maneira de ser, de viver, de sobreviver com os outros (MENCACCI; SCHWARTZ, 2015).

Já as dramáticas se referem a algum acontecimento. Significa que alguma coisa está acontecendo, uma história está acontecendo, algo que não era previsto, mas que não é necessariamente algo trágico. As dramáticas do uso de si são histórias que se estabelecem permanentemente, confrontos com todos os tipos de problemas. Uma história que nem sempre estava prescrita no início, já que ocorrem debates e ninguém pode escapar deles

(MENCACCI; SCHWARTZ, 2015). De acordo com o glossário de ergologia, desenvolvido por Durrive e Schwartz (2008), as dramáticas do uso de si se referem a:

Na origem, um drama – individual ou colectivo – tem lugar quando ocorrem acontecimentos, que quebram os ritmos das sequências habituais, antecipáveis, da vida. Daí a necessidade de reagir, no sentido de: tratar esses acontecimentos, “fazer uso de si”. Ao mesmo tempo, isto produz novos acontecimentos, por conseguinte, transforma a relação com o meio e entre as pessoas. A situação é então matriz de variabilidade, matriz de história porque engendra outros possíveis em razão das escolhas a fazer (micro-escolhas) para tratar os acontecimentos. A actividade aparece então como uma tensão, uma dramática (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 25).

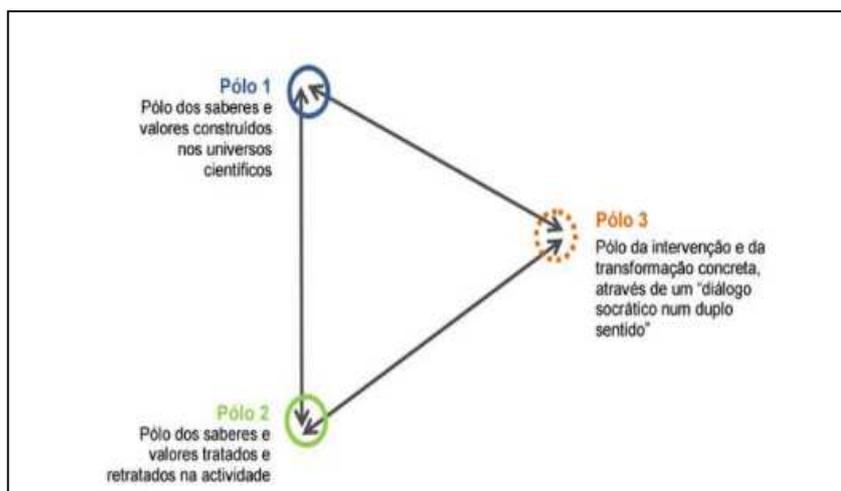
Essas dramáticas perpassam todas as esferas da vida das pessoas. As “dramáticas do uso de si” são a interface de um encontro particular, no qual o sujeito, ou o corpo-si tenta encontrar uma solução partindo de toda a sua bagagem histórica (SCHWARTZ, 1998, 2010).

4.3 Os Dispositivos Dinâmicos a três polos (DD3P) e o regime de produção de saberes

“A démarche ergológica convida a multiplicar as iniciativas de lugares mistos, chamados “dispositivos dinâmicos a três polos”, ou DD3P, que os Encontros de Trabalho ilustram” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2015, p. 387). Os “dispositivos dinâmicos a três polos”, expressão cunhada em 1995, podem ser entendidos como lugares ou recursos que permitem a confrontação entre os saberes formais e os saberes da experiência, que emergem da atividade industriosa. Nesses dispositivos, cada um se coloca em disponibilidade para aprender com os outros e para transmitir a outros o que a confrontação com as situações reais de trabalho lhes ensinam. Os DD3P visam sintetizar um regime de produção de saberes coerente com a concepção ergológica de atividade, como uma sucessão de renormatizações (SCHWARTZ, 2011; SCHWARTZ; DURRIVE, 2015).

Os DD3P podem ser entendidos como dispositivos socráticos de mão dupla (com referência a maiêutica socrática, o método dialético), que questionam sempre o *one best way* definido pelo modelo taylorista. Esses dispositivos têm como vocação organizar o confronto das áreas específicas de cultura e incultura, que se referem a saberes armazenados em domínios teóricos constituídos, disponibilidade para o retrabalho infinito dos saberes operacionais e valores reguladores gerados pelas dramáticas da atividade social (SCHWARTZ, 2002).

Figura 8: Representação Gráfica do Dispositivo Dinâmico a três polos



Fonte: Silva e Santos (2017) com base nas ideias de Schwartz

Esses dispositivos, matriciais e de geometria variável podem se adequar a múltiplas situações e tem por vocação ampliar e até transformar os ofícios correspondentes. São dinâmicos, pois remontam ao permanente retrabalho dos saberes e valores, em que são recolocadas em questão as disciplinas científicas e pessoas, rumo a futuros incertos. (SCHWARTZ, 2002).

Conforme apresenta a Figura 8, esse dispositivo identifica três polos que se referem a diferentes procedências de saberes. O polo I se refere aos saberes constituídos – formado por conceitos, competências e conhecimentos acadêmicos. São os saberes disciplinares, formais e instituídos (SCHWARTZ, 2000, 2002). Para Schwartz (2002), em razão do entrecruzamento das disciplinas, essa apropriação da disciplina do conceito, acoplada à apropriação de conhecimentos organizados de forma linear é uma passagem obrigatória.

O segundo polo é formado pelos saberes decorrentes da experiência prática. São saberes investidos na atividade, criados via debate de normas, e, portanto, dificilmente compreendidos em sequências conceituais lineares. São experiências e saberes próprios da história, em todos os níveis, desde o mais infinitesimal ao macroscópico. Esse polo designa a implicação nesses processos socráticos de interlocutores e parceiros engajados na atividade industriosa (SCHWARTZ, 2002).

A importância do segundo polo, segundo Souza e Bianco (2010), está em libertar aquilo que foi colocado e limitado dentro do corpo teórico do primeiro polo. São as experiências e vivências dos trabalhadores que trazem o saber formal para um contexto real e

específico (SOUZA; BIANCO, 2010). Afastar-se desses locais de produção de conhecimentos é ir em direção a modelizações neutralizantes, mutilando as alavancas que favorecem as reservas de alternativas nos campos considerados. Dessa forma, qualquer construção teórica é vista como circunstancial, histórica e singular. As renormatizações vivas “torcem” permanentemente os conceitos e retrabalha valores humanos, sociais e coletivos. (SCHWARTZ, 2002).

De acordo com Schwartz (2002, p. 146), “o terceiro polo tem um estatuto um pouco diferente, sendo ao mesmo tempo a condição de possibilidade e o beneficiário do trabalho de confrontação dos dois primeiros”. A confrontação entre as duas disciplinas não se opera de forma natural. A colocação em palavras da atividade esbarra em todo tipo de obstáculos genéricos, históricos e culturais. Sem um vivo sentimento de desconforto intelectual e social nos profissionais da disciplina epistêmica e sem a vontade conjunta dos protagonistas engajados na atividade de ampliar seu horizonte de vida, não haveriam motivos para o funcionamento desse dispositivo.

O polo III é aquele que torna possível o diálogo entre os outros dois polos. É o polo do mundo comum a construir. Ele precisa de um esforço para ser construído, uma verdadeira luta por esses diálogos socráticos em mão dupla (SCHWARTZ, 2011). Por isso, o terceiro polo é mais complexo de definir, conforme afirma Schwartz (2010). O autor explica que a confrontação entre os saberes dos outros dois polos só pode acontecer se houver uma consciência de humanidade, ou seja, ver o outro como seu semelhante e como alguém que está em atividade. Essa consciência parte da aceitação de que o outro também é foco de debates, atravessado pelas dramáticas do uso de si, um lugar de gestões.

É nesse polo que se institui a “vontade de saber”, a possibilidade de tal formação em que a aprendizagem e a “imprendizagem” se cruzem e interajam entre si (SCHWARTZ; DURRIVE, 2015). Esse terceiro polo é conhecido como o polo das exigências ergológicas: formado por exigências éticas e meios de buscas de soluções (TRINQUET, 2010).

A "imprendizagem" está relacionada ao termo impregnação ou processo de maturação, que é impossível de se antecipar no interior do nosso corpo-si. Assim, esse terceiro polo assegura a dinâmica entre os saberes instituídos e investidos na atividade industriosa, proporcionando não só uma aprendizagem, como também um questionamento sobre valores e visões de mundo, por isso se fala em imprendizagem (SCHWARTZ; DURRIVE, 2015).

O dispositivo de três polos convoca e busca contrapor os saberes em aderência e desaderência, ou saberes investidos e instituídos. Os saberes em desaderência estão relacionados às normas antecedentes, pensados por outras pessoas, sem destinatário personalizado, então há aí uma distância entre as normas antecedentes e o trabalho real (SCHWARTZ, 2009). São os saberes instituídos, são as disciplinas, ou “competências disciplinares”, se referem aos conceitos, às normas antecedentes. São saberes disponíveis e podem ser estocados. Podem circular antes do aqui agora (*hic et nunc*). São saberes relativamente codificados, estocados, acadêmicos que permitem antecipar situações de vida e de atividade (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

Essas normas definidas por outros passam por um debate de normas quando se trata da situação real do trabalho. Isso dá lugar ao saber em aderência. De acordo com o glossário de ergologia, aderência representa uma situação vivida “aqui e agora” (*hic et nunc*). (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008).

Os saberes produzidos na aderência são resultantes do encontro do trabalhador com a sua atividade industriosa. A própria atividade humana extravasa os saberes, mediante sua recriação parcial de normas e meios. São os saberes investidos na atividade, recriados pelo debate constante dessas normas antecedentes, e que na maioria das vezes ainda não foram nem mesmo verbalizados. Não podem ser tratados como subsaberes, pois são saberes que vem com a historicidade de cada sujeito e estão imbricados na atividade industriosa (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

A convocação da aderência é própria da vida humana, bem como da atividade industriosa. Todo o debate de normas, as dramáticas do uso de si, as gestões do uso de si, residem nessa área da aderência. A vida não pode se concentrar apenas na desaderência. Pensar dessa forma, de acordo com Schwartz (2009) é mecanizar a vida humana. Isso leva ao desconhecimento dos desafios da aderência (SCHWARTZ, 2009).

Dessa forma, pode-se observar no Dispositivo Dinâmico de três polos a dinâmica entre os saberes em aderência e desaderência, sendo que no primeiro polo, os saberes são produzidos na desaderência, são os saberes formais, enquanto no segundo polo tem-se os saberes derivados do "vai e vem" entre normas antecedentes e renormalizações, entre a aderência e a desaderência. Já no polo três residem as convicções que impulsionam os

protagonistas a se engajar nos processos, em que cada um deve retrabalhar seus recursos, confrontando-os com os dos outros (SCHWARTZ, 2009).

4.4 O espaço tripolar e as contradições do empreendedorismo

No momento atual das sociedades que se encontram em um compasso de mudanças em escala institucional, territorial e econômica, é possível entender os processos históricos em um espaço social representado por três polos. É o que a ergologia apresenta como o espaço tripolar. Toda atividade de trabalho se inscreve em um espaço tripolar. Essa representação (ressalta-se correr o risco de simplificação presente em qualquer esquema) mostra de um lado os valores do polo político, que buscam deliberar sobre o bem comum por meio de valores sem dimensões como saúde e justiça; de outro lado tem-se o polo mercantil, regido por valores quantitativos, como rentabilidade e produtividade. Por fim, tem-se o polo da atividade, que é colocado pela ergologia em primeiro plano: é nele que ocorrem as tensões, as gestões, a história (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010; VENNER; SCHWARTZ, 2015).

O polo político deve dar o direito de reconhecer que não se pode viver independentemente desses valores não dimensionáveis, que são universais. Por isso, esse polo produz normas antecedentes que se concretizam na forma de leis, políticas, e normas sociais para assegurar esses valores (VENNER; SCHWARTZ, 2015).

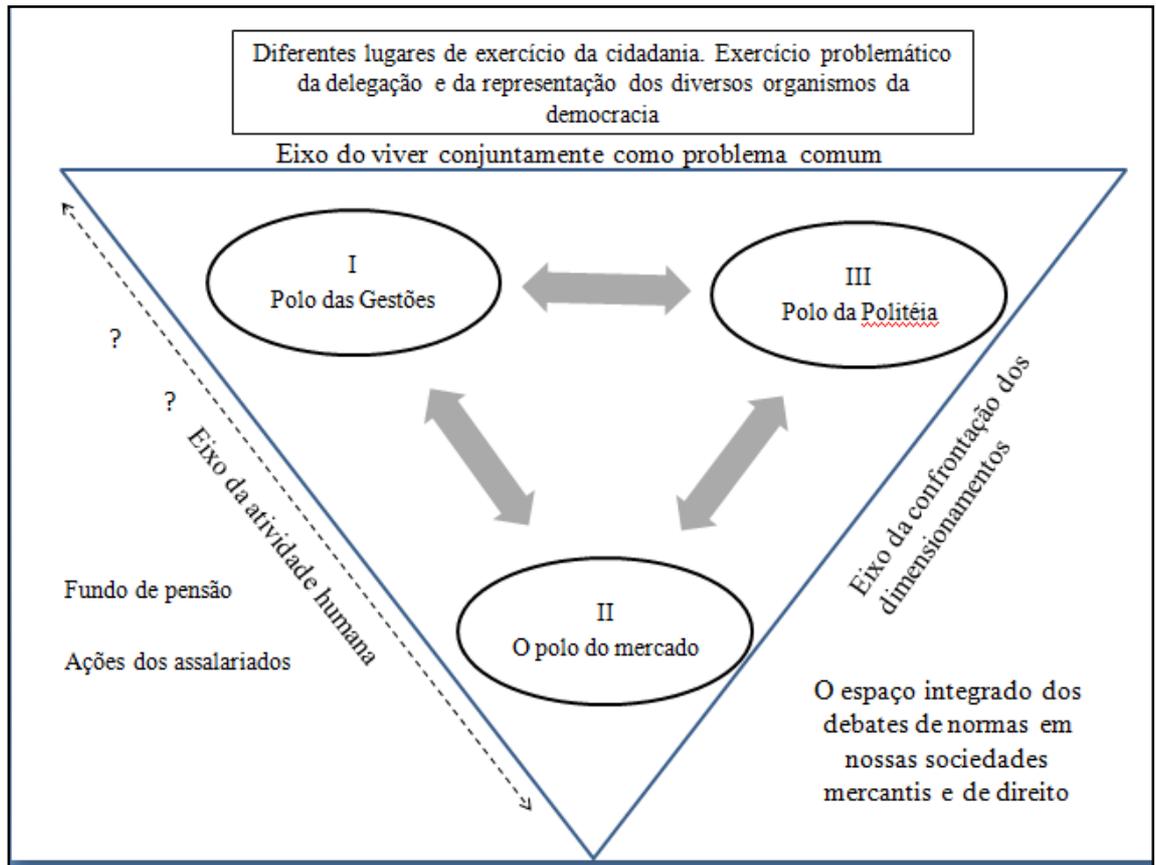
O polo mercantil também é produtor de normas antecedentes, mas são normas relacionadas a valores quantitativos. Ambos são polos fortes, ligados a hierarquias e relações de poder. Nas nossas sociedades de mercado, é necessário obter recursos em dinheiro. Mas, satisfazer os imperativos de valores dimensionados torna-se completamente desconectado de um objetivo relacionado ao bem comum, o bem público (VENNER; SCHWARTZ, 2015).

Assim, se vê que os polos do mercado e o polo político convocam valores distintos e isso gera um debate permanente de normas, pois estes valores entram em conflito. Para Venner e Schwartz (2015), estamos todos às voltas com nossas dramáticas de uso de nós mesmos, permeados por debates de normas e presos à um mundo de valores que não pode ser dimensionável. Esse fato instaura entre todos os humanos uma dimensão de igualdade e universalidade.

Schwartz e Durrive (2010) afirmam que o polo político influencia o polo mercantil na busca de assegurar valor para os cidadãos. Os autores criticam a hegemonia dos valores do mercado, que dita valores dimensionáveis. Entretanto, a hegemonia dos valores quantitativos e mercantis não podem se impor aos valores sem dimensão, pois a vida é pautada em valores que não possuem dimensões, ou seja, não podem ser quantificáveis, segundo a lógica do mercado.

A tensão entre esse sistema bipolo exige um terceiro polo, existe uma lacuna, falta o motor principal, o que faz história, ou seja, o polo I, onde se situam os debates de normas e que coloca sem cessar o desequilíbrio e a criatividade nesse espaço social de três polos (VENNER; SCHWARTZ, 2015). Tem-se assim o polo das gestões, que representa o humano, a atividade humana. Nesse polo das gestões têm-se as gestões dialéticas entre as normas antecedentes e as ressingularizações. Schwartz e Durrive (2010) ressaltam a importância do polo das gestões como local em que se situa a atividade industriosa. Sem ele não é possível entender quem pensa, quem sofre, quem quer a mudança. É nesse polo das gestões que ocorre o debate de normas e de valores, as dramáticas do uso de si e as demais proposições básicas da ergologia mencionadas anteriormente (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010). A Figura 9 representa o espaço tripolar.

Figura 9: O espaço tripolar



Fonte: Schwartz e Durrive (2010, p. 252).

Em uma sociedade de mercado, nada funciona sem os debates de normas, que estão situados no polo I, ou polo da atividade. É nesse espaço que se encontra a alavanca da transformação, uma vez que altera o sistema bipolo, o qual, nessa configuração, não poderia se tornar matriz de história (VENNER, SCHWARTZ, 2015).

Schwartz e Durrive (2010) apontam que o equilíbrio é essencial para a dinâmica do espaço tripolar. Ele dá o exemplo da terceirização, como algo que retira o polo político do jogo, deixando apenas os polos das gestões e o mercantil. Isso se torna um grande problema, principalmente pela volatilidade existente no polo mercantil: "te pego, te dispense e você que se vire".

Essa lógica dos três polos pode ser utilizada para compreender o empreendedorismo como uma ideologia, conforme proposto anteriormente. O empreendedor é concebido como o sujeito referencial da racionalidade neoliberal. O mercado forma seu próprio sujeito por meio

de um processo de autoformação que é autoeducador e autodisciplinador, e define quais são as condutas aceitas (DARDOT; LAVAL, 2016).

Surge a ideia de que essa faculdade só pode ser formada no meio mercantil. O homem passa a ser instrumento e não mais fim. Configura-se então um desequilíbrio que tende ao polo mercantil. O indivíduo liberal proclama sua autonomia, mas continua sendo uma engrenagem nos grandes mecanismos neoliberais. O homem passa a ser contemplado em um discurso que coloca ao centro a empresa. Trata-se agora de governar um ser em que a subjetividade está envolvida em torno da atividade que ele executa (DARDOT; LAVAL, 2016).

Nesse sentido, o empreendedor, que deveria representar o polo I da atividade, ou das gestões, se vê imbuído de uma racionalidade pautada pelos valores do mercado. Além disso, os valores do empreendedorismo como uma ideologia afetam não só o sujeito, como também outras esferas da vida: "Na nova ordem mundial, dominada pelos valores do empreendimento, tudo é *business*" (GAULEJAC, 2007, p. 179). O fluxo neoliberal é o seguinte: as corporações avançam, o Estado e os sindicatos mínguam, vêm as privatizações, consolidações e reestruturações (WOOD JR. 2013). Da primazia absoluta do direito privado resulta um esvaziamento progressivo de todas as categorias do direito público que vai no sentido de uma desativação de sua validade operatória. O Estado é obrigado a ver a si mesmo como uma empresa, em seu funcionamento interno quanto em seu relacionamento com os demais Estados. Assim, o Estado, ao qual compete construir o mercado, tem ao mesmo tempo de construir-se de acordo com as normas do mercado (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 378). A lógica econômica do custo-benefício prevalece sobre os valores políticos. A economia dita as leis. O cidadão é visto como um cliente e o estado precisa prestar um serviço com eficiência e qualidade (GAULEJAC, 2007). O que se percebe nesse fluxo é a preponderância dos valores do mercado sobre o polo político e o polo das gestões.

Para sustentar essa hegemonia do mercado, se tem a indústria do *management*, com as empresas de consultoria, as escolas de administração e os livros e revistas de gestão e negócios. Essa nova indústria vende o sonho de ascensão, de sucesso e reconhecimento (WOOD JR. 2013). Por intermédio da ideologia do *management* e sua fé inabalável nos valores de mercado, nos procedimentos racionais e no gênio do empreendedor, os valores empresariais invadem a vida pessoal (WOOD JR., 2013) e isso é disseminado como algo natural pelo empreendedorismo.

“O *management* é um discurso ferrenho que usa palavras de veludo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 345) No campo do *management*, essa orientação, mesmo que disfarçada e que sustenta as dimensões da rivalidade na ação, encontra sua expressão mais forte, com o intuito de moldar os sujeitos para torná-los empreendedores (DARDOT; LAVAL, 2016).

A gestão neoliberal de si mesmo consiste em fabricar para si um eu produtivo, que exige sempre mais de si mesmo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 344). Essas técnicas de gestão visam transformar o sujeito em todas as suas esferas, em todos os domínios da sua vida.

A ideologia gerencialista é uma mistura de regras racionais, de prescrições precisas, de instrumentos de medida sofisticados e de técnicas de avaliações precisas. Entretanto, ela possui outra face, caracterizada por regras irracionais, prescrições irrealistas e julgamentos arbitrários. É constituída por uma racionalidade fria e objetiva. Essa ideologia é marcada por um contexto cada vez mais paradoxal, levando os indivíduos a uma submissão livremente consentida (GAULEJAC, 2007).

Conforme Gaulejac (2007, p. 28), “tudo se gere”. A gestão se torna então uma doença social na medida em que inverte fins e meios e deixa de ser uma ferramenta para ser o fim de tudo. Isso não apenas dentro das organizações, mas nas relações sociais e na família, que se torna uma produtora de indivíduos produtores.

Nesse mesmo sentido, Dardot e Laval (2016) afirmam que as novas formas de gestão permanecem carregando a mais inflexível e clássica violência social típica do capitalismo: a tendência em transformar o trabalhador em mera mercadoria. Nisso, se vê a corrosão dos direitos, a insegurança instaurada pelas novas formas de emprego precárias, provisórias e temporárias, a facilidade cada vez maior de demitir e a diminuição do poder de compra das classes populares produzem um aumento considerável da dependência dos trabalhadores em relação a seus empregadores, de forma que isso soa como diminuição das proteções sociais e das solidariedades coletivas, transferindo o risco aos assalariados, que acabam por aceitar condições das empresas, como mais disponibilidade e comprometimento (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 329).

Nesse contexto, a ação coletiva se torna mais difícil, uma vez que os indivíduos são submetidos a um sistema de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego, a precariedade, a dívida e a avaliação são poderosas alavancas da concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. A polarização entre os que desistem e aqueles que são bem-sucedidos minam a solidariedade e a cidadania (DARDOT; LAVAL, 2016).

Na direção da valorização da ação individual surge o discurso que produz o homem empresarial. Esse é um sujeito que deve descobrir informações sobre o mercado e encontrar oportunidades de lucro, na tentativa de superar e ultrapassar os outros. O empreendedorismo torna-se então a conduta universal mais essencial à ordem capitalista e carrega consigo a concorrência, o individualismo e a rivalidade como valores (DARDOT; LAVAL, 2016).

Por meio do jogo do mercado, todos aprendem a ser empreendedores. Isso significa que se o mercado é um espaço livre para os empreendedores, todas as relações humanas podem ser afetadas por essa dimensão empresarial que passa a constituir o ser humano (DARDOT; LAVAL, 2016).

A empresa é promovida a modelo de subjetivação. Cada indivíduo se torna empresa de si. A racionalidade neoliberal dilui o direito público em benefício do privado. A figura do cidadão desaparece gradualmente dando lugar a figura do homem empreendedor. Essa nova racionalidade promove seus próprios critérios de validade, que não estão relacionados a valores do bem-comum, nem a direitos (DARDOT; LAVAL, 2016).

A noção da empresa de si mesmo supõe uma integração entre a vida pessoal e profissional. A criança deve ser empreendedora de seu saber. Tudo se torna empresa: o trabalho, o consumo, o lazer, já que procura tirar deste o máximo de riquezas, utilizá-lo para a realização de si mesmo como maneira de criar (DARDOT; LAVAL, 2016).

A pessoa deve se tornar uma empresa, mesmo sendo um funcionário de uma grande corporação. É o que diz Gorz (2005), em sua crítica ao poder que o capital tem sobre os homens, levando-os a responder por sua rentabilidade. Entretanto, o autor salienta que a multiplicação do dinheiro não cria riqueza e o crescimento da economia, sempre atrelado à ideia de bem comum, na verdade produz miséria em vez de prosperidade (GORZ, 2005).

Com o auto-emprego, as fronteiras entre o que se passa dentro e fora do trabalho são apagadas, não porque mobilizem as mesmas competências, mas porque o tempo da vida se reduz ao valor econômico (GORZ, 2005). Tudo se torna “*business*”: a sexualidade, o casamento, a saúde, a beleza, as relações, os conhecimentos. Mesmo os assalariados devem se tornar empreendedores e gerir sua carreira como se fosse uma empresa (PIERRE LÈVY, 2000 citado por GORZ, 2005). A pessoa precisa se vender. Tudo se torna uma mercadoria e passa a ser medido em dinheiro. Os valores empresariais passam a ser aplicados a todas as dimensões da vida humana (DARDOT; LAVAL, 2016).

As novas práticas de fabricação e gestão do homem-empresa faz com que os indivíduos trabalhem para a empresa como se trabalhassem para si. É uma tentativa de eliminar qualquer sentimento de alienação, já que o desejo de se esforçar sempre mais aparenta vir de dentro dele mesmo. Entretanto, ao tentar suprimir o sentimento de alienação, isso se torna o cúmulo da alienação (DARDOT; LAVAL, 2016).

A redução da interferência do Estado surge como algo necessário para o progresso. A principal limitação do pensamento liberal consiste em certa fobia da atividade do Estado, enxergando esta como a imposição de uma vontade pela coerção. “Essa atitude impede que se compreenda que o governo do Estado poderia articular-se positivamente com o governo de si do sujeito individual, em vez de ir à direção oposta, ou criar-lhe obstáculos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 155).

A ideologia neoliberal acredita que a regulamentação do trabalho é vista como um obstáculo para a liberalização dos mercados e que a proteção social e os salários são pesos que devem ser “reduzidos” (GAULEJAC, 2007). O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições e direitos. Ele também produz certas formas de viver, de se relacionar com o outro e com nós mesmos. Ele produz certas subjetividades e define normas de vida nas sociedades ocidentais e em todas as sociedades que seguem no caminho da modernidade. Pode-se perceber que essas normas são aplicadas em diversas dimensões, seja na política, na economia, nas relações sociais, e sob um aspecto subjetivo. Surge assim um novo sujeito, que passa a se comportar como uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2016).

A racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo, para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição que deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo a inteira responsabilidade por eventuais fracassos. O discurso vai do sujeito ao Estado, perpassando pela empresa, articulando uma definição do homem pela maneira como ele quer ser bem-sucedido (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328). Isso demonstra como os discursos que sustentam o empreendedorismo como uma ideologia geram um desequilíbrio no espaço tripolar proposto pela ergologia, uma vez que o polo do mercado passa a ditar os valores aos outros polos, pautado pela racionalidade neoliberal, que destrói direitos e valores não-dimensionados produzidos pelo polo político e redefine as condutas do ser humano por meio das normas e imperativos disfarçados de conselhos, autoajuda e outras mídias.

Existe uma contradição entre a atividade e o dinheiro na sociedade atual, marcada pela euforia do mercado. Tudo é visto por meio do dinheiro como único instrumento e critério. Com a obsessão e tirania do resultado financeiro, essa contradição prolifera no âmago do espaço social (SCHWARTZ, 2015). Para Schwartz (2015), o que está em jogo aqui não é um questionamento sobre a circulação monetária, mas sim a comparação entre a atividade humana e a natureza da troca e capitalização monetária. Ele questiona: quais arbitragens construir entre valores sem dimensões e valores quantitativos em favor da humanidade, dos empreendimentos e do autogoverno do planeta? (SCHWARTZ, 2015, p. 342).

As práticas do polo mercantil precisam considerar as pessoas e a atividade industriosa, pois, caso contrário, seus objetivos quantificáveis não serão alcançados. Todo o tipo de negociação deve perpassar os três polos e cada vez que isso ocorre é uma maneira de se considerar a atividade humana como parte da história (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010). Entretanto, isso não é o que se vê nos discursos do empreendedorismo, que favorecem o “*ethos* do jovem empreendedor” e silencia o debate de normas e as “dramáticas do uso de si” desses agentes. Ao difundir ideias como as receitas para o sucesso, a mídia de negócios constrói um estereótipo do empreendedor competente, brilhante, bem-sucedido, atualizado, corajoso, inovador e agente de mudança da sociedade (SOUZA-E-SILVA; STELLA, 2015).

Ao olhar para a atividade do empreendedor pela sua perspectiva, são revelados os desafios, as dificuldades, os debates de valores. O empreendedor já nasceu como um agente de renormalização das normas antecedentes (STELLA, 2015). Por meio da história de vida de um empreendedor, tentou-se dar espaço ao polo I, evidenciando as contradições, os debates de normas aos quais esse sujeito, aspectos que normalmente são silenciados quando se trata do empreendedorismo. A próxima seção apresenta o método história de vida e aborda os caminhos metodológicos percorridos nesta pesquisa.

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta dissertação adotou uma abordagem qualitativa. Para Denzin e Lincoln (2006), o termo qualitativo designa uma ênfase na qualidade das entidades, sobre os processos e os significados que não podem ser medidos de forma experimental. Ou seja, a pesquisa qualitativa volta-se para uma realidade que não pode ser quantificada. De acordo com González Rey (2005), na epistemologia qualitativa, a preocupação central é a legitimação do singular como instância de conhecimento. Essa legitimação está relacionada ao valor teórico da subjetividade no estudo do homem, da cultura e da sociedade.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa se interessa em interpretar os sentidos dos fatos a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e a seus atos. Nessa abordagem, o pesquisador acredita que o mundo deriva da compreensão que as pessoas constroem no contato com a realidade das diferentes interações humanas e sociais (CHIZZOTTI, 2006).

Assim, a pesquisa qualitativa dá lugar ao estudo de realidades sociais. Parte-se do interesse em estudar pessoas, lugares, questões sociais e outros fenômenos dessa natureza. A postura do pesquisador nessa abordagem é altruísta, ou seja, ele deve se colocar no lugar do outro para compreender a sua visão de mundo (GODOY, 1995). Arendt (2003) alega sobre a impossibilidade de retirar o sujeito da rede de significações linguísticas e do contexto cultural em que está inserido.

Ainda sobre a postura do pesquisador, González Rey (2005) critica o imaginário positivista, que faz com que o pesquisador assuma uma postura neutra, passiva. O pesquisador, como sujeito, é inseparável de sua história, de suas representações, valores e crenças e, por isso, não há como assumir uma postura neutra quando se trata da abordagem qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2005). Para Denzin e Lincoln (2006), qualquer olhar sempre será filtrado pelas lentes da linguagem, do gênero, da classe social, da raça, e da etnicidade. Por isso, não existem observações objetivas, apenas observações que se situam socialmente nos mundos do observador e do observado. Ou seja, não existe a possibilidade do pesquisador se deslocar de seu contexto e de sua história (DENZIN; LINCOLN, 2006).

As ciências que estudam os sujeitos em seu cotidiano social constituem-se em domínios específicos de conhecimento, com métodos mais direcionados à compreensão da vida social (CHIZZOTTI, 2006). Dentre esses métodos se encontra a história de vida, que

coloca em evidência a singularidade do sujeito, sem se distanciar, no entanto, do contexto social no qual ele está inserido.

5.1 O método história de vida

A história de vida é um método biográfico que tem sido utilizado nos últimos anos por diversos campos de conhecimento, dentre eles a psicossociologia (BARROS; LOPES, 2014). Também chamada de Psicologia Social Clínica ou Sociologia clínica, a psicossociologia busca aprofundar a articulação entre o campo social, as condutas humanas e a vida psíquica. Enquanto a sociologia estuda a sociedade e a psicologia estuda o sujeito, para a psicossociologia, o sujeito é parte do social, e ambos devem ser considerados em conjunto. Essa abordagem volta o olhar para os mediadores entre indivíduo e sociedade, ou seja, grupos, organizações e instituições que permeiam a vida dos indivíduos e são criados, regidos e transformados por eles (ENRIQUEZ, 1990; BENDASSOLI; SOBOLL, 2011).

A psicossociologia se interessa pelos sujeitos em situações sociais reais, em seus grupos, instituições, ou seja, seu meio social (BENDASSOLI; SOBOLL, 2011). Parte-se do entendimento que todo indivíduo é constituído socialmente e pertence a diversos grupos, apresentando múltiplos traços de identificações (ENRIQUEZ, 1990).

O método história de vida surge da confluência entre História, Antropologia e Psicossociologia e tem como objetivo acessar pelo interior uma realidade que vai além do narrador (GAULEJAC, 2006). Trata de compreender a vivência social, o sujeito dentro de suas práticas e a forma com que ele negocia as suas condições particulares. A história de vida foi utilizada de forma episódica pela Escola de Chicago, com o estudo de Thomas e Znanieck em 1918 sobre o processo de integração dos poloneses à cultura americana. Outro registro da utilização desse método situa-se ao final da década de 50, com os estudos de Lewis sobre os mexicanos (GAULEJAC, 2006).

Barros e Silva (2002) afirmam que durante a Segunda Guerra Mundial, a pesquisa quantitativa estabeleceu seu domínio, deixando de lado essas formas, consideradas na época como pouco ortodoxas. Foi na década de 1970 que houve a retomada do método, principalmente pelos estudos de Ferraroti na Itália e Bertaux na França. No Brasil, os estudos mais conhecidos que utilizaram o método história de Vida foram o trabalho de Bosi em 1987,

Memória e Sociedade: Lembrança de velhos; em 1998 o estudo de Michel Le Ven, *Dazinho, um cristão nas minas*; e a obra de Denise Paraná: *O Filho do Brasil: de Luiz Ignácio   Lula*, publicado em 1996 (BARROS; SILVA, 2002).

Para Barros e Lopes (2014) ao contar a sua história, o homem potencializa a reconstru o de seu passado através da reflexão, da imagina o e da palavra. Não cabe ao pesquisador fazer juízos de valor ou buscar a veracidade das narrativas. O que interessa nesse método é a verdade narrada pelo pesquisado, de acordo com Gaulejac (2006), o relato de vida permeia esferas da realidade e da fantasia e ambos são verdadeiros. Nesse sentido, Pollak (1992) defende que, entre o falso e o verdadeiro, entre o relato mais solidificado e o relato variável, tem-se o que é mais importante para a pessoa.

No método história de vida, o que se coletam são memórias. E não são só memórias individuais, mas também memórias coletivas. A memória é formada por fatos dos quais a pessoa participou diretamente ou por fatos que impactaram, mesmo que não tenha participado diretamente, mas fizeram diferença em suas vidas. Esses são os fatos sociais dos quais a pessoa sente que pertence (POLLAK, 1992).

A memória é um fenômeno construído social e individualmente, organizado em torno das preocupa es pessoais e políticas do momento. Ela pode ser negociada e construída. É um elemento que constitui o sentimento de identidade individual e coletiva, já que traz um sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa e de um grupo (POLLAK, 1992).

“A fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpreta o sutil e rigorosa” (BOSI, 2003, p. 20). O pesquisador que adota o método história de Vida não está interessado em buscar a prova empírica de hipóteses teóricas, nem formular leis, nem encontrar causas. O interesse está em conhecer a história do sujeito por meio daquilo que está sendo narrado. Esse saber jamais é dado *a priori*, sendo construído na experiência cotidiana e na interlocu o (BARROS; SILVA, 2002).

Barros e Silva (2002) apontam que a história de Vida é caracterizada por duas dimensões. A primeira se refere aos fatos, que são as experiências narradas pelos sujeitos. A segunda dimensão se refere à busca de sentido. Essa dimensão está relacionada a um descolamento da história narrada para buscar o seu sentido. Não está preso no passado, e sim no ato que o reitera. Isso pode ser visto pelos atos falhos, pelo não dito, pelos lapsos, entre outros aspectos (BARROS; SILVA, 2002). Segundo Bosi (2003), os esquecimentos,

omissões, trechos desfiados da narrativa, são exemplos significativos do sentido que os fatos tiveram e têm para a pessoa. Outros aspectos do método história de vida serão explicados no decorrer da próxima seção, onde se propõe o uso da história de vida como um dispositivo ergológico.

5.1.1 A história de vida como um dispositivo ergológico

Este trabalho propõe a utilização da história de vida como um dispositivo ergológico. Acredita-se que o método de história de vida pode evidenciar desde o mais micro da atividade humana, observados nos usos de si, até as macro determinações, reconhecidas nas normas antecedentes. A abordagem ergológica propõe repensar parcialmente a maneira como o homem está implicado na história e produz história. Como uma encruzilhada de debates entre, de um lado normas antecedentes e do outro lado, constrangimentos e disposições de renormalizar, a atividade é uma matriz incessante de contradições potenciais e por isso ela não cessa de fazer história (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008).

O sujeito, ao falar de suas memórias individuais e coletivas (POLLAK, 1992), evidencia o debate de normas, o mundo de valores e o meio que o permeia. Ao adotar esse método, sugere-se uma postura de recusa a qualquer simplificação da atividade industriosa, dando lugar à manifestação das dramáticas do uso de si, das renormalizações e de tudo aquilo que se envolve nas escolhas da vida. Como expressaram Venner e Schwartz (2015, p. 90), “não se ganha jamais nada em simplificar e em mutilar as situações humanas”.

O esforço em relacionar e aproximar a abordagem ergológica de outras perspectivas não é novidade. Schwartz (2016) afirma que a ergologia exige confrontações pluridisciplinares para legitimar suas hipóteses. Para Bendassoli e Soboll (2011) a psicossociologia se alinha com a ergologia na medida em que tenta compreender objetos complexos, dos quais o trabalho é central, buscando elaborar conhecimentos sobre o trabalho pela participação e envolvimento dos trabalhadores, protagonistas da atividade.

Além disso, os envolvidos na pesquisa, tanto pesquisadores quanto sujeitos pesquisados possuem o mesmo status de conhecimento. Eles possuem saberes específicos que, embora diferentes (saber da experiência e saber teórico), são colocados em condição de igualdade, não existindo hierarquia entre esses saberes. Trata-se de fazer emergir um

conhecimento que pertence a todos. Nesse sentido, a psicossociologia se aproxima das comunidades científicas ampliadas de Oddone, especialmente em sua condição ética, que tem como princípio a troca de saberes (BENDASSOLI; SOBOLL, 2011).

Sobre os relacionamentos entre a ergologia e a psicossociologia, Cunha (2014) desenvolveu um estudo partindo do desconforto intelectual. Cunha (2014) concluiu que ambas as abordagens adotam uma postura subjacente, na qual os conhecimentos sobre o trabalho só podem ser produzidos mediante a participação dos protagonistas da atividade. Os trabalhadores devem colaborar por meio de dispositivos e abordagens metodológicas, apostando numa perspectiva interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar na produção de saberes.

Também existem zonas de distanciamento entre a ergologia e a psicossociologia. Uma delas é o uso do termo “corpo-si” ao invés do termo “sujeito” ou subjetividade. Sem contestar a dimensão subjetiva do trabalho, Schwartz (2011) afirma que desde o início recusou usar a “problemática do sujeito”. Ele prefere adotar a noção de corpo-si no lugar do termo subjetividade (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010; SCHWARTZ, 2011). De acordo com Mencacci e Schwartz (2015), o corpo-si se assemelha a um sujeito, a uma pessoa, a um corpo, a uma história, porque a história está profundamente engajada nessa passagem, o corpo é sempre histórico (MENCACCI; SCHWARTZ, 2015)

A noção de subjetividade coloca o indivíduo diante de um espelho em que ele se reconhece, um espelho que o transforma em objeto circunscrito numa moldura, descortinando os segredos de sua vida e de sua ação. Já o corpo-si remete às profundezas do que se é, “alguma coisa” que é biológica, mas também histórica e que ninguém pode expressar totalmente em palavras. Uma obscuridade que afasta o indivíduo de toda objetivação e que não faz dele “um objeto a ser descrito”, restituindo assim a forma pela qual ele sempre escapa, a seu jeito, de ser objetivado. “Ninguém jamais poderá encerrá-lo em uma moldura, por mais sedutora que ela seja” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 198).

Esse corpo-si me parece ser esse sujeito ao mesmo tempo produtivo e construtivo, que através de suas respostas às solicitações da vida, produz essa singularização humana, fator incessantemente reprodutor de uma parte essencial dessa “infidelidade” de nosso meio de vida, para retomar uma expressão de Canguilhem. (SCHWARTZ, 2011, p. 65).

Esse “si” está imerso em um universo de cultura, valores, histórias, conflitos e normas antagônicas. Quando a ergologia recorre ao uso do corpo-si ao invés de sujeito ou

subjetividade, é por entender que corpo-si é um termo mais complexo e que evidencia as dimensões do “si” na vida, no meio e na história (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

Em *Manifesto por um ergoengajamento*, Schwartz (2015) busca reconhecer o potencial transformador da atividade humana por meio de regimes para se pensar o que acontece entre os três polos do espaço social tripolar. O objetivo é incitar aqueles que vivem e trabalham a colocar em palavras um ponto de vista sobre sua atividade. Isso não se dá prontamente, deve ser construído. Nisso, Schwartz (2015) afirma que carecemos de pontos de encontros, alimentados por perspectivas transformadoras que jogam luz à atividade. Nesse sentido, propõe-se o uso do método história de vida como um dispositivo ergológico, sobretudo como mais uma alternativa de produzir conhecimentos sobre o trabalho a partir dos saberes do trabalhador.

A história de vida pode ser, portanto, uma forma de dar lugar à expressão da atividade humana. Segundo Schwartz (2015, p. 348), a atividade humana é uma dimensão universal da vida, que mobiliza do mais infinitesimal ao mais geral as nossas capacidades de saberes. Esse “ajustar os óculos da atividade” é a via mais completa para pensar a comensurabilidade, para vislumbrar um humanismo que é enigmático. O “ergológico” remete ao fato de repensar os encaminhamentos do saber, os projetos de vida, dando lugar a atividade industriosa.

A vida propriamente humana pode ser entendida como uma espécie de dramática permanente de negociação entre a exigência do “fazer”, na aderência do aqui agora e um mundo de normas, provisoriamente estabilizadas, antecedentes e anônimas, profundamente ambíguas, valendo em desaderência em relação a esse momento de agir (SCHWARTZ, 2015, p. 6).

Nesse sentido, é relevante apresentar a noção de vida para Canguilhem:

Talvez não seja possível, ainda hoje, ultrapassar esta primeira noção: é vivo (vivant), é objeto do conhecimento biológico, todo dado da experiência de que podemos descrever uma história compreendida entre seu nascimento e sua morte. Mas o que é precisamente a vida de um vivo, além da coleção de atributos próprios para resumir a história deste ser nascido mortal? Se se trata de uma causa, por que sua causalidade é estritamente limitada no tempo? Se se trata de um efeito, por que ele é gerador, para aquele dentre os vivos que se interroga sobre sua natureza, da consciência ilusória de uma força ou de um poder? (CANGUILHEM, 2015, p. 265).

Canguilhem (2015) busca construir uma genealogia do termo “vida”, mostrando que essa noção não é simples, nem imediata. Sua ideia principal é mostrar que a vida é uma busca permanente pelo equilíbrio, por meio das renormalizações do meio no qual o “vivo” está inserido. Fazer história significa produzir novas formas de vida, significa renormalizar. Isso convoca um debate interno de um mundo de valores que é próprio de cada ser humano, e

mostra como as escolhas derivam de um declinar sobre um mundo de valores. Cada sujeito em sua singularidade, em sua história, que é individual e ao mesmo tempo coletiva, já que se trata de um ser vivente no espaço e no tempo (VENNER; SCHWARTZ, 2015).

Nessa perspectiva, Gaulejac (2006) afirma que o relato de vida é singular e expressa os desejos e angústias inconscientes, a sociedade a qual pertence o ator, e a dinâmica existencial que o caracteriza. Barros e Silva (2002) afirmam que as histórias de vida também mostram um contexto social, uma cultura, uma ideologia e um sistema de valores. O narrador proporciona informações sobre os grupos ao qual ele pertence, bem como sua relação singular com os valores compartilhados por esse grupo (GAULEJAC, 2006). Para a psicossociologia, essa relação entre o individual e o coletivo, o psíquico e o social, o particular e o geral são essenciais (BENDASSOLI; SOBOLL, 2011).

O método biográfico permite captar aquilo que escapa às estatísticas e regularidades objetivas dominantes e os determinismos macrossociológicos. Esse método expõe o particular, as rupturas, o marginal, os interstícios e os equívocos, que são elementos chave para a compreensão de uma realidade social, e que, sobretudo, explicam porque não existe apenas reprodução (GAULEJAC, 2006). Nisso, se vê a importância dos debates de normas e das dramáticas do uso de si por si e pelos outros presentes em uma história de vida.

Os debates de normas estão estritamente relacionados aos mundos sociais onde se vive. “Nossa vida é um longo tecido de debate de normas” (VENNER; SCHWARTZ, 2015, p. 139). Assim, não há compreensão possível dos debates de normas sem integrar o meio em que se vive. O mundo de valores é construído de forma coletiva (VENNER; SCHWARTZ, 2015). Uma história está sempre inserida em um contexto social, que se apresenta imbricado ao personagem (GAULEJAC, 2006; BARROS; SILVA, 2002).

Mas, por que um dispositivo ergológico? Como já descrito anteriormente, o DD3P apresenta o eixo dos saberes disciplinares, o eixo dos saberes investidos na atividade e um terceiro eixo que possibilita o encontro, a confrontação entre esses saberes. Nesse sentido, deve-se entender o dispositivo a três polos como uma postura, uma forma de produzir saberes a partir da contribuição e participação dos protagonistas da atividade industriosa. Esse posicionamento parte da compreensão que a vida antecede os conceitos, o que coloca o pesquisador em um desconforto intelectual permanente.

Os dispositivos dinâmicos a três polos sugerem uma forma dialogada para produzir saberes, e, do mesmo modo, a história de vida se propõe a ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre sua história, e nela emerge a sua atividade, seus debates e contradições. Consiste então em uma forma de valorizar a amplitude das experiências dele para produzir saberes. Para Schwartz (2015), a enigmática atividade situa-se no âmago da vida e da história, e sempre escapa a qualquer modelização, medida, categorização ou saber disciplinar. A história de vida busca fortalecer o singular vivido pelo sujeito, e não tem o interesse em promover generalizações. (BARROS; LOPES, 2014).

É possível pensar o método história de vida como um dispositivo GRT (Grupos de Encontro do Trabalho) na prática, respeitando as singularidades e os limites de ambos. Os GRT representam um dispositivo que permite produzir saberes sobre um ofício e a história de vida permite um olhar para a atividade, no mais micro e contemplando a complexidade de toda a história do sujeito, não somente de uma parte de sua vida. Por isso, as entrevistas não partem de um *modus operandi*, mas deixam o sujeito livre para construir sua história, ele é protagonista e o autor de sua própria biografia (BARROS, SILVA, 2002; LOPES, 2013).

Os GRT buscam desenvolver as reservas de alternativas, ou seja, outra forma de ver as realidades, outras perspectivas para o viver. Nesse sentido, a história de vida também fornece meios para que isso ocorra, buscando “fecundar um viver junto não coisificante”, nas palavras de Venner e Schwartz (2015, p. 142). Para Schwartz e Durrive (2010, p. 33) “há sempre alguma coisa da ordem do viver junto e dos valores do viver junto na menor das situações de trabalho.”

Nos GRT, o trabalho é o ponto de partida, enquanto na história de vida, a vida é o ponto de partida. O desafio dos GRT é ver o trabalho de outra maneira, colocando em ação aquilo que se passa entre o trabalho prescrito e o real. É nessa lacuna que se desenvolve a atividade (MAILLIOT; DURRIVE, 2015). Da mesma forma, entender que a vida antecede os conceitos e que o viver não é antecipável, remete a valorizar o que ocorre no método história de vida. Essa proposta da história de vida como dispositivo ergológico também possui seus limites, já que os GRT contam com um grupo de trabalhadores e pesquisadores para produzir saberes sobre o trabalho, que tem como vantagens a troca de experiências, enquanto a história de vida é feita de forma individual, entre um sujeito e um pesquisador.

Mas, esse encontro individual entre pesquisador e pesquisado pode trazer à tona informações que não seriam abordadas em um grupo com mais integrantes. Isso se dá pelo fortalecimento do vínculo entre o narrador e o pesquisador, que é essencial para a qualidade da pesquisa (BOSI, 2003; BARROS; SILVA, 2002). O sujeito se sente mais confortável em compartilhar suas memórias, suas escolhas, evidenciando assim as suas dramáticas, seus usos e suas renormalizações.

Para Gaulejac (2006), com os relatos surgem as tensões entre o indivíduo produto e o indivíduo sujeito. Pode-se enxergar nessas tensões as dramáticas do uso de si, já que o sujeito transita entre essas duas instâncias, entre sua história, suas heranças, renormalizando a todo instante o seu meio, que é sempre infiel.

No uso de si por si a pessoa reinventa certa maneira de ser, de viver e de sobreviver com os outros (MENCACCI; SCHWARTZ, 2015). É possível ver o uso de si por si no momento em que um sujeito verbaliza (ou não) sobre sua história. Ele escolhe como vai contar sua história, como vai fazer o uso de si nessa narrativa. E a tomada de consciência por parte do narrador em relação a sua história e sua ligação com a teia social é o que Gaulejac (2006) chama de historicidade. Ao contar sua história, o sujeito pode retrabalhá-la, reconstruindo o passado, suportando o presente e embelezando o futuro (LOPES, 2013). Contar a história de vida significa uma oportunidade de se recriar, de se refazer. Esse processo é intimamente relacionado a conjuntura social na qual esse sujeito está inserido (SILVA *et al.*, 2007).

Nesse sentido, percebe-se que na démarche ergológica pode-se utilizar o método história de vida para buscar a transformação social do sujeito. A própria narrativa é uma atividade, é um agir, é um pensar sobre sua vida, sobre sua trajetória, é um debate consigo mesmo, é uma renormalização. Nisso surgem as seguintes reflexões: o que devo falar? Por onde devo começar a narrar minha história? Isso deve ser contado? A falta de um roteiro programado pode trazer certa complexidade no início das entrevistas, mas acaba levando o sujeito a ter liberdade de construir a sua história e evidenciar assim aspectos singulares de sua vida.

Por fim, a proposta de se utilizar o método história de vida como um dispositivo ergológico parte da necessidade, dita por Schwartz (2015) de configurações e encontros que dão visibilidade à atividade humana. É também uma forma de colocar o sujeito em uma

posição de protagonista e valorizar os saberes produzidos por ele nos encontros com a atividade em si, no chamado "aqui agora". Saberes que são ao mesmo tempo singulares, mas que também são produzidos no coletivo. Não há como arrancar a história do trabalho e nem o trabalho da história. Por meio do trabalho pode-se compreender a história humana. Trabalhar é produzir, mas é também acumular história, constituir um patrimônio (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010). Uma das vantagens da pesquisa em história de vida é que ela possui valor único para a compreensão dos sujeitos em sua atividade de trabalho e o sentido que eles atribuem a essa atividade (BARROS; SILVA, 2002).

5.2 Procedimentos Metodológicos

Para compreender o trabalho de um empreendedor pela abordagem ergológica, foi necessário ir até ele ouvi-lo, pois, “os saberes disciplinares são necessários, mas é com aqueles que trabalham que se validará conjuntamente o que se pode dizer da situação que eles vivem” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 36).

A abordagem ergológica foi utilizada como perspectiva teórico/prática/conceitual para confrontar a vivência relatada pelo empreendedor com as teorias sobre o empreendedorismo. Tal abordagem toma como centro da investigação o sujeito, sua história, as dramáticas dos seus usos de si, sua atividade vital de sempre renormalizar o meio em que vive.

Foi escolhido como sujeito desta pesquisa um empreendedor que atua no ramo de tecnologia da informação. Preocupou-se em jogar a luz à história de vida desse sujeito, apresentando-a num “vai e vem” entre as narrativas e as teorias apresentadas. É importante salientar que como a análise dos dados foi focada na trajetória profissional, optou-se por utilizar o termo trajetória a partir da análise. Além disso, pretende-se, pelas narrativas de história de vida, evidenciar as dramáticas do uso de si, a importância dos saberes que vem com a experiência, entre outros aspectos que normalmente são silenciados quando se trata de “ser empreendedor”.

Por questões de confidencialidade, foi usado um nome fictício para o empreendedor. Esse nome foi escolhido por ele e o motivo da escolha foi revelado na seção em que se apresenta a sua história de vida. Os nomes dos demais envolvidos e citados ao longo da

história foram trocados pela relação estabelecida com o empreendedor, por exemplo o nome da esposa foi trocado para: [esposa].

Para garantir a ética da pesquisa com seres humanos, o projeto desta dissertação passou pela aprovação do Comitê de ética. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil em 30 de agosto de 2018 e tem o CAAE: 88726918.3.0000.5097.

5.2.1 Coleta de dados

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas em profundidade não estruturadas inspiradas no método história de vida. Essas entrevistas foram feitas sem um roteiro estruturado, deixando o entrevistado à vontade para contar sobre sua história. Foram realizados sete encontros com o empreendedor, sendo que o primeiro deles teve como objetivo apresentar a proposta do trabalho. A primeira entrevista teve início com a seguinte questão, em tom de convite: “Conte-me sua história? ”. Nos demais encontros, mesmo sem seguir um roteiro, foi solicitado ao entrevistado que falasse um pouco mais sobre as seguintes temáticas:

- História familiar;
- História educacional;
- História profissional.

Ao final de todos os encontros, notou-se a relevância em enviar ao empreendedor a transcrição de sua história e a organização dela em ordem cronológica para que fossem feitas as alterações que ele considerasse necessárias. Após esse envio, também foi solicitado ao empreendedor que explicasse o que estava envolvido (sentimentos, contradições, debates) em torno de algumas de suas decisões, as quais ele considerava como marcos em sua vida.

5.2.2 A dinâmica dos encontros

O primeiro contato com o empreendedor foi realizado no dia 20 de setembro de 2017 via *Hangouts*, uma plataforma de mensagens instantâneas do Google. A pesquisadora tinha o contato do empreendedor salvo nessa ferramenta e enviou o convite, explicando rapidamente

a proposta do trabalho. O empreendedor a convidou para um encontro presencial em sua empresa, para que o plano fosse explicado de forma mais clara. Nesse primeiro encontro, considerado como uma pré-entrevista, foi explicado como funciona a coleta de dados inspirada no método história de vida.

O empreendedor concordou em participar e foram marcados *a priori* seis encontros quinzenais. Os encontros ocorreram na sala de reunião da empresa do empreendedor, ao final do expediente. No primeiro encontro, o empreendedor questionou se ele ficaria falando sozinho e disse que ele preferia uma espécie de “bate papo”. A pesquisadora informou que ele teria liberdade em contar sua história, e que as intervenções seriam as mínimas possíveis, para evitar direcionamentos.

Em todos os encontros o empreendedor levou o seu notebook. Muitas vezes ele recorria ao notebook para mostrar alguma imagem, ou para confirmar algumas informações de sua narrativa. Ele recorreu ao notebook para mostrar imagens da cidade de seus pais, para onde ele e sua família viajavam na infância, para mostrar como era o carro de boi que os levava do porto até a casa dos avós, e também para confirmar algumas datas importantes para ele, como sua formatura, e até o horário do nascimento de sua filha. Esse fato demonstra o quanto ele é ligado à tecnologia. Isso pôde ser percebido até mesmo no momento em que ele sugeriu de fazer um dos encontros pelo Skype.

Assim, o quarto encontro foi realizado via Skype. Ocorreram algumas dificuldades e lapsos na hora de gravar a entrevista. Percebeu-se que os encontros pessoais eram mais ricos e para convencer o empreendedor de retornarmos aos encontros presenciais, foi proposta a construção da linha do tempo da vida. Ele aceitou, e os encontros voltaram a ser presenciais.

Um dos grandes desafios para a realização dos encontros era a marcação das datas e horários. O empreendedor estava sempre ocupado. Entretanto, o momento de maior tensão era, sem dúvida, o início das entrevistas, tanto para a pesquisadora, pelo cuidado em não direcionar as falas, quanto para o entrevistado, que demorava algum tempo para conseguir se desligar da sua rotina de trabalho para contar a sua história.

5.2.3 A apresentação e análise dos dados

Optou-se por apresentar a história de Tux de forma cronológica. Em seguida, foram expostas as reflexões feitas pelo sujeito da pesquisa sobre “ser empreendedor”. Essas reflexões surgiram ao longo das narrativas e considerou-se relevante destinar uma seção apenas para essas reflexões, considerando o campo de estudos – empreendedorismo.

Após coletar os dados, buscou-se organizar a análise do material em categorias definidas *a posteriori* de acordo com alguns conceitos da ergologia, confirmando a utilização da abordagem ergológica para a análise de aspectos que emergiram das narrativas. É relevante ressaltar que essas categorias emergiram das narrativas do empreendedor e foi uma forma encontrada para organizar a apresentação da análise dos dados. Foram elas:

- As escolhas de Tux: processo decisório e um mundo de valores;
- As dramáticas vividas por Tux;
- O empreendedor como prescritor de normas e o uso de si por si e pelos outros;
- A (re) abertura das empresas – um histórico de renormalizações;
- As contradições do espaço tripolar e o contexto do empreendedorismo no Brasil.

A seguir apresenta-se um quadro síntese dos caminhos metodológicos percorridos para a execução desta pesquisa:

Quadro 1: Síntese da metodologia

Abordagem	Método	Campo	Coleta de dados	Sujeito da pesquisa	Categorias de Análise
Qualitativa	História de vida	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none">• Entrevistas em profundidade não estruturadas	1 empreendedor	Conceitos da ergologia.

Fonte: Elaborado pela autora.

6. A HISTÓRIA DE VIDA DE TUX

Esta seção foi destinada a apresentar a história de Tux organizada em ordem cronológica e ao final foram expostas algumas reflexões de Tux sobre “ser empreendedor” e que emergiram da história.

1975

A história de Tux se inicia em 1975, ano de seu nascimento, na cidade de Belo Horizonte. Entretanto, é preciso fazer uma breve retomada do histórico familiar para explicar como seus pais vieram parar em Belo Horizonte. Os pais de Tux moravam na cidade de Manga, localizada no norte de Minas.

A cidade de Manga é uma típica cidade do interior, não tem muitas oportunidades. Tux conta que antigamente, a cidade tinha uma fábrica de algodão, que movimentava a economia e gerava muitos empregos, entretanto, depois que a fábrica foi fechada, a cidade passou a girar em torno de comércio. Além de comerciantes, a cidade possui funcionários públicos e funcionários de escolas e hospitais.

A família materna de Tux tinha o patriarca como principal figura. O avô era muito respeitado na cidade de Manga, pois era o maestro da banda. Além de maestro, ele era saxofonista e empresário. Já foi dono de uma danceteria, pontos comerciais e tinha um hotel na cidade, que hoje é herança da família.

Mesmo assim, conforme Tux conta, sua mãe não foi criada por ele. Ela foi criada pelos bisavôs, em uma cidade vizinha chamada Carinhanha, já no território da Bahia. Ela tinha mais 12 irmãos, e como eram muitos filhos, seus pais acabaram perguntando quem queria morar com os avós (no caso, os bisavôs de Tux) e ela, muito ingênua, levantou a mão e foi. Tux conta que a mãe comenta ter um pouco de ressentimento dessa situação, pois ela era muito pequena para tomar tal decisão, que iria interferir em toda a sua vida e seus pais não questionaram, apenas deixaram ela ir e ser criada pelos avós.

Tux conta que como a mãe foi criada na Bahia, ele recebeu heranças baianas, como o sotaque, o gosto pelas comidas regionais de lá, como o beiju, o cuscuz, pequi, carne de sol e etc. Ele conta que mesmo crescendo em Belo Horizonte, foi acostumado com essa culinária típica baiana.

Quando cresceu, sua mãe voltou para Manga e se tornou professora. Seu pai era caminhoneiro, assim como o avô paterno. O pai de Tux nasceu em São Paulo, mas também morava em Manga. Os pais de Tux se casaram e vieram para Belo Horizonte no ano de 1975 em busca de melhores oportunidades de trabalho. Seu pai já estava acostumado com a família sempre mudando de região para buscar melhores condições.

Nessa vida de caminhoneiro, meu avô paterno colocava minha avó na boleia e aí nascia um filho numa cidade, nascia um filho em outro lugar, era sempre assim, meu avô ia pra tentar uma oportunidade de vida, aí morava numa região, morava em outra. Eles eram de família bastante humilde. Meu avô paterno sofreu bastante, tinham uma condição muito inferior à do meu avô materno. Meu avô materno, eu te mostrei tudo o que ele deixou lá na cidade, lógico que foi tudo com muito suor, muito trabalho dele, mas não sei, foi oportunidade, foi mais inteligência, foi muita coisa nesse sentido. Meu avô materno era muito trabalhador também, ele era pedreiro também, muita coisa que tem lá foi ele mesmo quem construiu e às vezes construía de dia e abria o bar e a danceteria a noite, foi desse jeito que criou os 13 filhos né.

Quando chegaram em Belo Horizonte, o pai de Tux trabalhou como vendedor em uma empresa de cigarros antes de conseguir o emprego na CEMIG. Tux foi o primeiro filho do casal e nasceu quando eles já estavam em Belo Horizonte. Em seguida, veio seu irmão, em 1976 e quando Tux tinha quatro anos de idade ele ganhou mais um irmão, em 1979.

1985

Sua primeira lembrança da infância foi de situações em que seu pai comprava produtos no CEASA para ele e os seus irmãos revenderem a seus amigos. Tux conta que sua mãe também fazia chup-chup e eles vendiam pela janela de seu apartamento, tanto os chup-chups produzidos pela mãe, quanto as guloseimas compradas pelo pai no CEASA. Ele conta que era muito divertido, pois eles acabavam consumindo as guloseimas.

Tux reflete sobre o motivo do pai fazer isso. Ele chega à conclusão que era para dar uma ocupação diferente aos três meninos que ficavam dentro do apartamento, e para ajudar em casa enquanto seus pais saíam para trabalhar.

Tux conta que sua preocupação com os números começou desde essa época, pois eles precisavam fazer cálculos para saber preço de venda, lucro, verificar os produtos mais vendidos para comprar novamente. Ele conta que sempre passou por isso.

Em uma fase da infância, Tux queria ser dentista. Isso ele contou no primeiro encontro (na pré-entrevista) e voltou a lembrar desse fato no quinto encontro. Quando indagado sobre o motivo desse desejo, ele explicou que não sabia ao certo, dizendo que as vezes é porque

“gosta de sorriso bonito”. Mas ele deixou bem claro que não queria ser empregado, ele queria mesmo era ser o dono do consultório.

[...] acho que eu gosto de sorriso bonito, de dentes bonitos, umas coisas assim. Acho que era por isso, mas era coisa de criança e eu lembro disso até hoje. Mas é o que eu falei, assim, sempre tive essa veia de trabalhar por conta própria né. Com as coisas que eu já te contei da empresa do meu pai, de eu vender bala, pipoca, chup-chup, depois ver alguma coisa para trabalhar com digitação, fazer cartão de visita e convite. Sempre foi desse jeito. Eu acho que isso não vai mudar.

Tux conta que desde sua infância, muitos fatos de sua trajetória acabaram fazendo com que se decidisse pelo caminho do empreendedorismo, mesmo que fosse de uma forma inconsciente.

Sobre a época da pré-escola, Tux se lembra que frequentou o jardim e que a fisionomia de algumas professoras ficou gravada em sua memória. Ele reencontrou uma de suas professoras depois de vinte anos e voltou a vê-la há cerca de dois anos atrás na igreja que frequenta. O mesmo aconteceu com algumas funcionárias da escola onde ele estudava, que moravam na mesma região e que ele se encontrou após alguns anos, na igreja.

Tem algumas pessoas assim que acabam marcando né, mesmo tendo tanto tempo, sendo coisa de infância a gente não esquece de jeito nenhum, mas foi bem bacana. Às vezes dá saudade... raras vezes... dá saudade passa rápido.

Os pais de Tux sempre se preocuparam com os estudos dos filhos. Por isso, eles estudaram em escolas particulares durante o tempo em que seu pai teve condição de pagar. Nessa época eram apenas três irmãos, Tux e seus dois irmãos mais novos. A irmã caçula, que até hoje é o “xodó” da família ainda não havia nascido.

Ainda sobre a sua infância, Tux recorda das viagens que fazia com a família para visitar os avós em Manga e os bisavós em Carinhanha. Tux acredita que ainda era bem pequeno, já que a sua irmã mais nova ainda não tinha nascido. Ele sempre pensa no nascimento da irmã como um marco importante de sua infância. Essas viagens para visitar os avós eram feitas sempre ao final do ano.

Era nosso programa de final de ano, pra gente não tinha coisa melhor. Mas a gente só ia na época de final de ano. É porque era a época que a gente tava de férias da escola e meu pai de férias do trabalho também, e por este motivo a gente foi sempre em época de muita chuva naquela região, ou chuva daqui e o Rio São Francisco ficava muito cheio né, então a nossa viagem de Manga a Carinhanha era sempre de lancha no rio. Isso pra gente era muito divertido.

Tux lembrou de vários detalhes dessas viagens, desde a arrumação das malas, a família entrando na lancha, o quanto ele achava a viagem longa e lenta e até as paradas para comer os pratos típicos da região:

Mas eram lanchas simples assim, mas a gente arrumava as malas todas e ao invés de entrar no carro entrava numa lancha e ia rio abaixo, pra Carinhanha, aí pra gente não tinha coisa melhor, assim, eu lembro direitinho, com meus irmãos e tudo, indo pra lá. E a gente parava... a viagem era longa né, porque o barco não era nenhum iate, aí a viagem bem lenta, eu lembro que a gente parava no meio do caminho para almoçar em alguns vilarejos na beira do rio mesmo, então como era de viagens frequentes, tinham os restaurantes na beira do rio, tinha os pontos de parada das lanchas. Eu lembro direitinho da gente descendo, subindo barranco, tinha uma casa com um restaurante, tudo muito simples, e servia as comidas lá da região, frango caipira, essas coisas né, eu tenho saudades demais disso, então pra nós era muito bom.

Tux também relembra a diferença entre a água do Rio São Francisco, que era marrom, e a água limpinha do Rio Verde, o rio de Carinhanha, que já ficava na Bahia. Ele gostava de ver como as águas não se misturavam: “Aí você passa de barco, vê a água suja e barrenta e depois uma água limpa”.

Quando desciam na beira do rio, Tux e a família pegavam os carros de boi para chegar até a casa dos avós. Ele diz que “nem era tão longe assim”, mas não podiam deixar de passar por isso, era quase um ritual para a família.

Pra gente não tinha nada melhor do que isso. Botava as malas aqui [mostrando a foto de um carro de boi no notebook] em cima, meus pais jogavam a gente em cima e a gente ia desse jeito, até chegar na casa dos meus avós, era muito legal.

Tux se lembra que toda a família se reunia em Manga: os tios que moravam em São Paulo, Salvador, Belo Horizonte, mas, normalmente só ele e sua família iam até Carinhanha, uma cidade da Bahia visitar os bisavôs, devido a consideração que sua mãe tinha por quem a criou. Inicialmente, ele e os irmãos queriam ficar em Manga, junto com o restante dos familiares, mas depois eles passaram a gostar da viagem. Tux relata empolgado que era uma aventura, pois a lancha não era muito segura e quando chovia, os riscos só aumentavam, com a água do rio entrando na lancha. Atualmente, já existe uma ponte para atravessar as duas cidades, mas antes o acesso era somente de barco.

Em Carinhanha, Tux fez vários amigos e não se esquece de que lá havia uma rígida disciplina, pois eles deveriam seguir todos os horários dos bisavôs:

Então tinha horário pra café, horário pra almoço, horário pra janta e todo mundo à mesa. E esses horários era assim meu avô almoçava 11:00 da manhã e jantava às 18:00 da tarde. E a gente tinha que seguir a mesma disciplina dele. Meu avô foi fazendeiro, foi coronel na cidade então ele era muito rígido assim né, meu bisavô.

Além de pescar com o pai na beira do rio, outra lembrança de Tux era a festa do boi. Era uma festa cultural da cidade, com danças típicas, pessoas fantasiadas com cabeças de boi que corriam atrás das crianças para assustá-las. Ele achava isso tudo muito divertido.

1988

Quando Tux tinha cerca de 12 anos, seu pai, que era funcionário da CEMIG, decidiu abrir uma empresa de material elétrico. Tux conta que ele e seus irmãos cresceram dentro da loja, já que a mãe passou a levá-los para a loja de manhã. Tux sempre relaciona a sua infância ao fato de estar na loja do pai:

Nunca tive uma infância assim, comecei a trabalhar muito cedo. Mesmo que não trabalhasse efetivamente eu sempre vinha pra loja dos meus pais depois da escola, mas minha infância foi ali dentro da loja.

Nesse instante, Tux lembra de como era na loja:

Eu também lembro que na loja tinha um cômodo atrás, com um fogareiro bem pequeno para poder esquentar marmitta pra gente e como meu pai ainda trabalhava na CEMIG e a minha mãe vinha pra loja, então ela tinha que vir bem cedo pra abrir a loja pro meu pai deixar ela aqui e ele ir pra CEMIG por que ele ficou com esse comércio em paralelo durante um período né.

Eu lembro que a gente vinha junto com ela, tanto é que a gente chegava aqui e na parte tinha tipo um mezanino na loja e ela colocava um colchão lá em cima e eu lembro isso direitinho a gente subia as escadas ia lá pra cima e continuava dormindo (risos) até mais tarde, era bem cedo. E... mas era tudo diversão pra gente. Eu lembro que a gente descia mais ou menos no horário do almoço, ela esquentava a marmitta pra gente, a gente almoçava e ia pra escola.

Sobre os motivos de trabalhar na loja do pai quando era criança, Tux diz que não foi uma escolha dele: “Não foi escolha, por mim ficaria só brincando e estudando, [risos] mas meus pais além de não terem com quem nos deixar sempre passaram a importância de trabalhar”.

Tux lembra também que nessa época, às vezes voltava de ônibus para a loja depois da escola. Algum tempo depois, ele já podia ficar sem os pais no apartamento cuidando dos irmãos mais novos. Depois que ele e seus irmãos ficaram grandes, um passou a cuidar do outro.

1989

Tux lembra que nessa época a loja estava em um período muito bom. A rentabilidade do negócio era boa e não havia concorrência. Ele passou a ajudar seu pai a cuidar da loja. Sobre o motivo de começar a trabalhar com o pai: “Foi uma decisão dos meus pais, tínhamos

tempo para estudo e lazer, mas acredito que tomaram essa decisão por acreditar ser a idade correta para assumir mais responsabilidade. ”

Como a loja estava dando certo, seu pai saiu da CEMIG e comprou um sítio em Esmeraldas, para onde a família costuma ir até os dias de hoje. Tux conta que ficou bastante tempo trabalhando na loja.

Outro fato que marcou a memória de Tux foi a mudança para a casa nova: “a casa que o pai construiu”. Ele gosta de recordar dessa época e diz que por ser o irmão mais velho, ele é quem mais lembra dos detalhes: “eu que passei por todas as situações assim até chegar onde tá né, os outros foram nascendo depois e muitas coisas eles não enfrentaram”. A mudança para a casa nova ficou marcada como uma fase boa para Tux. Ele e sua família estavam em uma condição melhor, devido ao desempenho da loja, e, além disso, sua irmã caçula nasceu. Ele conta que eles sempre quiseram ter uma irmã e ela chegou quando a família já estava na casa nova.

Nessa época, os pais de Tux viajavam para o sítio no fim de semana e ele cuidava da loja sozinho no sábado em horário integral e no domingo até meio dia. Quando fechava a loja, ele ainda pegava o ônibus e ia para Esmeraldas passear nesse sítio.

E aí a gente sempre teve uma vida desse jeito, de trabalhar e estudar desde cedo, isso com nove, dez anos de idade, a gente já tava... não trabalhava assim diretamente mas já tava com o compromisso de vir pra cá, de ficar por aqui né, e a minha mãe também sempre lutando pras coisas darem certo e graças a Deus deu muito certo durante um tempo muito grande.

Foi nessa fase que Tux teve um envolvimento mais próximo com o empreendedorismo, com o comércio. Ele conta que o exemplo que teve dentro de casa, vendo seu pai cuidando da loja pode ter influenciado a decisão de empreender, de ter o seu próprio negócio.

1991

Em 1991, algo que marcou a vida de Tux foi sua participação em um grupo de jovens da igreja, do qual ele era o coordenador. Tux também tocava violão em uma banda da igreja.

Eu tocava violão lá com eles, foi uma fase boa também, bem legal. A gente saía até pra fazer show a gente fechou no Mineirinho, fechou em cidades do interior também. E era tudo muito divertido assim.

Nesse mesmo período, Tux teve a oportunidade de conhecer a área da informática, que o acompanharia pelo resto de sua trajetória até os dias de hoje. Ele conta que ganhou de um

parente um curso de informática que estava sendo fornecido em um projeto social de uma igreja: “Sempre gostei [da área de informática] e ganhei o curso na igreja evangélica onde o irmão da minha tia e futuro primeiro patrão dava o curso. Foi a porta de entrada para a empresa de informática.”

Aí essa minha tia, sabendo da situação nossa e tudo, e eu sendo o mais velho da família, ela me deu o curso de Windows 3.11 ainda [risos]. E eu lembro direitinho que quando eu fui fazer o curso eu fiquei apaixonado pelo que eu tava vendo. Aí eu aprendi a mexer com impressora, a formatar algumas coisas.

Com o que aprendeu no curso de informática, Tux decidiu abrir um pequeno negócio na sala da casa dos pais. Ele mexia com impressão, fazia cartões de visita, convites de casamento e currículo. Tux afirma que foi uma oportunidade boa, já que naquela época isso era algo que pouca gente sabia fazer: “Então o pessoal ia lá queria fazer o currículo e eu ganhava um dinheirinho que pra mim, tava legal, foi divertido e tudo e muita gente ia e procurava”.

Sobre essa decisão de abrir o seu primeiro negócio, Tux conta que durante o curso de informática ele identificou uma oportunidade. Ele observou que poucas pessoas tinham um computador naquela época: “Então simplesmente comecei”.

1993

O ano de 1993 foi um marco na vida de Tux, já que ele conheceu a pessoa que se tornaria sua esposa. Eles se conheceram na igreja, e o que chama a atenção é que eles tinham vários interesses em comum.

Teve um momento que foi muito bom que foi quando eu conheci a [esposa] também, quando a gente começou a namorar, por que me ajudou demais, que foi uma época difícil que a gente tava passando e pelo menos namorando você esquece os problemas um pouco né [risos], então sei lá, paixão faz isso com a gente né. Às vezes você ficava muito naquela de trabalho, estudo, e só naquilo então, aqueles momentos de namoro, de sair de mão dada, sair pra tomar um sorvete pra lanchar, tem alguns compromissos na igreja também. Foi muito bom.

Mas, foi uma época boa de namoro, a [esposa] ajudou minha vida demais, foi uma pessoa muito importante na minha vida. Chegou num momento bem delicado mesmo. Foi prova que ela gostava realmente de mim, porque financeiramente assim eu não tinha nada, nada pra oferecer. E... nessa época a gente tava namorando e tava participando de grupo de jovens também na igreja. Durante alguns anos eu fui coordenador do grupo de jovens, eu conheci ela na igreja, então a gente participou de muita coisa junto assim também. Uma pessoa que tinha tudo a ver com o meio em que eu vivia, com o que eu pensava.

O “momento delicado” se referia a situação em que a loja do pai estava. E com o namoro Tux conseguia esquecer esses problemas. Tux recorda que sua irmã caçula, ainda bem

pequena nessa época, era extremamente ciumenta e que ela ficava junto com ele e sua namorada quando eles se encontravam.

Nesse período a namorada de Tux teve um problema de saúde e teve que fazer uma cirurgia, o que a deixou muito debilitada. Segundo Tux, esse acontecimento serviu para fortalecer ainda mais o amor entre o casal.

A gente participou de encontros juntos, de viagens também para participar de retiros, essas coisas assim né. Foi muito bom. A gente teve nesse meio tempo, na época de namoro a [esposa] teve um problema de saúde sério. A gente acabou fortalecendo esse gostar um do outro mesmo. Ela teve que ficar internada, fazer cirurgia, foi uma coisa bem complicada, delicada, e que deixava uma pessoa muito jovem bem debilitada.

Com o relacionamento, Tux via algumas dificuldades em permanecer na loja do pai, já que sua namorada também trabalhava lá. Ele via que todos dependiam de um lugar só e isso começou a incomodá-lo.

Eu começava a pensar em tudo o que eu precisava fazer, a gente vai tendo mais um tempo de namoro também e as ambições às vezes elas são outras né, e aí você começava tava uma loja familiar e você não tinha um salário certo, não tinha data pra receber, no dia que dava pagava, no dia que não dava não pagava, e, além disso, ficar... e isso tudo além da gente ficar nessa incerteza de recebimento, eu tava colocando a minha namorada no mesmo espaço também. E aí era um risco muito alto fazer isso.

Até quando eu decidi deixá-los pra tocar a minha vida foi uma decisão bem difícil pra mim. De... sei lá... Não sei, meus pais nunca falaram isso, mas eu tive o sentimento de às vezes eles acharem que eu estava abandonando o barco, entendeu? Mas eu precisava fazer alguma coisa.

Quando eu saí da segunda vez [da loja do pai] já foi por uma preocupação bem maior que eu queria casar. Eu não via como... A loja já mantinha a minha família, já tinha que manter uma família e não dava conta e eu tava formando outra família pra depender do mesmo lugar? A conta não fechava e alguém tinha que fazer alguma coisa. E eu como irmão mais velho, com uma formação, com estudo, eu tinha mais chances de conseguir alguma coisa fora. Foi aí que eu resolvi sair de novo.

Com essas incertezas sobre o futuro, Tux decidiu sair da loja do pai. Sobre o que estava envolvido nessa decisão, ele conta que: “As coisas não andavam bem, além de ser o mais velho era o filho com melhor formação para conseguir algum trabalho e o mais "inquieto" com a situação”. Logo em seguida, Tux conseguiu um emprego em uma loja de informática, onde começou como estoquista. Durante a narrativa, Tux se recorda até mesmo do cheiro das peças de computador.

Tux ainda participava da banda da igreja, mas não conseguiu continuar e nem se dedicar o tanto quanto queria a essa banda, pois foi nessa época em que ele entrou na loja de informática. Esse foi o primeiro emprego de carteira assinada de Tux. Ele também não se esquece do primeiro salário. Isso porque precisava cursar duas matérias do terceiro ano do segundo grau nas quais ele havia sido reprovado, ainda na época em que estudava em um Colégio tradicional localizado na região central de Belo Horizonte.

Para não repetir o ano escolar novamente, Tux destinou, durante seis meses, o seu salário para pagar as matérias e conseguir o diploma do ensino médio.

Mas o que me marcou nessa época foi que o valor do salário que eu recebi foi o valor certinho da mensalidade da escola [muitos risos] sem sobrar um centavo [risos]. E foi a primeira vez que eu trabalhei de carteira assinada, então eu não tinha nem noção daqueles descontos né de fundo de garantia, INSS, essas coisas todas, sindicato, e eu lembro que eu recebia esse valor e olhando pro escritório assim eu não acredito, meu dinheiro vai todo pra lá. Mas é marcou, mas foi interessante também.

Além do salário, Tux ganhava alguns benefícios, como o ticket refeição e o vale transporte. Ele almoçava todos os dias no Mercado, comia feijão tropeiro. Ele utilizava uma parte do ticket refeição para pagar o almoço e a outra metade entregava a sua mãe, para ajudar em casa.

E eu lembro direitinho assim do lugar, eu comia... só comia tropeiro. Por que o valor que eu recebia no ticket dava pra comer dois dias, então eu só gastava 15 e os outros 15 eu passava pra minha mãe pra poder ajudar em casa. Foi um tempão assim desse jeito. Tropeiro assim com ovo em cima, tampava a marmitta toda. Mas eu conto isso com muito orgulho, me fez crescer bastante.

Tux conta que essa empresa de informática lhe proporcionava muitas oportunidades. Entretanto, a decisão de sair da loja do pai e arrumar um emprego não foi fácil, pois ele estava acostumado a trabalhar junto com a família desde a infância e a saída da loja do pai deixou Tux com o coração partido. Ele sentia que estava abandonando o barco e deixando sua família em uma situação bem delicada. Essas contradições permaneciam dentro de casa também. Tux era a pessoa que estava tendo a condição melhor dentre a família e isso estava deixando-o dividido. “[...] isso ficava sempre martelando na minha cabeça né. Me dividindo assim.”

Mas, Tux estava conseguindo crescer na loja de informática, tanto que entrou no pior cargo (de estoquista) e em pouco tempo já havia se tornado o gerente da loja. Tux conta que é muito grato até hoje a quem deu essa oportunidade a ele.

E nessa loja eu... acabou que durante o período todo eu virei o gerente da loja. Passei de estoquista, fui ser vendedor, quando chegou num certo período eu era responsável

pela loja toda... sozinho. E eu era a pessoa mais nova da equipe. Virei o chefe da loja. E eles abriram mais outras duas lojas e essa loja ficou sob a minha responsabilidade. Foi bem bacana assim de chegar nesse ponto.

Eu cheguei como estoquista, e quando cheguei a época em que eles me promoveram pra gerente da loja eu precisei fazer uma escolha, e aí acabou que eu precisei sair do grupo e tocar mesmo a minha vida mais profissional por que eu queria casar, queria ter minhas coisas e ficava difícil de conciliar. Mas essa foi uma época boa.

Mesmo com essas oportunidades e com a progressão na carreira, Tux não conseguiu continuar nessa empresa de informática devido ao sentimento de ter que ajudar a empresa do pai. Assim, ele pediu demissão e voltou para a loja da família para tentar ajudar a seus pais. Ele explica essa decisão:

O fato de ter conquistado uma condição financeira e não ver minha família no mesmo caminho incomodava, pensei que voltando conseguiria mudar isso, foi um grande erro, perdi o pouco que tinha e mais alguma coisa, mas valeu pela experiência.

1995

Tux conta que depois de um tempo, a loja de seu pai entrou em uma fase ruim ao ponto de chegar a falência. Tux reflete sobre os motivos que possam ter levado a loja a falência, e chega à conclusão que foram dois motivos: de um lado eles não observaram os números e de outro não estavam preparados para a concorrência.

A gente não estava preparado pra isso, a gente não estava preparado pra ter um concorrente do lado da gente né, um quarteirão próximo, porque quando a gente começou aqui, quando meu pai começou com a loja, ele era único. Vendia bastante mesmo, eu lembro de ter fila na porta da loja em tempo de Natal para comprar piscapisca, a gente ficava... tinha fila no balcão eu não esqueço disso de jeito nenhum. E a gente não pode ficar achando que vai ser sempre assim e nem pode desconsiderar a concorrência também.

Além de não estarem preparados para enfrentar um concorrente ao lado, Tux menciona a falta de atenção com as questões financeiras. Seu pai veio de uma família muito humilde e que quando a loja começou a dar lucro, ele passou a ter uma condição que nunca teve na vida. Por isso, começou a gastar dinheiro de uma forma que nunca gastou na vida: comprava muitos imóveis, entre outras coisas. Tux acredita que se na época tivesse maturidade não deixaria o pai fazer o que fez.

A loja teve que ser fechada e a família acabou enfrentando situações difíceis. Segundo Tux, não chegou a faltar algo em casa, mas eles tiveram que restringir muita coisa. Tux resume esta parte com a seguinte frase: “a loja deu e depois ela começou a tirar as coisas né, por que já não estava dando tanto resultado assim”.

A gente já começa a ter umas percepções assim quando tem mais experiência que quando você vê que a coisa está saindo do trilho você tem que tomar a decisão, mesmo que a decisão doa pra voltar né. E não pode deixar também de ser realista com as coisas, não pode se enganar.

Os números não mentem e não existe mágica, se você gastar mais do que você ganha, você vai pro buraco, não tem jeito né. Então se você vê que a empresa não está dando mais resultado do mesmo jeito você tem que tomar as rédeas de novo, cortar algumas coisas né. Apesar de que aquela época a gente acabou que não conseguiu fazer isso né e serviu de experiência.

Tux diz que tudo estava indo muito bem e que eles não imaginavam que a loja não iria dar certo. Tux acredita que essa e outras fases que passou por situações difíceis só o fizeram ganhar mais experiência em sua trajetória profissional.

[...] ele poderia ter ficado lá [na CEMIG] até aposentar. Mas a loja tava indo tão bem que ele não ia imaginar nunca que ia ... né... e aí a gente hoje já aprende com isso né, por que o período de vacas magras ele sempre vem, pra qualquer negócio, de qualquer tamanho, e o que faz diferença é você estar preparado para isso, é na hora que chegar você ter alguma reserva de caixa, ter alguma estratégia definida, por que sempre vai acontecer.

Para Tux, essa situação não tinha relação com crise econômica no país, e sim com a falta de atenção aos números e a ameaça da concorrência.

Então o pessoal “ah, o país tá em crise”, quanto mais velho mais crise a gente vê. Então sempre acontece, entra em crise e sai. Aí fica bem um tempo, depois volta de novo.

1997

Com o fechamento da loja de material elétrico, o pai de Tux, em um ato de desespero decidiu tentar a sorte abrindo uma casa de ração.

Aí a gente abriu essa casa de ração lá na Silva Lobo. Foi até engraçado, [risos] porque a gente não entendia nada de bicho, [risos] nada. [risos] Mas vendia bastante.

Para Tux, essa foi uma fase de bastante experiência e sufoco. Algum tempo depois eles decidiram voltar a mexer com aquilo que o pai tinha mais conhecimento. Foi quando inauguraram a loja especializada em padrão de luz e ele continuou trabalhando com o pai.

As coisas estavam caminhando bem na vida de Tux. Ele e sua namorada estavam planejando o casamento, mas seus pais ainda permaneciam em uma situação financeira complicada com a loja.

Ao ver a necessidade de um melhor gerenciamento da loja do pai, Tux decidiu tentar o vestibular para o curso de Administração: “Para ajudar na administração da empresa dos meus

pais, entendia que precisava me preparar melhor, como o tempo vi que o dia a dia era muito diferente da sala de aula, ainda bem (hoje penso assim)! ”.

Em outro encontro, surgiram outros elementos que justificasse a escolha do curso de Administração:

Eu sempre tive interesse nessa questão de administração mesmo. Na parte do escritório eu que cuidava. Sei lá, nem sei como é que eu comecei a fazer isso, talvez eu não desse certo e fui fazer isso [risos] pode ser por isso. Mas às vezes eu via a empresa demandando algumas coisas e eu não tinha tanto conhecimento pra poder ajudar mais. Por isso que eu escolhi fazer administração. Mas foi porque tinha que ser.

Para Tux, ingressar na faculdade foi uma grande vitória. Ele conta que tentou várias vezes e se lembra com detalhes do dia em que viu o seu nome na lista de aprovados na turma de Administração da PUC.

E eu lembro que eu fui umas duas ou três vezes assim na lista de resultado pra confirmar se meu nome tava lá mesmo e foi uma vitória muito boa. São momentos que a gente passa assim, igual quando a gente tira a carteira muito bom né, dá aquele alívio assim.

De outro lado, a faculdade também representou vários desafios, pois os pais de Tux não tinham condições de pagar. Ele acabou tendo uma discussão com seu pai, pois quando contou que havia passado na faculdade, ele esperava receber palavras de apoio e reconhecimento, mas o pai estava em uma situação complicada de não poder ajudar. Tux diz ter ficado magoado, pois esperava ao menos palavras positivas de apoio por parte do pai. Ele se lembra que teve que se virar sozinho para fazer a matrícula e pagar a faculdade.

Naquela época eu nem esperava dinheiro, porque eu sabia da condição deles. Mas eu esperava apoio até pra falar: oh, eu tô junto, se for pra você procurar um financiamento você pode contar comigo que eu vou fazer. Era o que eu esperava assim. Mas isso não me fez desistir de fazer também. Isso foi muito marcante.

Tux conta que ele foi o primeiro de sua família a se formar em um curso superior (inclusive o primeiro neto). Depois disso, ele incentivou os outros a ingressarem na faculdade. Atualmente dois dos seus irmãos possuem curso superior.

Mas eu fui o primeiro a fazer e tentei incentivar todo mundo a fazer. Acho que eles vão vendo que a faculdade abre muita oportunidade aí começa a dar mais valor.

Então quem formou mesmo eu fui o primeiro a formar. Foi bem legal, bem legal a formatura, participar de colação de grau e tudo né, meus pais ficaram bem felizes com isso e acho que foi motivando os outros a fazerem.

Para Tux, a faculdade foi uma fase muito boa em sua vida. Além de abrir muitas portas, ele tem contatos que cultivava até hoje. O grande desafio na época foi conseguir pagar,

pois ele teve que fazer um financiamento, já que não havia alternativa. Tux também se recorda de fazer parte de uma das primeiras turmas da faculdade, o que foi muito interessante em sua perspectiva, já que ele e seus colegas puderam participar do desenvolvimento do curso.

Enquanto isso, a sua trajetória profissional não ia muito bem. Tux havia decidido sair de seu emprego na loja de informática para ajudar o negócio familiar, no entanto, ele acabou perdendo tudo com essa decisão.

Aí eu voltei pra cá [loja do pai], deu tudo errado. Perdi tudo o que eu tinha conquistado eu perdi. Na época até o meu nome eu perdi. Por que eu só tinha... eu era o único na família que tinha cartão, que tinha cheque, e meu pai precisava de fazer compras pra poder mexer com as coisas, mexer com a Casa de Ração. Foi fazendo tudo em meu nome e a gente perdeu tudo. Tudo, tudo, tudo. Aí eu tive que correr atrás de tudo de novo. De pagar as coisas, de limpar o meu nome. Aí nem lembro quanto tempo ficou desse jeito. Aí eu tive depois que sair e procurar emprego de novo. Aí eu fui pra uma outra loja de informática. Eu lembro que eu encontrei depois de um tempo com esse irmão da minha tia, que eu saí da empresa né e ele falou assim ah eu não te entendi, você parou de trabalhar comigo pra ir pra outra loja de informática, aí eu tive que explicar pra ele que não tinha sido isto né, que eu tive que sair pra tentar ajudar meus pais, porque eu não me sentia bem em eu estar em uma condição boa e eles estarem passando muita dificuldade.

1998

Tux decidiu que não havia como ficar trabalhando com o pai. Ele arrumou novamente um emprego em outra loja de informática, onde ele trabalhava de vendedor de peças de computador. Como já conhecia o trabalho, Tux afirma que era tranquilo, entretanto, ele teve que entrar em um cargo inferior e aceitar condições inferiores.

Quando eu abri mão do que eu já tinha conquistado como funcionário e fui pra ajudar meus pais eu acabei regredindo em tudo e depois eu tive que garimpar tudo de novo. Mas era uma situação também assim que quando eu resolvi sair da primeira vez eu vivia uma situação muito diferente da situação deles, entendeu? De condição mesmo financeira e tudo né. De eu estar caminhando para um lado e eles caminhando pra outro e eu ainda morava com eles ainda. Mas era uma situação que me incomodava. Eu resolvi sair daquela primeira loja de informática lá, todo mundo achou estranho, meu patrão achou estranho, porque tava dando muito certo, mas eu não me sentia bem de estar bem e a minha família não estar. Aí voltei, deu tudo errado, mas pelo menos eu tentei.

Sobre essa segunda saída da loja do pai, Tux afirma que foi uma decisão muito dura: “Não foi fácil, mas com o objetivo de constituir uma família eu via que o aporte financeiro que precisava não encontraria na empresa deles, decisão dura, sentimento de abandono, mas o tempo mostrou que não. ”

2000

Enquanto trabalhava como vendedor de peças de informática, Tux se casou, em julho de 2000. Ele gosta bastante dessa data, pois é fácil de lembrar. Tux e sua noiva passaram por dificuldades familiares, nas vésperas do casamento, pois a sua sogra sofreu um acidente. Eles tiveram que adiar a data para cuidar dela. “Apesar de ter muita piada com sogra, eu gostava muito da minha sogra”.

O ano de 2000 foi marcado também pelo lançamento do software livre Linux, inovação que mudaria a vida de Tux. A empresa em que ele trabalhava foi a primeira a dar o curso de Linux, pois ela era autorizada. Como Tux já tinha muito interesse pela área da informática, achou uma boa ideia fazer o curso, com a expectativa de que esse conhecimento pudesse lhe abrir novas portas.

E realmente essa novidade lhe abriu portas. Tanto que o nome fictício foi escolhido pelo próprio empreendedor, como uma forma de gratidão pela oportunidade que o levou a ser empreendedor:

Então, o símbolo do Linux é um pinguim. O nome desse pinguim é Tux e eu devo muito ao software Linux, foi assim uma mudança também no mercado muito grande, teve muita empresa de software proprietário que teve que se adaptar porque o software livre veio assim pra quebrar um tanto de paradigma mesmo né. As pessoas que ganhavam dinheiro vendendo software, hoje tem muito software de qualidade que é gratuito e nem por isso eles deixam de ganhar dinheiro. Então assim, muito do que eu conquistei eu devo muito à parte de software livre. E a gente preocupa até de contribuir às vezes também, ensinando as pessoas, escrevendo material, a gente já publicou um livro sobre o assunto. Lógico que... a gente fez mais pra contribuir, não vou dizer que a gente não ganhou dinheiro com isso, mas ganhou pouquíssimo dinheiro. Quem ganha muito dinheiro com livro é o Paulo Coelho, por exemplo [risos]. A gente vendeu muito pouco, mas foi um jeito de contribuir nesse sentido. Então o software livre abriu e abre muita oportunidade. Acho que vai ser um bom nome, pra empresa ou pensar em um nome pra mim, não sei, mas eu pensei em alguma coisa nesse sentido. Está bem justificado e é merecido... A homenagem é merecida.

Tux escolheu esse nome como uma forma de agradecer pela oportunidade proporcionada pelo software livre. É relevante dizer que essa gratidão também se traduz em símbolos na empresa. Em sua sala, Tux expõe alguns pinguins como objetos decoração.

Ao analisar essa novidade que chegava ao mercado, Tux e mais dois colegas da mesma empresa resolveram abrir um negócio próprio. Eles perceberam que a empresa onde trabalhavam não estava aproveitando essa oportunidade que acabara de surgir. Além desses dois sócios, a empresa contaria ainda com outro sócio, colega de Tux da faculdade de Administração.

Esse colega de Tux da faculdade era proprietário de uma loja de informática que vendia peças. Eles então conversaram e decidiram que deveriam aproveitar a oportunidade que o mercado oferecia, que era a entrada do Linux. Assim, eles resolveram abrir a empresa, mesmo sem ter um capital inicial. “Ele só trabalhava com venda de peças né, e a gente queria abrir uma empresa sem ter um tostão. [Risos]”

Igual abrir a primeira empresa com mais 3 pessoas. Eu não tinha nada, não tinha dinheiro nenhum pra abrir a empresa. A gente abriu, teve muitas pessoas que surgiram assim pra poder... igual a gente alugou um lugar sem fiador, sem nada. Que alguém conhecia um dos sócios e confiou. Esse lugar mesmo que a gente alugou a loja na primeira vez, há muitos anos atrás eu fui dar aula particular de computação pra esposa do dono da [Farmácia]. Fui na casa da esposa dele pra dar aula de informática pra ela. Eu dava umas aulas assim sempre que alguém aparecia eu ia pra poder ganhar um dinheiro a mais. Acho que dei aula assim pra umas 4 pessoas. Quando a gente trabalhava na loja de informática, às vezes o pessoal comprava o computador e nem sabia usar. Aí ah, você me ensina? Ah, ensino, aí eu saía de lá pra dar umas aulas particulares assim.

A primeira preocupação de Tux foi fazer tudo da forma correta, ele não queria “tirar” clientes da empresa onde trabalhava, pois sempre adotou a ideia de por onde passasse deveria manter o contato e deixar as portas abertas. O primeiro passo foi alugar um local. Cada um pegou o seu acerto para investir na nova empresa. Enquanto isso, Tux, com recentes seis meses de casado, conversou com sua esposa para ver se ela o apoiava: “[...] aí eu conversei com a [esposa] e falei a gente tem que fazer alguma coisa porque eu não quero ser devedor o resto da vida. E aí você me apoia ou não? E aí ela apoiou e a gente foi fazer.”

Mesmo com toda a preocupação de Tux, um de seus sócios “deu um vacilo” e acabou distribuindo o cartão da nova empresa entre os alunos do curso da antiga empresa.

E assim, a gente estava preparando tudo, mas sem misturar, sem dar prejuízo nenhum para a empresa por que se o dono soubesse de uma coisa dessas não ia mandar a gente embora, não ia ter acerto nenhum né, ele ia falar se vocês quiserem, vocês pedem a conta né. Aí ele descobriu, foi uma confusão grande e a gente ficou puto da vida com esse rapaz que ia entrar na sociedade com a gente, que ele fez essa cagada que atrapalhou demais, aí a gente teve que sair né que não tinha jeito de ficar do mesmo jeito.

2001

Tux e os colegas pediram demissão da empresa e abriram a sociedade, em outubro de 2001. O objetivo era fornecer cursos, por isso, começaram a formar as turmas.

Ah, a gente tinha algumas noções, alguns contatos, e aí gente montou e foi correndo atrás de cliente, e começou a surgir cliente, e o mercado tava muito bom para treinamento e a gente fez parceria com a PUC, fez com outras universidades. Então a gente dava aula nessas faculdades como cursos de extensão dia de sábado. Dava aulas para empresas, como cursos fechados. E a gente chegou até a montar uma sala

de treinamento com dez computadores. A gente financiou os 10 computadores todos em um tanto de prestação e foi trabalhar pra poder pagar. Desse jeito. E foi dando certo. Ficamos uns 5 anos, não sei.

Sobre a decisão de abrir sua própria empresa, juntamente com outros sócios, Tux relata o que estava envolvido:

Aqui a ambição falou alto, a vontade de crescer, o incômodo da rotina. Via oportunidades que meu patrão não dava a devida atenção, então largamos tudo e começamos só com a força de vontade, dinheiro do acerto, trabalho duro e apoio da [esposa], graças à Deus deu certo.

Tux conta que o início foi bem complicado, já que eles não tinham capital inicial investido na empresa e o pouco que ganhavam acabava tendo que ser dividido entre quatro pessoas.

E assim, todo mundo quando abre uma empresa, principalmente quando você abre sem ter nada, você passa por um período de muita instabilidade. Mesmo quando você abre tendo uma condição muito boa, a empresa não dá retorno tão rápido. Até você começar a colher os frutos mesmo.

Quando um dos sócios decidiu sair da sociedade e procurar um emprego, a empresa começou a ter mais rentabilidade. Tux era o responsável pelas palestras, a outra sócia ficava cuidando da parte de cursos e o terceiro sócio controlava as rotinas administrativas. A empresa começou a ficar mais conhecida, o que estava sendo muito bom para os negócios. Após algum tempo, Tux e a sócia conversaram e perceberam que deveriam seguir em frente, sem o terceiro sócio.

A gente começou a ter uma percepção assim de que esse outro sócio não trabalhava tanto igual a gente né e isso em sociedade e bem complicado, mas a gente conseguiu desfazer essa sociedade de um jeito bem tranquilo.

Assim, a empresa que antes tinha quatro sócios passou a ter apenas dois. A sócia de Tux tinha muitos contatos, o que ajudava muito nas vendas. Tux também atuava como instrutor dos cursos para reduzir gastos com contratação de instrutores.

Outras portas foram se abrindo, como a parceria com a faculdade PUC. Com o crescimento da empresa, Tux e sua sócia decidiram que era o momento de mudar a sede para conseguir atender melhor ao perfil de alunos que eles tinham. Assim, a empresa se mudou para uma sala comercial localizada em uma área bem valorizada de Belo Horizonte. Tux conta que por um período, eles tinham quatro salas em *coworking* com outra empresa de peças de informática. Eles compartilhavam os serviços de recepção.

Enquanto isso, os negócios do pai ainda atravessavam uma fase muito desfavorável: “[...] meus pais continuaram com a empresa aqui com meus irmãos e tudo, mas naquela luta mesmo né, matando um leão por dia.”

Para piorar a situação familiar, o irmão mais novo de Tux, quem ajudava seu pai na loja machucou a boca jogando bola e acabou fraturando o maxilar. Ele teve que ficar de repouso e isso significava uma pessoa a menos para ajudar o pai na loja. Essa situação acabou levando Tux e a família a pensarem nos rumos para o futuro.

E ele teve que ficar com a boca toda... não sei se você viu como é a recuperação de uma fratura de maxilar, mas a pessoa fica com os dentes todos travados e amarrado com arame e tudo com arame. E ele só tinha um espaço assim com canudinho pra ele sugar o que ele podia comer. Tudo o que ele comia era batido no liquidificador não mastigava nada. E foi bem nessa época assim que a gente... não sei... não tenho certeza, mas Deus faz umas coisas assim pra gente parar pra pensar.

Tux então decidiu tomar uma atitude extrema. Aconselhou seu pai a fechar a loja: “fecha essa loja, porque essa loja está matando vocês aos poucos, isso é uma enganação, isso aí”.

Essa situação foi muito difícil para Tux, pois, depois de anos tentando erguer o negócio, teve que aconselhar seu pai a desistir de tudo aquilo que ele havia batalhado e envolvido toda a família para começar do zero de novo.

Foi difícil falar, mas eu acho que eu fiz certo de falar, a vida deles mudou da “água pro vinho” depois de fechar a empresa. De certa forma, meu pai aprendeu a viver com menos, deixar a vaidade de lado, [...] porque eu questiono isso o tempo todo, eu vou ser empresário pra falar para todo mundo que eu sou empresário? Tem que ser empresário pra valer a pena.

Entretanto, analisando a situação nos dias atuais, Tux vê essa como uma das melhores coisas que aconteceu a sua família, pois seu pai conseguiu arrumar outro emprego, no qual trabalha até hoje e seu irmão mais novo foi trabalhar na empresa de Tux assim que se recuperou. Essa decisão, segundo Tux foi boa para todo mundo, pois esse irmão é seu braço direito nos negócios até hoje.

Às vezes a gente vê muito histórico de empresa familiar que não da certo, mas tem muita empresa familiar que da certo. Já tive várias pessoas da família que trabalhavam comigo. E não sei eles tem alguma coisa a reclamar, eles nunca falaram.

2002 foi o ano de formatura de Tux. Ele afirma que além das dificuldades iniciais concernentes ao pagamento das mensalidades, fazer o curso foi bem desgastante para ele, já que trabalhava durante o dia e estudava a noite.

E realmente foram cinco anos bem desgastantes assim, e justamente porque chegava da faculdade à noite e tinha ir pela madrugada adentro pra fazer o que tinha que fazer de escola, estudar pra prova, porque durante o dia não tinha como, tinha que trabalhar. E final de semana também. Então foi um período de abrir mão também de muita coisa pra conseguir concluir o curso.

Entretanto, Tux se orgulha em dizer que formou regular, mesmo nunca tendo sido o melhor nem o pior aluno da turma.

[...] mas formei regular, não fui reprovado em nenhuma matéria né, eu realmente conto isso com muito orgulho por causa da dificuldade que foi estudar assim pra mim. Acho que às vezes as pessoas que têm muito tempo pra estudar não dão tanto valor ao tempo assim.

A faculdade foi um divisor de águas na vida de Tux, nas palavras dele. Foi um tempo de experiências, aprendizado e crescimento. Mesmo depois de ter formado, ele tinha pesadelos com a faculdade e acordava pensando que teria prova e trabalho. Mas ele respirava aliviado e dizia: “Não, já formei!”

Tux afirma que escolheu o curso de Administração para adquirir conhecimentos que pudessem ajudar na empresa do pai. Ele conta que se fosse hoje, talvez escolhesse a área de informática. A área de informática sempre o acompanhou, desde quando começou a mexer com cartões e convites, ainda adolescente (14, 15 anos), na casa de seus pais.

Acho que foi sempre a área de informática, nunca foi nada diferente assim. A partir da hora que eu fiz aquele curso de informática eu já comecei a mexer com esse negócio lá na casa dos meus pais. Eu fui pra loja do meu pai e a gente tava sempre usando o computador lá também pra poder organizar um pouco as coisas. O curso de Administração foi pra ter mais conhecimento pra ajudar na empresa do meu pai. Até que se fosse hoje eu acho que eu faria o curso na área de tecnologia. Talvez eu até faça outra graduação. Não arrependo não, mas se fosse hoje eu faria outra escolha.

2003

Os negócios estavam se desenvolvendo bem, dando mais retorno financeiro. Assim, Tux e sua sócia resolveram mudar novamente a localização, alugando uma casa em outro bairro de Belo Horizonte.

Aí a gente trabalhando fez uma sala de treinamento embaixo, na garagem, na parte de cima da casa já era a parte da recepção e tudo né.

[...] era num lugar muito bom, casa boa, tinha a sala separada, a minha, a dela, a sala de reunião, recepção a gente montou uma turma boa lá.

Com a expansão da empresa, eles contrataram outros funcionários, cerca de 5 ou 6. Tux não precisava continuar sendo instrutor de cursos. Ele conta que eram dois jovens que estavam ganhando dinheiro. “Aí nessa empresa era só eu e ela e a gente estava ganhando dinheiro [risos]”.

E a gente nessa empresa a gente pecou bastante de não olhar pros números do jeito que eles deveriam ser olhados. A gente tava numa situação de vender muito, de entrar muito dinheiro, mas no final do mês não dava resultado que tinha que dar pra gente conseguir honrar com os compromissos todos.

Nesse ano, Tux também trabalhou como consultor em uma indústria. Ele ajudava na parte administrativa e financeira. Novamente, ele percebia o quanto era importante prestar atenção aos números, já que a empresa tinha um faturamento alto, mas não sabia gastar da forma correta.

Foi uma experiência muito boa também, porque era da área de indústria e eles não estavam bem, até por isso que eu fui pra lá pra tentar ajudar. Mas isso me fez ter muita experiência assim em empresa familiar. Empresa que faturava muito dinheiro, mas que não conseguia sobrar quase nada no final do mês.

Nesse trabalho, ele também ganhou experiência em gestão de pessoas. Tux tinha que lidar com o pessoal de chão de fábrica para pedir confiança, pois a empresa precisava que eles trabalhassem mesmo com os salários atrasados.

2005

Outro grande marco na vida de Tux no ano de 2005 foi o nascimento de sua filha. Segundo ele, essa é a melhor parte da família. Tux conta que ele e a esposa conseguiram curtir muito a “vida de casado” antes de ter a filha. Além disso, o motivo de demorarem 5 anos para decidir aumentar a família era porque sua esposa estava cuidando da mãe, que havia ficado acamada.

E depois do casamento também a gente teve que abrir mão de certas coisas, ela principalmente abriu mão da vida dela para poder cuidar da mãe, porque a mãe ficava só de cama, praticamente vegetando. Não só ela, mas também os irmãos, todo mundo fez muito sacrifício nesse sentido.

Para Tux, a notícia da gravidez veio em um momento oportuno para consolar toda a família, que havia acabado de perder a matriarca (sua sogra).

Mas, depois chegou a hora da mãe dela ir. Um fato bem curioso assim e acho que bem abençoado foi que a [esposa] descobriu que estava grávida acho que um dia depois que a mãe dela tinha falecido.

É claro que... que a gente... parou muito da nossa vida, mas chegou um dado momento que a gente decidiu que queria ter filho né. A gente não poderia mais ficar

esperando como seria o desenrolar da situação da mãe dela pra... pra tocar a nossa vida nesse sentido. E porque também já fazia falta pra gente ter mais alguém na família.

A gente ficou... a [filha] nasceu 5 anos depois da gente ter casado. Dentro das condições que a gente tinha, a gente conseguiu aproveitar bem assim o período de namoro, de liberdade, de sair sem ter a preocupação de levar filho. Mas a gente vinha tentando engravidar e não conseguia e descobriu exatamente um dia depois. Então chegou na hora que tinha que chegar. Lógico que foi uma notícia boa pra todo mundo, então, meio que ajudou a confortar um pouco o coração da família que tinha acabado de perder a matriarca, vamos dizer assim. A [filha] é muito amada pela família da [esposa]. O pessoal trata como se ela fosse um anjo. Porque desde o dia que a gente descobriu que ela ia nascer foi alegria para todo mundo. Essas coisas que sempre acontecem na minha vida.

Tux conta que com o nascimento da filha, algumas coisas mudaram muito em sua vida. Principalmente o fato de trabalhar mais pensando em assegurar um futuro com boas condições a ela.

O nascimento da [filha] também foi uma mudança de vida assim gigantesca. Porque você ainda vai ver... Assim, filho é muito bom, é a melhor parte da família. Lógico que estar só com a esposa, namorar, ter os momentos juntos, tudo isso faz parte. A gente curtiu muito só nós dois porque nós ficamos 5 anos casados, então deu pra aproveitar bastante né. Aí depois que a [filha] veio tudo mudou só pra melhor. O nascimento do filho foi muito marcante assim.

Eu não costumo falar tudo não, mas mudou muita coisa, bastante. A [filha] é a melhor coisa da minha vida. Melhor do que qualquer pessoa, do que qualquer coisa. Depois que a gente tem filho a gente já vê tudo em função deles né. Claro que até pra pensar em função deles a gente tem que deixar eles um pouco de lado. E às vezes a gente acaba... eu penso que ... que eu não sou bem interpretado nesse sentido, mas acho que eu estou fazendo o certo. Com respeito a trabalhar demais, essas coisas assim, sabe? Já melhorei muito nesse sentido assim. Não faço mais só por mim né, faço por ela também. Quando ela nasceu, a gente não tinha casa própria ainda, hoje já tem, ela estuda em escola boa, tem uma previdência privada, caderneta de poupança, essas coisas de preocupação de pai mesmo.

Ao narrar, notou-se que Tux estava em um momento de reflexão sobre as fases da vida, ao pensar em sua filha.

Ela é uma boa criança, tá se tornando uma boa pessoa. Não dá trabalho assim, dá trabalho de criança né, toda criança dá. Se continuar desse jeito tá ótimo. Ela vai fazer 13 em agosto, e a gente é muito feliz com ela. No começo dá um trabalho maior, é mais dependente, mas depois vai ficando mais independente, começam a aparecer umas coisas da adolescência, mas são fases né. Depois disso vai passar e vai pra juventude. Depois casa e aparecem os problemas da vida de casado. Depois que tem filho é pro resto da vida. Acho que com você deve ser assim também. Eu falo enquanto filha né, às vezes você tem problema no casamento alguma coisa e você vai conversar com seus pais, com a mãe. Quem é pai nunca vai deixar de preocupar. Não quer dizer que casou e agora... Às vezes até quando é jovem pensa... fica doído pra ter 18 anos pra ser de maior. Na verdade... são só fases.

Desde que sua filha nasceu, Tux fez uma apólice de seguro, devido à preocupação com o futuro dela. Ele conta que fica muito incomodado com os discursos dos vendedores de seguro, pois ele não pensa em morrer por agora. Ele quer viver a vida dele também.

Eu pago o seguro até hoje e fiz bem na época que a [filha] nasceu. É natural do pai preocupar com isso que se acontecer alguma coisa comigo pelo menos a [filha] vai ter alguma coisa para dar um pontapé na vida dela, sem depender de ninguém, sem depender de família. Mas eles vêm aqui e falam como se a gente estivesse morrendo sabe, e falam, não, se acontecer você só vai deixar isso pra sua esposa e sua filha? A última vez a mulher falou assim você vai deixar um cheque de favelado pra sua esposa? Como se a apólice que eu tivesse pagando fosse pouco e como se eu fosse morrer, mas eu não estou penso em morrer agora...

Mas o discurso deles e desse jeito de te sensibilizar falando que ah, você tá deixando... ela vai passar sufoco com isso. E aí eles tudo pra poder vender né. Mas, essas coisas é bom ter, mas eu também já falei lá em casa que eu não vou morrer de trabalhar pra deixar coisa pra esposa e pra filha. Eu vou viver a minha vida também.

Em 2005, Tux também ingressou em uma pós-graduação na área de informática no CEFET-MG. Ele diz que mesmo sendo um curso de rápida duração (um ano e meio, dois anos) ele conheceu muita gente que mantém o contato até hoje e o aprendizado foi muito relevante para a sua área de atuação, que exige uma atualização constante.

2007

Após algum tempo dando certo, Tux começou a perceber que os cursos não estavam mais dando o retorno esperado.

Aí a gente falou assim a gente vai ter que começar a mexer com outras coisas né, não pode ficar só dando cursos, o pessoal tá fazendo... Tá cheio de gente dando cursos, tá cheio de gente dando cursos em estruturas melhores que as nossas, cursos à distância, tem muita gente autodidata, o pessoal já não vai mais pra sala de aula como ia antes.

Esse fato, aliado às questões administrativas e de impostos, acabou fazendo com que Tux fechasse essa empresa. Mas, antes disso, Tux tentou convencer a sua sócia que eles precisavam dar um passo atrás. Ele sugeriu que mudassem para uma sala no Barreiro de Cima, onde o aluguel era mais barato e tentar oferecer outros serviços e reduzir alguns custos. Mas, a sua sócia não aceitou. Assim, a sociedade foi dissolvida e a empresa fechada. Tux permaneceu com os clientes e acabou abrindo outra empresa imediatamente, em maio de 2007.

Então as empresas de serviços elas foram falei assim, olha, tô abrindo outra empresa e falei preciso muito que vocês continuem comigo. A empresa atual vai fazer 11 anos agora, eu tenho cliente de 15 anos, 16 anos que estão comigo. Então desde quando veio da outra empresa eles continuaram comigo.

Sobre abrir uma empresa só sua de forma imediata, Tux faz a seguinte reflexão sobre o que estava envolvido nessa decisão:

Sentimento de desespero, vendo tudo ruir, desmanchar, aquela ideia de voltar à ser empregado, desistir (a maioria me sugeria isso, quase acreditei). Fomos para uma

sala pequena no Barreiro, o [irmão] continuou comigo, consegui manter alguns clientes e com o tempo as coisas foram se acertando. Muitos que me criticavam, hoje usufruem do resultado do meu sonho, mesmo que pequeno.

Em meio a essas mudanças, Tux conversou com seu irmão mais novo e deu liberdade para ele procurar outro emprego, caso ele não quisesse continuar nessa empresa nova.

Aí foi bem delicado, a gente tava numa sala num lugar muito apertado e tudo, e naquela época a gente preocupava assim de ter uma estrutura mais apresentável. Hoje as coisas mudaram muito né. Eu tenho um espaço aqui hoje que eu nem preciso ter um espaço desse tamanho. Eu até acredito que em pouco tempo a minha empresa nem vai existir mais fisicamente, vai ser tudo online. Tanto é que eu já tenho gente hoje que trabalha de casa né, tem dia que o pessoal não vem pra cá, fica de casa, a gente tem que ir formatando essa estrutura toda pra um dia ficar desse jeito. Ou então ta numa sala muito pequena pra gente se reunir de vez em quando pra não perder esse contato assim de olhar nos olhos, mas estrutura grande não precisa.

Tux conta que todas essas mudanças que ocorreram em sua vida fizeram com que ele adotasse uma postura mais realista nessa nova empresa. Segundo ele, “Tudo isso que eu passei lá atrás fez com que eu aprendesse muita coisa e também para eu ver situação que eu não quero passar nunca mais”.

2010

Em 2010, Tux perdeu seu avô materno, que era uma inspiração para ele. Tux conta que aprendeu a tocar saxofone depois que o avô morreu e que se arrepende de não ter tocado junto com ele.

E eu me arrependo de não ter tocado enquanto ele era vivo, porque eu ia ter um maestro me ensinando. Depois foi muito, sei lá, não só por arrependimento assim, mas por desafio, por respeitar ele, aí eu decidi aprender e aprendi.

Atualmente, quando está nervoso ou estressado, Tux entra para o quarto e toca saxofone para se distrair. Ele diz que não tem a intenção de ser um profissional, como o avô foi.

É bom fazer algo diferente. O violão é mais tranquilo, mas o sax faz barulho pra caramba, aí eu desestresso e estresso a [esposa] e a [filha]. Aí no começo é pior porque quando tá aprendendo sai um som muito feio. Mas aí depois sai uma música, aí já fica mais tranquilo.

Tux já tentou incentivar sua filha a aprender instrumentos musicais. Chegou até a comprar um violino, mas ela não quis mais e ele vendeu o instrumento e colocou o dinheiro na caderneta de poupança dela. A música faz parte da família. Todos os seus tios aprenderam algum instrumento e sua mãe toca bandolim.

Depois que seu avô faleceu, seus tios entraram com um projeto para continuar o legado do ensino de música na cidade de Manga. Esse projeto recebeu o nome do avô de Tux como uma homenagem. As aulas ocorrem no espaço em que o avô tinha uma danceteria e vários instrumentos foram doados pela Prefeitura.

Outra homenagem ao seu avô ocorreu em um dos desfiles de Carnaval, outra tradição da cidade. Tux conta que existe um bloco chamado “Cebola Quente” que só toca marchinhas antigas, mais voltado para a família. Sempre que eles tocam, o encerramento ocorre na casa que era do avô.

Eu lembro direitinho a última vez que... que meu avô faleceu e o carnaval seguinte eu lembro que a gente tava lá na cidade e eles encerraram tocando pra minha vó. Ela sentou no palco do salão assim eu lembro direitinho dela sentada lá sozinha, sem meu avô.

Ele conta que sua avó faleceu logo depois. Tux lembra que antes de falecerem, eles vinham todo ano para Belo Horizonte fazer tratamentos de saúde e ficavam hospedados na casa de sua mãe. Tux reflete sobre isso e diz que é uma contradição, pois a filha que foi criada longe, com os bisavôs é justamente quem os recebia em sua casa e cuidava deles.

2011

Tux também já trabalhou como professor em instituições de ensino públicas e privadas. Ele lembrou do tempo em que era professor de programação, de redes de computador. Ele conta que tem vontade de voltar para a sala de aula, mas o escritório demanda muito de seu tempo.

Tux conta que dar aula era um desafio, tanto pelo tempo, que era muito corrido, pois ele trabalhava durante o dia na empresa e a noite dava aulas. Além disso, ele lembra que lecionou uma disciplina na sexta feira a noite e no sábado de manhã, segundo ele, os piores horários para se dar aula. Para agravar a situação, a turma de sábado tinha aula com Tux após a Educação Física.

A minha turma no sábado tinha aula de programação comigo depois da aula de educação física. Você imagina o povo tava na educação física, chegava lá de calção, suado, cansado, todo mundo com adrenalina lá em cima por causa da diversão da educação física e ia fazer aula de programação.

Ele fala que isso é o que acontece com os professores substitutos:

Substituto só pega osso. Filé é só pros concursados. O horário que ninguém quer dá pro substituto. Tanto é que foi renovar o contrato comigo aí queria me dar aula só

ruim... pior ainda. Aí eu não renovei. Eu não tava precisando do dinheiro assim, ficar no stress lá pegando só este tipo de aula, aí eu falei, ah nem, é o dinheiro que não vale a pena, entendeu? Pra eu fazer isso eu teria de estar ausente do escritório, pelo menos um pouco e aquela época sei lá, eu não tinha equipe pra isso, não confiava na equipe pra isso né”

Mesmo com essas dificuldades, Tux diz que gostou muito de dar aula, que foi uma experiência muito boa. Entretanto, ele gostaria de ter tido mais tempo para se dedicar mais, mas, naquela época isso não era possível.

Ainda no ano de 2011, a empresa de Tux ficou por um ano na incubadora de uma instituição de ensino federal. Tux conta que isso foi muito favorável para a empresa, pois eles conseguiram participar de um projeto chamado PRIME da FINEP e ganharam um recurso para investir no negócio. Ele explicou como funciona:

Eu fiquei um ano na incubadora. Esses projetos de incubadora já tem os prazos já definidos. Aí você já tem o cronograma pra lançar o produto, pra depositar o código pra registro de patente. Então você não pode ficar mais tempo não. Até que eu gostaria de ter ficado mais tempo, mas tem que seguir as regras, seguir as cláusulas lá do contrato.

Tem o edital, aí você se inscreve, participa da seleção com algumas informações pessoais da empresa e apresenta o projeto para uma banca e se a banca aprovar aí você tem o direito de usar a estrutura da incubadora. Aí você pode usar o nome da incubadora pra participar de outros projetos e a gente usou disso pra participar do projeto PRIME da FINEP. Nesse a gente foi contemplado e ganhou o recurso pra investir.

São pouquíssimas empresas que conseguem, então eu acho que o país tinha que fazer mais por esse pessoal que gera bastante emprego.

Também em 2011, Tux ingressou no Mestrado em Educação Tecnológica em uma instituição de ensino federal. Ele conta que foi uma fase de muita dedicação e escolhas, pois foi preciso abrir mão de muitas coisas. Mas, para Tux, foi um momento muito bom, pois ele não se vê sem estudar em nenhum momento. Ao estudo ele atribui tudo aquilo que conquistou.

[...] acho que vai chegando a hora de defender, é um desafio bem grande assim... A gente até brinca que tem duas alegrias no mestrado, que é a hora que você entra e a hora que sai. E realmente é desse jeito, ainda mais no começo, tem muita disciplina a ser feita, tem que ficar muito dentro de sala de aula. Mas também foi muito bom pra mim, por isso eu não me vejo sem estudar hora nenhuma, e a [filha] até sofre com isso porque eu tô sempre cobrando dela pra estudar, que eu falo que as coisas que eu conquistei foi tudo a partir do estudo. E aí depois que eu terminei o mestrado eu continuo estudando.

Tux enfatiza a sua paixão pelos estudos em toda a narrativa sobre a sua história. Ele diz que gosta de estudar e que estuda mesmo estando cansado, pois é algo que lhe dá prazer.

Quando está estudando, ele fica até acordado de madrugada, pois é algo que gosta muito de fazer.

Tux tem o interesse em aprender sempre. Por isso, decidiu fazer o mestrado e tem o desejo de ingressar em um doutorado. Ele diz que quanto mais estuda, menos se sabe, mas a pessoa se torna alguém diferente. A aposentadoria dos sonhos é imaginada por Tux fazendo um doutorado, dando aulas e trabalhando com pesquisa dentro de uma universidade.

Eu gosto demais de estudar, queria ter tempo e condição de estudar mais, mas não tem como pelo volume de trabalho mesmo assim, até as vezes falo assim que sei lá de repente você faz um doutorado e pós-doutorado na área de pesquisa você tá focado só em pesquisa, só em estudos assim, eu acho que seria a aposentadoria dos sonhos assim.

2018 - Atualmente

Quando pensa em aposentadoria, Tux diz que não se imagina na situação de parar de trabalhar. Ele deseja ficar estudando e pesquisando. Para Tux esse seria um bom final de carreira profissional, pois é gratificante estudar, aprender e ensinar e poder falar com propriedade sobre algum assunto.

Ele conta que seu pai, já com 69 anos ainda trabalha muito, o que deixa a família preocupada. Ele trabalha com viagens de caminhão. Entretanto, o pai não quer parar, pois está fazendo o que gosta. Tux já pensa diferente. Ele tem a meta de quando chegar a certa idade não ter que ficar trabalhando tanto mais. “[...] eu penso que quando eu chegar em uma certa idade que eu tenho minha meta, eu não vou ficar trabalhando muito mais, que o que eu conquistar até ali eu vou aprender a viver com aquilo, entendeu? ”

Mas Tux conta que ele é bem diferente do pai, até mesmo nas características.

Mas se você olhar pro meu pai nem parece que ele tem 69 anos, parece bem mais novo, bem de bem com a vida, divertido, engraçado, muito diferente de mim. É, meu pai é bem extrovertido...

Tux conta que há um tempo atrás, seu pai passou mal sozinho em uma viagem de caminhão e foi socorrido por alguém que estava passando. Tux pensa se às vezes ele não continua trabalhando apenas por um sentimento de dívida com o irmão, que lhe deu uma oportunidade há alguns anos.

Aí você está com 70 anos, assim meu pai acho que há um ano e pouco atrás, meu pai passou mal sozinho na beira da estrada, praticamente um ataque cardíaco, e assim um carro passando na estrada parou pra poder ajudar meu pai. E foi... pra mim isso é coisa de Deus, é um milagre, porque se eu tivesse passando na estrada e visse

alguém com o carro parado assim, eu não pararia, principalmente nessa época assim. Então, a pessoa que parou e socorreu meu pai... E ele pela idade que ele tem, pelos problemas cardíacos, problemas de pressão alta, já era pra ele estar mais quieto dentro de casa, só que a gente não força a pessoa a fazer isso, mas não era pra ele estar desse jeito, independente dele achar que deve alguma coisa pro meu tio, entendeu?

Eu até acho que hoje isso pesa na hora do meu pai tomar a decisão de parar de trabalhar, entendeu? De uma questão de dívida sabe? De gratidão, coisa que a gente não concorda mais né.

E meu pai, paciência. A gente pode falar o que pensa, mas forçar ele a tomar decisão não. Mas ele esboça uns momentos de cansaço também, a gente percebe isso. Tanto é que hoje ele tem esse trabalho com meu tio, mas ele não... igual ele ficou esse tempo todo viajando, então é provável que ele volte e fique uma semana sem fazer nada, aí ele vai lá para o sítio em Esmeraldas, cuida dos bichos, faz as coisas que ele gosta. Meu pai não desfaz daquilo de jeito nenhum.

Pensando nessas situações do pai, Tux expressa a preocupação de não aumentar muito o seu padrão de vida, para poder trabalhar menos no futuro. Ele conta que não pensa em parar de trabalhar, mas sim em ter condições de ter mais tempo para estudar, dar aulas em faculdade, fazer pesquisas, essa é sua meta.

Mas, assim, eu tenho uma preocupação de não aumentar demais meu padrão de vida e a [esposa] pensa do mesmo jeito também e isso é bom pra gente né, porque senão igual você igual você falou, nunca dá né. Então se você ganha 5 mil você vive com aquilo aí você quer ganhar 7,5 mil, ganhar 10, ganhar 12 e você vai morrer querendo ganhar sempre mais. Aí você pensa chega num padrão e fala não, eu vou viver com 5 mil por mês, entendeu. Aí pode chegar ao final do mês, e você ganha 7 mil, ganhe 8 aí você faz uma viagem, uma coisa diferente né, mas você quer ficar sempre aumentando o padrão de vida, isso é muito... não dá certo. Você vai morrer trabalhando e nunca vai chegar num limite entendeu?

Tux admite que às vezes precisa abrir mão de certas coisas, e que precisa tomar decisões difíceis, mas quando olha para trás ele tem certeza daquilo que não quer passar novamente.

Todo mundo que está comigo aqui sabe exatamente quais são as minhas condições. Eu nunca assumi uma coisa que eu não daria conta de cumprir né. E eu falei lá atrás que eu nunca mais faria coisa desse tipo e eu não faço nunca mais. Já perdi funcionários aqui pra empresas maiores e tudo e por isso eu não posso assumir um compromisso agora e chegar no começo do mês e falar que eu não tenho condição de pagar. Esse período todo que a gente tá na empresa eu nunca atrasei pagamento um dia, nunca tive situações assim de ter vergonha de conversar com funcionário e acho que isso... eu pelo menos acredito que seja uma postura correta.

Tem gente que se vende assim. Eu passei e ainda passo por muitas coisas e com isso continuo crescendo pra não errar de novo. Não tenho vergonha de ter errado, de ter falido em uma empresa. Tudo me fez aprender mais.

Atualmente, a empresa de Tux está completando 11 anos. Ele conta que já passou por momentos de querer trocar de lugar com os funcionários, pois não estava valendo a pena ser o empresário. Ele ainda diz que está sempre de olho no mercado. Tux também pensa em mudar

o modelo de negócio de uma forma estratégica, utilizando menos espaço e contando com uma equipe que possa trabalhar remotamente, de casa (*home office*).

6.1 Reflexões de Tux sobre ser empreendedor narradas ao longo das narrativas de história de vida

Às vezes eu converso com pessoas que falam, ah eu nunca tive dificuldade nenhuma na vida. E eu dou os parabéns a essa pessoa, mas a gente que passa dificuldade. Eu acho meio utópico né. (Tux)

Ao longo das narrativas sobre sua história de vida, Tux expõe diversas reflexões sobre ser um empreendedor. Ele conta que incentiva sua filha de 12 anos a já se interessar por este caminho e que quando vê suas sobrinhas recém-formadas e sem emprego, ele sugere que se juntem e formem uma empresa:

Às vezes eu passo por situações que eu vejo as minhas sobrinhas também que estão na idade de formar e que estão procurando emprego e não conseguem, aí eu falo ah, junta todo mundo e monta alguma coisa. Na verdade, a situação do país acaba gerando muito empreendedor. Porque as pessoas não acham uma oportunidade de emprego e acabam empreendendo. Meu pensamento é que isso é uma tendência, principalmente com essas mudanças trabalhistas, que praticamente cada pessoa vai ser sua própria empresa. E você tem que se vender o tempo todo, então eu acho assim, até se for pra arrumar um emprego, você tem que chegar na entrevista e tem que se vender. Convencer que você é o melhor profissional, que você vai entregar a melhor solução.

Tux relata que está vibrando de alegria, pois a filha está aprendendo a disciplina empreendedorismo na escola, no 7^a ano.

Eu defendo que as escolas deveriam ter disciplina de empreendedorismo. A [filha] tá fazendo essa disciplina esse ano e eu tô vibrando com isso. Ela está no fundamental, está no 7^o ano, e esse ano já tem uma disciplina de empreendedorismo, então fala de economia, de planejamento, de poupança, eu acho isso muito importante, eu acho que isso serve pra todo mundo, independentemente de ser um empresário, ou não.

Tux diz que uma das principais vantagens em ser um empreendedor é a liberdade que ele tem. Entretanto, essa liberdade também tem um preço, que é um nível de stress bem elevado. Ele percebe isso desde quando via seu pai a frente do negócio familiar. Além disso, outro aspecto negativo é a falta de uma carga horária definida.

E é desafiador falar como empreendedor assim e eu acho que pra maioria dos empreendedores, levar no ponto de vista assim que a gente não tem uma carga horária de trabalho definida. Eu saio do escritório, mas o escritório não sai de mim hora nenhuma.

Essa situação faz com que ele receba cobranças em casa por parte da filha e da esposa. “Até certo ponto que eu acho que elas estão certas, mas tem um certo ponto que eu acho que eu estou certo também”.

Tux também expõe ao longo da história que ele carrega uma grande responsabilidade, não só com os funcionários, como também com as famílias, que dependem das rendas. Isso fica ainda mais agravado quando pensa que seu irmão trabalha com ele e que até suas sobrinhas dependem da empresa. Isso faz com que Tux não desista do negócio.

[...] a gente às vezes fica pensando nossa, se eu resolver fechar isso daqui como que ele vai fazer? Vai ter que ir pro mercado procurar emprego? Que a gente sabe que isso não é fácil né, mas... e aí a gente enfrenta esses desafios assim o tempo todo.

Tux conta que precisa que sua filha e sua esposa o ajudem a “puxar para baixo”. Para que ele coloque os pés no chão, ou “pise no freio”. Essas foram as expressões usadas pelo empreendedor para expressar uma realidade de trabalho intenso. Ele já foi até chamado de *workaholic*.

Hoje eu tento me desligar um pouco assim. Mas, ainda... é ainda sou, mas não tanto. Mas igual eu falei é bom ouvir essas críticas né, por que a gente para pra pensar, olha o que tem que mudar por que a vida tem que ter esse tipo de coisa.

Tux faz o possível para não sofrer tanto em sua trajetória como empreendedor. Para isso, ele busca mais equilíbrio em sua vida e tenta dividir as coisas, mesmo que seja muito difícil, pois ele sente que a o negócio não desvincula dele nunca. A todo o momento, ele está pensando em como aproveitar novas oportunidades e transformar isso em dinheiro. Tux também sempre se questiona se está valendo a pena ser um empreendedor.

Teve uma época na empresa que eu falei assim é eu acho que ninguém queria tá no meu lugar, entendeu? E eu não quero ser o empreendedor que seja visto dessa forma, das pessoas acharem assim que é melhor ser funcionário que ser empreendedor.

A [empresa atual] ficou um tempo como se eu chegasse pra quem trabalhava comigo e perguntar vocês querem inverter de posição comigo? Ser o dono da empresa e eu passar a ser funcionário? E ninguém queria fazer a inversão. Foi uma fase que eu também analisei e falei ou vai ser diferente ou então eu vou fechar a empresa e mando meu currículo, eu confio nas coisas que eu sei, que eu estudei e aprendi e tudo. É um questionamento que eu faço o tempo todo, acho que todo empresário tem que pensar nisso, falar que é empresário só por paixão, só por vaidade, pra falar pra todo mundo que você é empresário?

Outra situação que lhe causa sofrimento na posição de empreendedor é querer que as pessoas sempre façam as coisas da sua maneira, mas, Tux admite que tenta melhorar isso a

cada dia, escutando o que os funcionários têm a dizer. Se a proposta do outro for melhor do que a dele, será aceita.

Do mesmo jeito que eu faço e isso não existe né, não tem como. Mas é... isso me causa angústia, mas também tem melhorado, pelo menos saber que é um ponto a melhorar já é um início né, pelo menos você admitir.

E a empresa tem que ser do jeito que eu quero que ela seja a não ser que me provem que o meu jeito está errado. Então muitas vezes quando eu falo com eles faz desse jeito e falo não é minha imposição, eu tô explicitando o jeito que eu quero que seja feito. Agora vocês podem argumentar comigo e falar: desse jeito aí não é a melhor forma. Eu vou ter humildade de falar que tudo bem, do seu jeito é melhor e... vamos seguir em frente que é o melhor pra todo mundo.

Com o decorrer dos anos, Tux passou a delegar as responsabilidades. Tux comunica à equipe que ele tem o dever de dar as condições para eles trabalharem. Assim, ele pode fazer algumas coisas que antes não fazia, como ir para a empresa apenas na parte da tarde, ou viajar, sem peso na consciência.

De achar porque é o dono tem que ser o primeiro a chegar e o último a sair sabe, acho que isso é muito antigo. Às vezes eu falo com a equipe assim também que a minha... já aconteceram problemas aqui e eles cobraram como se a responsabilidade fosse minha também. Aí eu falo, olha a minha responsabilidade é de dar condições pra vocês trabalharem.

Então eu... tem dia que eu fico em casa, mas não fico em casa à toa. Eu fico em casa pra pensar sobre a empresa, pra estudar alguma coisa, pra analisar alguns números, analisar algumas pessoas, analisar como está o atendimento ao cliente né. Acho que empreendedor tem que ter um tempo pra isso.

Tux afirma que o papel do empreendedor não é ficar só apagando incêndio ou “escovando bit”. Esse é um termo da área de TI que quer dizer ficar fazendo um serviço operacional. Mesmo assim, ele gosta de atender chamados, às vezes.

Mas as horas que eu fico atendendo algum chamado assim é por opção, porque eu gosto disso né. Às vezes a [esposa] mesmo fala: ah, você tem seus funcionários, mas toda vez eu te vejo trabalhando direto ou estudando né. Eu falo eu gosto de fazer, é uma coisa que eu tenho que fazer. Às vezes eu falo que é uma preocupação que eu preciso ter com os clientes porque quem paga o maior preço pela insatisfação do cliente sou eu também. Mas aí a gente começa a medir essas coisas também, até que ponto que vale a pena, a monitorar também como que é a postura da equipe.

Outro desafio em ser empreendedor é ter que lidar com as pessoas. Tux diz que sempre que vê algo errado ele fala imediatamente. Ele explica que não deixa de falar na hora, pois, precisa manter sua autonomia perante a equipe.

Mas, eu não posso deixar de falar quando eu vejo alguma coisa errada. Eu não posso perder a minha autonomia aqui dentro né, eu sou o dono da empresa, eu pago pelos erros, recebo pelos acertos, recebo mais pelos acertos e pago mais pelos erros também.

Mas, nem todas as pessoas recebem isso da mesma forma:

Aí você tem que aprender a falar e a lidar com cada um também né. Mas às vezes conversava, chamava a atenção de mulher, aí caía em prantos e ficava uma semana com a cara fechada. Aí com homem a gente fala, vira a cara e no outro dia “vida que segue” né.

Para evitar situações constrangedoras, Tux desenvolveu uma forma de solicitar que as pessoas executem suas tarefas por meio de chamados eletrônicos.

Então a gente tem muita coisa que a gente tem organizado na empresa, deixado tudo documentado. Hoje o help desk a gente utiliza até o conceito de robô dentro do help desk né. Então a gente consegue parametrizar o sistema para abrir chamados técnicos para definir qual é a sua rotina de trabalho. Então as tarefas que todo mundo tem que executar diariamente elas são abertas por meio de uma ferramenta. E a única coisa que eu estou te pedindo é que execute a sua tarefa. Então, é simples! Então a tarefa é aberta com o prazo pra ser executada, com o passo a passo do que deve ser feito.

Para resumir o que é ser empreendedor, Tux utiliza a frase: “Eu tenho que caçar e matar um leão por dia”. Ele conta que o contexto brasileiro, mesmo gerando muito empreendedor pela falta de oportunidades de emprego, não favorece o empreendedorismo. “Falta dinheiro para investir no negócio, o governo não favorece aqueles que mais empregam, que são as micro e pequenas empresas. ”

Para Tux, os países que são mais desenvolvidos têm muitos empreendedores, muitos pesquisadores e o Brasil não dá condição para isso. Além disso, é difícil conseguir apoio em instituições financeiras:

E muitas vezes a gente bate na porta de banco, de qualquer instituição financeira pedindo algum apoio e eles não dão. Eles só dão apoio pra quem já tem dinheiro. Então você vai chegar num banco pra pedir 100 mil reais de crédito, você tem que ter 300 mil reais e como que alguém que está abrindo uma empresa vai ter isso né? Então, por isso as empresas grandes crescem cada vez mais. E você vê notícia de empresa grande devendo milhões de reais. Como é que esses caras conseguiram dever tanto dinheiro? É porque eles tiveram uma condição pra que alguém emprestasse.

Além disso, os encargos tributários são altos e faltam incentivos para as micro e pequenas empresas:

Só que você tira 11% do que você fatura por mês, isso não quer dizer, nem sempre você tem lucro, mas em cima do que você fatura, você tem que tirar 11% e dar pro governo, isso se for empresa do Simples Nacional né, e o governo fala: me dê a minha fatia aqui e se dane!

Você vai ter uma folha de pagamento você tem 80% a mais de carga tributária. Se essa carga tributária fosse menor a gente teria condições de gerar muito mais emprego, então hoje você reduz ao máximo a sua equipe pra você dar conta de pagar. Pra você ver que o país não dá muito incentivo. Pra ser até mais justo assim eu acho que o país precisava beneficiar mais.

Mas, mesmo assim, Tux não desiste de empreender por vários aspectos, como pelo prazer em fazer aquilo que gosta e por sentir-se realizado em atender bem os clientes. Ele acredita que essas sensações não poderiam ser proporcionadas a um funcionário.

Mas, nada disso faz a gente desistir de empreender. Porque alguém poderia chegar a conclusão e falar assim ah então para de mexer com isso e vai procurar um emprego né. Mas, não só pela dificuldade de achar emprego, mas por realização profissional, de estar fazendo o que gosta, de estar fazendo... dedicando seu tempo naquilo que você acredita, de sentir prazer em fazer a diferença dentro de várias empresas, de sentir prazer de ver que: ah, têm várias empresas funcionando porque sou eu e meu time que mantém a empresa funcionando. E você não vai conseguir esse tipo de realização enquanto funcionário.

Tux sente que a família enxerga a empresa como um sonho dele. E às vezes, ouve que ele pode procurar emprego em empresas, pois ele tem um currículo muito bom. Mas, ele luta pelo seu negócio, mesmo perante a situação desfavorável do país, afirmando que sente que não nasceu para ser empregado.

Então eu tiro o chapéu pra quem começou igual a gente assim do zero, sem herança, sem nada, porque não tem apoio no país. A carga tributária é muito alta, em cima de folha de pagamento, em cima de faturamento e se a gente atrasa não tem perdão. Começa a cortar os créditos todos, então assim até você conseguir chegar a um ponto de ter um fluxo de caixa, de ter credito no banco né pra poder investir mais na empresa também é bem complicado.

Tux acredita que muitos seguem o caminho do empreendedorismo por não ter outra opção de renda. Quanto ao futuro do país, Tux acredita que as mudanças nas leis trabalhistas vão gerar muito impacto no empreendedorismo. Segundo ele, os empreendedores vão ganhar mais.

A gente vê que empreende por não tem outra opção, outra alternativa. Às vezes, empreendem pra ganhar mil reais por mês né... Agora eu acho que vai mudar um pouco pela mudança nas leis trabalhistas, a gente vai ter empreendedores ganhando mais. Tanto é que o limite eu acho que são 6 mil por mês pra microempreendedor individual, é tem um limite de faturamento mensal. Tem um teto máximo pra ser microempreendedor acho que é até 6 mil por mês, o teto máximo. Dez mil por mês eu acho que é um salário razoável, pra ser microempreendedor individual, mas têm muita gente que vai empreender porque não tem outra alternativa.

Mas é por isso, o país não dá tanta oportunidade. Essa crise de desemprego agora a gente tem muita gente formada fazendo coisas que não tem nada a ver com o curso só pra sobreviver, o que é bem desanimador nesse sentido, muita corrupção, igual se a gente pagasse imposto e os impostos voltassem pra gente não teria problema, entendeu?

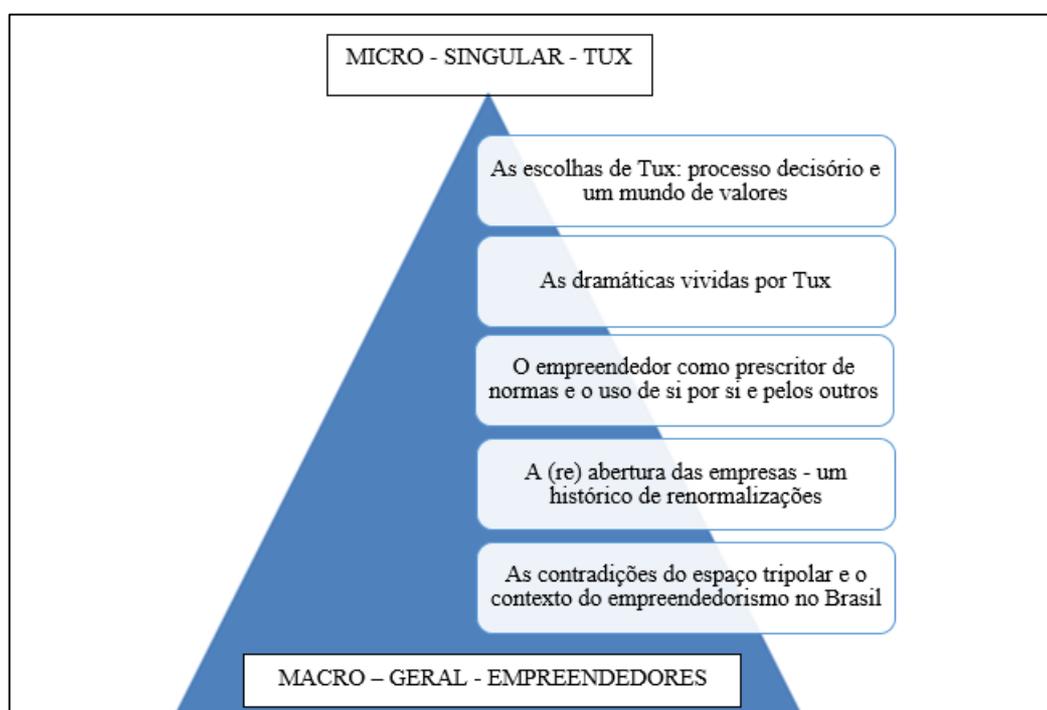
Ainda sobre o contexto brasileiro, Tux descreve que o país passa por uma crise de desemprego em que muitas pessoas formadas em cursos superiores não conseguem emprego. Muitos acabam trabalhando em outras áreas que não tem relação com sua formação apenas

para sobreviver. Além de faltar oportunidade, Tux acredita que isso tem a ver também com a corrupção. A próxima seção destinou a tecer análises sobre a trajetória de vida de Tux em relação ao empreendedorismo.

7. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE TUX E O EMPREENDEDORISMO – UM OLHAR ERGOLÓGICO

Nesta seção foram apresentadas algumas reflexões sobre o que a história de vida de Tux revela sobre o empreendedorismo, utilizando a abordagem ergológica, conforme proposto pelo objetivo geral desta dissertação. Devido ao olhar mais voltado às questões do empreendedorismo, empregou-se nesta seção de análise o termo “trajetória” em lugar de “história” de vida. A lógica desta seção se baseia em categorias que emergem dos conceitos da ergologia, sendo assim estruturada:

Figura 10: Esquema lógico da análise de dados



Fonte: Elaborado pela autora

Além de utilizar as categorias da ergologia, a análise da trajetória de Tux com o empreendedorismo foi apresentada na seguinte lógica: partindo do particular, no nível mais micro, singular, apresentando as escolhas, as dramáticas os usos de si, as renormalizações de Tux para então culminar no contexto, que é fundamental no método história de vida, evidenciando assim como a história de vida exprime desde o mais singular até o mais geral, e que representa não apenas a vida de Tux, mas a realidade de milhares de outros empreendedores brasileiros que passaram e passam por situações semelhantes.

7.1 As escolhas de Tux: processo decisório e um mundo de valores

O mundo de valores é sem dimensões porque não se pode criar uma hierarquia ou uma escala desses valores (VENNER; SCHWARTZ, 2015). A convocação de um mundo de valores se refere a escolhas que são sustentadas por certos critérios, sejam eles conscientes ou não. Não há universo estável de valores, eles são sempre retrabalhados no curso da vida e da experiência de cada pessoa (MENCACCI; SCHWARTZ, 2015).

Nesse sentido, Tux conta que suas escolhas em sua trajetória profissional foram norteadas por uma veia de empreendedorismo:

Mas é o que eu falei, assim, sempre tive essa veia de trabalhar por conta própria né. Com as coisas que eu já te contei da empresa do meu pai, de eu vender bala, pipoca, chup-chup, depois ver alguma coisa para trabalhar com digitalização, fazer cartão de visita e convite. Sempre foi desse jeito. Eu acho que isso não vai mudar.

Aí essa fase a gente teve um envolvimento mais próximo assim de ter essa veia de empreendedorismo, de trabalhar em comércio, eu não sei se, eu não acho que, assim, hoje eu gosto muito da liberdade que eu tenho, e isso também tem um preço, um nível de stress às vezes bastante alto né.

Ele atribui muito dessa “veia de empreendedorismo” ao exemplo do pai, que decidiu sair de seu emprego para continuar apenas com a loja de material elétrico. É interessante notar que o pai de Tux tentou manter a loja por muitos anos, mas, atualmente trabalha como funcionário em uma empresa e não tem mais um negócio próprio.

Tux também sente que a figura do avô materno, maestro e empresário, representa uma fonte de inspiração. É relevante destacar a diferença que Tux faz entre as duas famílias – paterna e materna, quanto a expressão que ele as caracteriza. Enquanto a família materna, que possui muitos empreendedores é vista como muito “trabalho e suor”, a família paterna é descrita pela expressão “mais suor e lágrima”: “Meu avô era dono de hotel, dono de bar, de danceteria, discoteca né, aí eu vou olhar meu tio na cidade tem sorveteria, o outro tio tinha uma loja de discos na cidade, isso do lado materno, do lado paterno mais suor e lágrima”.

Ele recorre ao exemplo da família, ao mostrar as grandes construções e tudo que seu avô materno conquistou, sendo um empresário. Além de conquistas materiais, o avô materno é também um símbolo de reconhecimento na cidade. Esses aspectos contribuem para que Tux considere ter uma veia de empreendedorismo, já que sente que “puxou” o lado da família materna.

Tux acredita que não tenha nascido para ter um emprego, e sim para ter uma empresa e ele escolhe lutar por isso por acreditar que não nasceu para ser empregado.

[...] em alguns momentos eu até ouvi assim: ah, desiste disso, você tem um currículo bom, tem uma formação, vai procurar um emprego, mas eu não nasci para isso entendeu?

Para Tux, ser o dono do próprio negócio é uma vocação. Ele contou que na infância pensava em ser um dentista, mas seria o dono do consultório e não um empregado: “Teve uma fase da minha infância que eu queria ser dentista. Mas, na verdade eu ia ter um consultório, não ia ser empregado também não, então eu iria empreender do mesmo jeito. Só lembrei disso agora.” Até mesmo enquanto funcionário, Tux se enxergava como um empreendedor:

E nessa loja eu... acabou que durante o período todo eu virei o gerente da loja. Passei de estoquista, fui ser vendedor, quando chegou num certo período eu era responsável pela loja toda... sozinho. E eu era a pessoa mais nova da equipe. Virei o chefe da loja. E eles abriram mais outras duas lojas e essa loja ficou sob a minha responsabilidade. Foi bem bacana assim de chegar nesse ponto.

Mas acho que a minha decisão de empreender eu acho que a vida fez com que eu desenvolvesse esse tipo de perfil. De ser empreendedor, até trabalhando como funcionário, eu acredito, mas acho que é isso.

As contradições se expressam: se o pai não conseguiu obter êxito nessa trajetória de empreendedor porque Tux deseja segui-la? Mas para evitá-las, Tux diz que tudo o que ele já passou serviu como aprendizado, como experiência para evitar repetir os erros do pai. Ele tenta localizar os erros para não repetir, principalmente no que tange a “analisar os números”, nas palavras de Tux.

Quando se pensa no empreendedor como um tomador de decisão, se vê que ele não detém o controle de todas as variáveis (SIMON, 1979). Shane e Venkataraman (2000) apontam que é exatamente esse elemento surpresa que faz com que alguns consigam ir mais longe que outros, conhecer e aproveitar primeiro as oportunidades. Tux conta que soube aproveitar as oportunidades em vários momentos de sua trajetória: quando aprendeu a utilizar os recursos de informática, ele logo abriu um negócio próprio dentro da casa dos pais para aproveitar a oportunidade, já que poucas pessoas sabiam utilizar esses recursos e quando percebeu a novidade do software livre Linux, também decidiu abrir um negócio para explorá-la.

Observou-se que aspectos relacionados a saberes informais, saberes que emergem com a experiência de vida de cada pessoa, contribuíram para que Tux decidisse abrir novos negócios. Há uma confrontação de saberes formais com os saberes da experiência. Ou seja, além dos saberes técnicos, Tux já sabia como conduzir um negócio, algo que ele aprendeu em sua trajetória desde criança, quando vendia doces do CEASA e depois na adolescência e

juventude ajudando seu pai na loja. Nisso, é possível identificar saberes como atender ao cliente, divulgar seu trabalho entre os amigos, saber precificar o serviço ou produto. Esses saberes Tux aprendeu com a vida, são saberes próprios da sua história. É o que Schwartz (2002) chama de saberes investidos na atividade, que são criados via debate de normas, e, portanto, dificilmente são compreendidos em sequências conceituais lineares (SCHWARTZ, 2002).

A racionalidade do processo decisório, de acordo com Simon (1979), se refere à escolha da alternativa mais satisfatória, expondo assim as restrições do homem, o que leva os indivíduos a substituírem a maximização de resultados pelos resultados satisfatórios. Assim, o homem administrativo se contenta com o satisfatório em detrimento do ótimo (SIMON, 1979). Nesse sentido, observa-se que as escolhas ou decisões de Tux nem sempre passam pelo polo do mercado, ou seja, pelo polo dos valores dimensionados. Percebe-se que muitas vezes, os resultados mais satisfatórios nem sempre se referem a valores quantitativos.

As incongruências se expressam por exemplo quando Tux conta que estava trabalhando em uma empresa na qual ele havia progredido, se tornado o gerente, e resolveu sair para ajudar o negócio da família, que estava indo muito mal.

Quando eu abri mão do que eu já tinha conquistado como funcionário e fui pra ajudar meus pais eu acabei regredindo em tudo e depois eu tive que garimpar tudo de novo. Mas era uma situação também assim que quando eu resolvi sair da primeira vez eu vivia uma situação muito diferente da situação deles, entendeu? De condição mesmo financeira e tudo né. De eu estar caminhando para um lado e eles caminhando pra outro e eu ainda morava com eles ainda. Mas era uma situação que me incomodava. Eu resolvi sair daquela primeira loja de informática lá, todo mundo achou estranho, meu patrão achou estranho, porque tava dando muito certo, mas eu não me sentia bem de estar bem e a minha família não estar. Aí voltei, deu tudo errado, mas pelo menos eu tentei.

Nisso, é possível perceber um declinar sobre um mundo de valores que é próprio de Tux. Ele preferiu voltar para a loja da família viver junto com os seus semelhantes e dividir as situações difíceis, mesmo que isso significasse abdicar de uma condição financeira melhor. No entanto, nessa situação ele passou a pensar que era muito arriscado manter a família toda dependendo de uma única fonte de renda, principalmente pelo fato de estar planejando o casamento e sua esposa também trabalhava na loja da família de Tux. Foi atravessado por esses dramas que Tux resolveu sair novamente da loja do pai para tentar outra alternativa.

Eu começava a pensar em tudo o que eu precisava fazer, a gente vai tendo mais um tempo de namoro também e as ambições às vezes elas são outras né, e aí você começava... tava uma loja familiar e você não tinha um salário certo, não tinha data pra receber, no dia que dava pagava, no dia que não dava não pagava, e além disso ficar... e isso tudo além da gente ficar nessa incerteza de recebimento, eu tava

colocando a minha namorada no mesmo espaço também. E aí era um risco muito alto fazer isso.

Quando eu saí da segunda vez já foi por uma preocupação bem maior que eu queria casar. Eu não via como... A loja já mantinha a minha família, já tinha que manter uma família e não dava conta e eu tava formando outra família pra depender do mesmo lugar? A conta não fechava e alguém tinha que fazer alguma coisa. E eu como irmão mais velho, com uma formação, com estudo, eu tinha mais chances de conseguir alguma coisa fora. Foi aí que eu resolvi sair de novo.

Essa escolha mostra um declinar sobre um mundo de valores próprio de Tux e que é sem dimensões. Ele saiu da empresa e voltou para a loja do pai, ou seja, escolheu regredir em sua carreira, por critérios sustentados em valores como o cuidado com a família, preocupação, sentimento de responsabilidade e até mesmo pelo incômodo ou culpa que ele sentia por ser a pessoa que estava ganhando mais dentro de casa. Já sua decisão de sair da loja do pai novamente para tentar um emprego em outro local já foi sustentada por critérios mais racionais, de pensar em minimizar o risco e as incertezas imbricados no negócio da família. Simon também considera que as decisões podem ser de fato ou de valor, ou seja, as decisões recebem influências subjetivas e por isso é tão complexo pensar em uma racionalidade do processo decisório (HILLMAN, 1970).

O sentimento de responsabilidade com a família é um valor que sempre acompanhou Tux, conforme ele narra em sua história. Na infância, ele se sentia o responsável pelos irmãos, por ser o filho mais velho. Na idade adulta, ele ainda sente essa responsabilidade com a sua família e também com os funcionários.

A responsabilidade que eu tenho aqui [na empresa atual] hoje com quem está comigo [os funcionários] e indiretamente também porque todo mundo aqui hoje... hoje eu só tenho uma pessoa aqui que é solteira. Os outros são casados, tem filho, a [funcionária] tá com o casamento marcado, e a responsabilidade minha não é só com eles assim. Eu carrego a responsabilidade da família também por que eu sei que eles precisam do trabalho [...]. Com o [irmão] é mais complicado ainda né, por que ele é meu irmão, então é a minha cunhada, minhas sobrinhas, aí a gente às vezes fica pensando nossa, se eu resolver fechar isso daqui como que ele vai fazer? Vai ter que ir pro mercado procurar emprego? Que a gente sabe que isso não é fácil né, mas... e aí a gente enfrenta esses desafios assim o tempo todo.

O mundo de valores afeta o processo decisório, pois é por meio dele que o sujeito elege uma hierarquia de critérios que são considerados em suas escolhas. Essas contradições e conflitos que os empreendedores se deparam em suas rotinas não são disseminados pelos discursos ideológicos do empreendedorismo. Tux vê o seu negócio não somente como uma fonte de dinheiro, e não o trata apenas por critérios de produtividade e rentabilidade. Ele também o vê como forma de garantir a renda de algumas famílias e trazer bem-estar para ele e sua família, mas ao mesmo tempo se questiona se é algo que “vale a pena” manter. Entende-se que somente ao proporcionar ao trabalhador o lugar de protagonista de sua história e de sua

atividade, se expressam as contradições, as tensões e as dramáticas envolvidas na atividade. Esse é o assunto abordado pela próxima categoria.

7.2 As dramáticas vividas por Tux

Eu caço e mato um leão por dia (Tux).

Tux afirma que caça e mata um leão por dia. Essa foi uma frase de impacto em meio às narrativas e ele deu ênfase no verbo “caçar”. Ele diz que não apenas mata um leão, mas caça e depois mata um leão por dia. Quando ele diz essa frase, entende-se que ele quer deixar claro que cada dia é uma luta a qual o empreendedor se submete, é uma sucessão de dramáticas e tudo depende dele. Vários aspectos dessa frase dita pelo empreendedor merecem destaque. Em primeiro lugar o papel do “eu” – é ele quem deve “caçar”, no sentido de ir atrás de algo, buscar, e em seguida matar, ou seja, resolver aquilo que buscou, dar conta. Nisso é possível enxergar os discursos ideológicos do empreendedorismo, no sentido de o empreendedor ter que ir à luta e fazer acontecer (LEITE, 2012).

Além disso, a ideologia do empreendedorismo apresenta como uma das características principais dos empreendedores a propensão de correr riscos, o que pode ser visto com a figura do leão. O leão representa um grande risco ao empreendedor, entretanto, somente pode ser vencido por uma figura heroica, o que remete mais uma vez a ideologia do empreendedorismo e ao estereótipo do empreendedor normalmente representado como um herói que consegue transpor as barreiras e se tornar um modelo de sucesso com suas características especiais individuais e pela sua própria força de vontade (CORDEIRO; MELLO, 2006).

Os dramas relatados por Tux conduzem ao pensamento do uso que ele faz de si por si e pelos outros e quais valores ele convoca nesses usos para tomar suas decisões. Em diversos encontros, Tux contou sobre como foi difícil sair da empresa do pai para procurar emprego em outro lugar e como ele se sentiu culpado quando estava em uma condição financeira melhor, dentro da mesma casa, enquanto o negócio da família não ia bem. Ele sentia que havia “abandonado o barco”. Essas dramáticas podem ser percebidas pelos trechos abaixo:

É a gente foi criado assim né. Até quando eu decidi deixá-los [o negócio da família] pra tocar a minha vida foi uma decisão bem difícil pra mim. De... sei lá... não sei, meus pais nunca falaram isso, mas eu tive o sentimento de às vezes eles acharem que eu estava abandonando o barco, entendeu? Mas eu precisava fazer alguma coisa.

Tanto é que eu saí um período, depois eu voltei e depois eu saí de novo. Então assim, hoje eu falo que eu fiz o que eu podia fazer.

Eu fiquei assim, até pela criação que eu tive de ficar muito perto da família com o coração bastante partido de pensar... ah eu tô abandonando o barco e tô deixando eles em uma situação bem delicada.

Então a gente passou por fase de... de repente lá em casa eu ser a pessoa que tava recebendo... tendo a condição muito melhor e isso ficava sempre martelando na minha cabeça né. Me dividindo assim. Aí eu tava numa condição boa pessoalmente e também caminhando as coisas com a [esposa] e tudo, a gente fazendo planos e ela trabalhando, e os meus pais continuavam tendo um nível grande de dificuldade financeira, aí eu fiquei com eles um tempo e resolvi sair de lá pra voltar pra tentar ajudar. [...] eu tive que sair pra tentar ajudar meus pais, porque eu não me sentia bem em eu estar em uma condição boa e eles estarem passando muita dificuldade né.

As questões que Tux vivenciou com os negócios do pai originam outra dramática relacionada à preocupação em aumentar muito o seu padrão de vida e acabar perdendo tudo, como aconteceu com seu pai. Tux relata sobre o ímpeto que os empreendedores têm em querer sempre mais, no entanto, ele se posiciona contra essa ideia ao estabelecer um padrão de renda mensal para evitar essa constante insatisfação com o que se tem. Nisso, residem as dramáticas do uso de si, as tensões e o medo de perder tudo, que é um risco que acomete os empreendedores.

Tux manifesta um questionamento sobre o negócio “ter que valer a pena”. Ele não é um empresário apenas para falar que é um empresário. Não consiste em uma necessidade apenas de status, de poder ou reconhecimento, conforme defendido por McClelland (1961). Mas o que é “valer a pena”? Essa questão tem muita influência no processo decisório de empreendedores. De acordo com Shane e Venkataraman (2000), a exploração de uma oportunidade depende do empreendedor acreditar que o valor esperado será superior ao custo da oportunidade, do investimento de capital. Nesse mesmo sentido, Boltanski e Chiapello (2009), afirmam que os executivos precisam de um estímulo pessoal para permanecerem engajados no capitalismo. Por isso, o capitalismo precisa superar as alternativas oferecidas por outras oportunidades.

Para saber se seu negócio “valia a pena”, Tux reuniu a equipe e perguntou se algum dos funcionários queriam estar em seu lugar, e ele diz: “ninguém queria estar no meu lugar”. Foi a partir desse momento que ele decidiu fazer mudanças na situação atual. Tux precisava renormalizar o meio em que estava vivendo para que o negócio “valesse a pena”.

A [empresa atual] ficou um tempo como se eu chegasse pra quem trabalhava comigo e perguntar vocês querem inverter de posição comigo? Ser o dono da empresa e eu passar a ser funcionário? E ninguém queria fazer a inversão. Foi uma fase que eu

também analisei e falei ou vai ser diferente ou então eu vou fechar a empresa e mando meu currículo, eu confio nas coisas que eu sei, que eu estudei e aprendi e tudo. É um questionamento que eu faço o tempo todo, acho que todo empresário tem que pensar nisso, falar que é empresário só por paixão, só por vaidade, pra falar pra todo mundo que você é empresário?

Nestes questionamentos se expressam as dramáticas do uso de si do empreendedor. O discurso dominante tenta silenciar o debate de normas e as dramáticas do uso de si desses agentes ao difundir ideias como as receitas do sucesso. Para alcançar o sucesso é preciso apenas seguir os passos das receitas. Desse modo, a mídia de negócios constrói um estereótipo do empreendedor competente, brilhante, bem-sucedido, atualizado, corajoso, inovador e agente de mudança da sociedade (SOUZA-E-SILVA; STELLA, 2015). Entretanto, ao olhar para a atividade do empreendedor pela sua perspectiva, são revelados os desafios, as dificuldades, os debates de normas e valores e o uso de si por si e pelos outros. Esses são assuntos das próximas categorias.

7.3 O empreendedor como prescritor de normas e o uso de si por si e pelos outros

Com que olhar gerimos nossas relações com nossos semelhantes? Nossa tendência é reduzi-los a meros instrumentos de nossa vontade, de nossas tarefas a cumprir. Ou os vemos como nossos semelhantes, sempre mais ou menos atravessados por questionamentos, por dramáticas que convocam, de maneira mais ou menos clara ou obscura, seu próprio ser? Como estes questionamentos e essas dramáticas nos convocam? (SCHWARTZ, 2015, p. 325).

As falas de Tux sobre o seu papel de empreendedor variam entre um prescritor de normas, que as produz na desaderência, e em outros momentos ele demonstra estar mais próximo da atividade concreta de seus funcionários. É nesta variação que reside o drama, as tensões, os debates entre o as normas antecedentes e a situação real do trabalho. Tudo isso evidencia a atividade industriosa do empreendedor.

E a empresa tem que ser do jeito que eu quero que ela seja a não ser que me provem que o meu jeito está errado. Então, muitas vezes quando eu falo com eles faz desse jeito e falo não é minha imposição, eu tô explicitando o jeito que eu quero que seja feito. Agora vocês podem argumentar comigo e falar desse jeito aí não é a melhor forma. Eu vou ter humildade de falar que tudo bem, do seu jeito é melhor e... vamos seguir em frente que é o melhor pra todo mundo.

Schwartz (2015) afirma que “todo mundo trabalha” inclusive aqueles que estão numa posição de enquadrar e controlar o trabalho dos outros. Pelos relatos, entende-se que para Tux, ser aquele que define as normas a serem seguidas em sua empresa lhe causa uma certa tensão, uma dramática do uso de si do empreendedor.

Na tentativa de evitar essa situação, ele instaurou em sua empresa um sistema de abertura de chamados para que os funcionários realizem as tarefas. “E a única coisa que eu estou te pedindo é que execute a sua tarefa. Então, é simples! Então, a tarefa é aberta com o prazo pra ser executada, com o passo a passo do que deve ser feito”. Ele conta que, dessa forma, fica muito mais simples controlar as tarefas dos funcionários.

Para Schwartz (2015), estar na posição de prescritor de normas antecedentes é uma tarefa pesada e difícil, pois a pessoa fica entre a tentação dominante do autoritarismo opressivo e sem explicações e a preocupação de aprender com o encontro de encontros que atravessam o meio de trabalho. Isso pode ser visto no relato de Tux:

Muitas vezes que eu tenho um sofrimento com relação a minha posição aqui no escritório é de esperar que as pessoas façam as coisas do jeito... do meu jeito. Do mesmo jeito que eu faço e isso não existe né, não tem como. Mas é... isso me causa angústia, mas também tem melhorado, pelo menos saber que é um ponto a melhorar já é um início né, pelo menos você admitir.

Acho que as pessoas não vão fazer as coisas do mesmo jeito que eu faço, mas elas têm que chegar no mesmo lugar que eu chegaria. E todo mundo que está comigo tem que ter essa visão e essa ambição também né, a qualidade do serviço ela tem que ser a mesma, independente de quem faça. Então, eu tô aprendendo a deixar de preocupar mais com os meios e preocupar mais com os fins. Aí tem isso, tem melhorado, tem aliviado bastante as coisas.

O empreendedor também é um lugar de dramáticas do uso de si, assim como diz Venner e Schwartz (2015) estamos todos às voltas com nossas dramáticas de uso de nós mesmos, permeados por debates de normas e presos à um mundo de valores que não pode ser dimensionável. Esse fato instaura entre todos os humanos uma dimensão de igualdade e universalidade. Essa dimensão de igualdade pode ser vista quando Tux afirma que em alguns momentos, escolhe “fazer o trabalho de seus funcionários” porque gosta. No entanto, ele diz que o papel o papel do empreendedor não é ficar “escovando bit”: “A gente chama de escovar bit, como se a gente ficasse só fazendo serviço da área de TI. [risos] É um termo, um jargão que a gente usa bastante.” Percebeu-se que ele se questiona qual é o papel do empreendedor e tem que se policiar para não fazer o serviço operacional.

O uso que Tux faz de si é algo que ficou realçado durante as narrativas. Tux contou que no início dessa nova empresa ele tinha que ficar o tempo todo no local, mas, agora, já

criou novas configurações para a sua rotina. Tux sente que não precisa estar o tempo todo em seu escritório e escolhe ficar alguns momentos em casa para pensar melhor sobre a empresa. Ele conta que atualmente tem mais confiança na equipe, o que o ajuda a ficar tranquilo nos momentos em que está em casa, ou tem que fazer alguma viagem. Esse uso de si por si e pelos outros pode ser visto nos depoimentos:

Então às vezes eu... muita situação que eu... muita condição que eu tenho hoje assim há uns anos atrás eu não fazia de jeito nenhum. Hoje eu só vim pra cá na parte da tarde, né, sem peso na consciência nenhum. De achar porque é o dono tem que ser o primeiro a chegar e o último a sair sabe, acho que isso é muito antigo. Às vezes eu falo com a equipe assim também que a minha... já aconteceram problemas aqui e eles cobraram como se a responsabilidade fosse minha também. Aí eu falo, olha a minha responsabilidade é de dar condições pra vocês trabalharem.

Então se vocês fazem uma coisa errada, é lógico que no fim das contas sou eu que pago o maior preço, mas eles não podem me responsabilizar por isso né. Então eu tenho uma equipe hoje e falo oh, você cuida disso. E eu... até que provem o contrário eu confio que a pessoa faz aquilo. Então eu... tem dia que eu fico em casa, mas não fico em casa à toa.

Eu fico em casa pra pensar sobre a empresa, pra estudar alguma coisa, pra analisar alguns números, analisar algumas pessoas, analisar como está o atendimento ao cliente né. Acho que empreendedor tem que ter um tempo pra isso. Você não pode ficar só ali apagando incêndio ou escovando o bit né, na nossa área assim sabe.

Tux reserva tempo para ficar em casa e sente a necessidade de justificar o motivo de fazer esse uso de si. Ele também deixa claro que se sente incomodado com o uso que alguns funcionários fazem dele, quando transferem a responsabilidade de tudo a ele. Tux tenta definir bem qual é o seu papel e quais são suas responsabilidades na empresa, entretanto, as contradições se expressam em seus relatos, quando ele diz que gosta de atender a alguns chamados e quando em suas narrativas ele parece tentar se convencer de qual é o seu papel dentro da empresa.

As falas de Tux demonstram que ele transita entre a desaderência e a aderência (SCHWARTZ, 2009). Quando prescreve o trabalho a seus funcionários e em outros momentos ele desenvolve o trabalho deles. Talvez, por esse “transitar” entre esses dois locais, ele demonstra ter consciência de que o trabalho de seus funcionários nunca será igual às normas prescritas. Essas escolhas fazem com que o “empreender” seja repleto de dramáticas do uso de si. Dramáticas imanentes ao trabalho humano, nas dialéticas entre o micro e o macro, nas circulações mutuamente reestruturantes entre valores sociais, valores humanos, e construção passo a passo dos atos industriais. Isso tudo é evidenciado pelas escolhas inevitáveis a qualquer situação (SCHWARTZ, 2004).

O que se observa é que Tux se vê muito próximo de seus funcionários e se encontra inserido em meio ao mundo de seus semelhantes e dele não consegue se distanciar, mesmo que essa seja a imposição do “mestre mercado”. Por isso, ele transita entre esse papel de quem dita as normas antecedentes, mas faz parte também do coletivo que deve desempenhar a atividade, ou seja, ele está sempre muito perto dos reajustamentos constantes dessas normas feitas pelos protagonistas do trabalho, as chamadas renormalizações (NOROUNDINE, 2009).

7.4 A (re) abertura das empresas – um histórico de renormalizações

O empreendedor já nasceu como um agente de renormalização das normas antecedentes (STELLA, 2015). O sujeito cria constantemente novas formas de vida, modificando o seu meio e sendo modificado por ele (CANGUILHEM, 2009). Canguilhem (2009) afirma que a renormalização é própria do ser vivo, na busca por dominar seu meio e organizá-lo de acordo com suas próprias normas. São essas renormalizações que criam a história humana de modo dialético entre o nível microscópico e o macroscópico (SCHWARTZ, 2002). A trajetória de Tux é marcada por um histórico de renormalizações.

Desde a infância, Tux viu seu pai abrindo e fechando empresas. Primeiro abriu uma loja de material elétrico, depois, uma casa de ração mesmo sem saber lidar com aquilo. Em seguida, voltou a trabalhar com material elétrico. No caso de Tux, ele trabalhava com o pai e saiu para tentar um emprego em outra empresa. Depois, voltou para ajudar o negócio do pai e acabou saindo de novo. Por fim, ele abriu sua empresa com outros sócios e quando viu que não daria mais certo fez alterações necessárias e abriu de imediato a empresa atual. Todas essas mudanças que passou desde a infância, tanto as experiências positivas quanto negativas se tornaram um aprendizado.

Meu pai veio de família muito humilde, muito humilde mesmo e ele começou a ter uma condição que ele nunca teve na vida né e começou a gastar dinheiro também de um jeito que ele nunca, nunca gastou na vida. E se a gente naquela época fosse mais velho e tivesse mais maturidade a gente não deixaria ele fazer o que ele fez. A gente já começa a ter umas percepções assim quando tem mais experiência que quando você vê que a coisa está saindo do trilho você tem que tomar a decisão, mesmo que a decisão doa pra voltar né. E não pode deixar também de ser realista com as coisas, não pode se enganar.

Essas coisas todas também me ajudam, porque eu não esqueço e fico atento hoje em dia, já que eu tô na frente de um negócio. Mas, aí a gente teve essa fase, de problema na loja, acabou que fechou. Aí meu pai se eu não me engano ele tentou depois acho que num ato assim de desespero trabalhar com uma casa de Ração também. Aí a

gente abriu essa casa de ração lá na Silva Lobo. Foi até engraçado, [risos] porque a gente não entendia nada de bicho, [risos] nada. [Risos]. Mas vendia bastante.

É, só que era uma continuidade de algo que não estava dando certo né. E foi por isso que a gente fechou. Aí a gente teve que mudar bastante. Então eu vim pra esse prédio já não tinha sala de treinamento mais, eu acabei com a parte de cursos e foquei só na de serviço né. Aí tinha gente que trabalhava... algumas pessoas que trabalhavam na empresa antiga, depois de um tempo eu consegui chamar de volta pra cá. Mas no começo era eu, [irmão] e acho que mais uma pessoa só.

Tux conta que não tem vergonha de falar sobre o fracasso de sua primeira empresa. Ele afirma que aprendeu com essa experiência para evitar erros em sua gestão atual.

Eu passei e ainda passo por muitas coisas e com isso continuo crescendo pra não errar de novo. Não tenho vergonha de ter errado, de ter falido em uma empresa. Tudo me fez aprender mais.

O empreendedor ainda relata que já pensa em modificar novamente seu modelo de negócio, pois não precisa mais do espaço físico que tem. Ele pensa em tornar seu negócio mais virtual e fazer reuniões apenas periódicas com a equipe apenas para não perder a questão do olho no olho, mas atualmente ele sente que já não precisa de manter uma estrutura física grande para o tipo de serviço que sua empresa presta.

Nessas aberturas, fracassos e reaberturas de empresas, é possível evidenciar a atividade industriosa do empreendedor. A atividade pode ser entendida como um impulso de vida que se manifesta nas renormalizações do meio. Tux afirma que é preciso estar preparado para o período de “vacas magras”, que sempre vem para qualquer negócio, nisso se vê as múltiplas microgestões inteligentes de cada situação que toda atividade industriosa convoca (SCHWARTZ, 2004).

Foi relevante notar que, para Tux, a diferença entre um negócio dar certo ou não depende do preparo do empresário e do controle dos números. Ele não atribui em nenhum momento os fracassos ao contexto econômico. Tux afirma que a crise sempre vem, o que faz diferença é estar preparado.

Mas a loja tava indo tão bem que ele não ia imaginar nunca que ia ... né... e aí a gente hoje já aprende com isso né, por que o período de vacas magras ele sempre vem, pra qualquer negócio, de qualquer tamanho, e o que faz diferença é você estar preparado para isso, é na hora que chegar você ter alguma reserva de caixa, ter alguma estratégia definida né, por que sempre vai acontecer.

Entretanto, em outro momento ele narra algo que contradiz essa ideia, ao dizer que seu pai não estava preparado para ter um concorrente ao seu lado e que esse foi um dos fatores do fracasso. Ou seja, os fatos externos, o contexto impacta na dinâmica do negócio. Esse é o assunto do próximo tópico.

7.5 As contradições do espaço tripolar e o contexto do empreendedorismo no Brasil

Os polos do mercado e o polo político convocam valores distintos e isso gera um debate permanente de normas, pois estes valores entram em conflito. A concepção ergológica do espaço tripolar pode ser utilizada para compreender o empreendedorismo como uma ideologia, pensando como esses discursos tencionam mais o polo do mercado do que os outros. Isso se reflete nos relatos de Tux, nos quais ele apresenta um discurso muito alinhado aos valores mercantis, mas ao contar sua história de vida emergem contradições devido aos conflitos entre valores dimensionados e valores sem dimensões.

Em relação ao contexto brasileiro, Tux relata que, com as mudanças atuais principalmente no contexto trabalhista, o cenário caminha para a direção de cada pessoa “ser sua própria empresa”:

Às vezes eu passo por situações que eu vejo as minhas sobrinhas também que estão na idade de formar e que estão procurando emprego e não conseguem, aí eu falo: ah, junta todo mundo e monta alguma coisa. Na verdade, a situação do país acaba gerando muito empreendedor. Porque as pessoas não acham uma oportunidade de emprego e acabam empreendendo. Meu pensamento é que isso é uma tendência, principalmente com essas mudanças trabalhistas, que praticamente cada pessoa vai ser sua própria empresa.

Esse relato de Tux fecunda várias análises sobre o contexto do empreendedorismo no Brasil. Em primeiro lugar se destaca a questão levantada por Tux sobre a pessoa se tornar sua própria empresa. Essa ideia de ver o sujeito como uma empresa é fruto do empreendedorismo como uma ideologia, que tenta camuflar qualquer tipo de conflito e contradição que o sistema capitalista suscita.

Na fala de Tux é possível localizar o problema, quando ele diz que as sobrinhas estão procurando emprego e não conseguem. Trata-se de um problema estrutural de falta de oportunidades de emprego que tem assolado o Brasil. Nesse sentido, a camuflagem vem em forma dos discursos ideológicos do empreendedorismo, que se apresentam como uma oportunidade e não como uma necessidade. Os discursos levam a entender que cada pessoa deve se tornar um empreendedor. O efeito procurado pelas práticas de fabricação do homem-empresa é que ele trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si, eliminando qualquer sentimento de alienação, como se essa conduta viesse dele mesmo (DARDOT; LAVAL, 2016).

O indivíduo liberal proclama sua autonomia, mas continua sendo uma engrenagem nos grandes mecanismos neoliberais. O homem passa a ser contemplado em um discurso que

coloca ao centro a empresa. Trata-se agora de governar um ser em que a subjetividade está envolvida em torno da atividade que ele executa (DARDOT; LAVAL, 2016). Os valores do mercado ganham centralidade e o sujeito empreendedor, que deveria representar o polo I do espaço tripolar, que é o polo das gestões, da atividade, se vê imbuído de uma racionalidade pautada pelos valores do mercado ao ponto de se ver como uma empresa, o que pode ser visto nos relatos de Tux: “ a empresa não sai de mim hora nenhuma”. Com essa mescla que ocorre entre o homem e a empresa, a gestão de si passa a seguir os valores do mercado, e o sujeito passa a ter que “se vender”:

E você tem que se vender o tempo todo, então eu acho assim, até se for pra arrumar um emprego, você tem que chegar na entrevista e tem que se vender. Convencer que você é o melhor profissional, que você vai entregar a melhor solução.

É possível notar como as técnicas de gestão passam a ser utilizadas como forma de gerir sua própria carreira. Tux acredita que deva se vender o tempo todo, e não só ele, mas todas as pessoas devem se comportar dessa forma. De acordo com Paes de Paula (2002), isso reforça um culto à personalidade e ao sucesso, que segundo Tragtenberg é uma ilusão de liberdade que colabora para o aumento do individualismo, desmobilização política e distanciamento da vida democrática (PAES DE PAULA, 2002).

Nesse sentido, o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, mas sim um tipo de política econômica, um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e esferas da vida (DARDOT; LAVAL, 2016). Isso pode ser observado na narrativa de Tux: “A [esposa] fala que tudo o que eu penso eu levo para o lado do dinheiro. E fazer gerar... algum tipo de dinheiro, de gerar dinheiro de alguma forma”.

Esses discursos são naturalizados e disseminados sem uma reflexão crítica. Nesse sentido, vê-se na prática o que dizem Dardot e Laval (2016, p. 345): “O *management* é um discurso ferrenho que usa palavras de veludo”. É uma ideologia, que camufla os conflitos disseminando uma harmonia entre interesses divergentes (CHAUÍ, 2014; OVIEDO; MISOSCKY, 2017). O discurso da gestão empresarial constitui atualmente a forma por excelência na qual o espírito do capitalismo é incorporado e oferecido como algo que deve ser compartilhado (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

Um dos principais componentes compartilhados pela racionalidade neoliberal por meio da ideologia do empreendedorismo é a liberdade. Tux cita essa como a primeira vantagem em ser um empreendedor. Entretanto, as contradições surgem imediatamente. Ao falar da questão da liberdade, Tux afirma que isso tem um preço, que é um nível de stress bem

elevado. O relato do empreendedor está alinhado ao que Boltanski e Chiapello (2009) e Gaulejac (2007) afirmam sobre a liberdade ser relativa, que o indivíduo passa a ter que procurar por seus sinais, não há dívidas com a civilização, mas também não há orientação.

Outra contradição que emerge das narrativas de Tux, e que ele trata como um desafio, é a questão de a empresa não sair dele hora nenhuma, o que acaba resultando em cobranças por parte da família:

E é desafiador falar como empreendedor assim e eu acho que pra maioria dos empreendedores, levar no ponto de vista assim que a gente não tem uma carga horária de trabalho definida. Eu saio do escritório, mas o escritório não sai de mim hora nenhuma. Isso é um desafio que a gente leva pra dentro de casa também, aí eu ouço cobrança da [esposa], cobrança da [filha]. Até certo ponto que eu acho que elas estão certas, mas tem um certo ponto que eu acho que eu estou certo também.

Essa dificuldade em desvincular é mais uma manifestação da ideologia do empreendedorismo. Para Hamann (2012), o neoliberalismo faz com que as distinções tradicionais entre o público e o privado, entre o político e o pessoal se tornem turvas, invertidas ou eliminadas.

Além disso, mesmo atendendo às normas de conduta mercantis e sendo um homem-empresa, é possível perceber certo receio por parte de Tux em relação às reações do “mestre mercado”: “E eu tenho que ficar atento a isso o tempo todo senão eu fecho as portas de novo. O mercado, nesse sentido, o mercado não perdoa”. Isso está associado ao que Leite (2012, p. 57) afirma: “O mercado é um mestre muito severo: ao errar, o empreendedor será punido pela cruel lógica mercantil”. Tux conhece a severidade dessa lógica mercantil, pois já viu seu pai perder tudo: “[...] a loja deu e depois ela começou a tirar as coisas, por que já não estava dando tanto resultado assim”. Ele também sentiu esse efeito punitivo do mercado quando voltou a trabalhar no negócio da família para ajudar a vencer a crise que estavam passando e acabou perdendo tudo, até mesmo seu nome: “Aí eu voltei para cá, deu tudo errado. Perdi tudo o que eu tinha conquistado, eu perdi.”

Nas falas de Tux, é possível ver que ele sente como se estivesse em um jogo, onde se perde e se ganha. Isso está relacionado ao poder da racionalidade neoliberal, que instaura essa dinâmica de jogos aos indivíduos. O empreendedor de si é um sujeito formado para ganhar, para ser bem-sucedido. Entretanto, quando conta que acabou perdendo tudo, Tux revela a outra face dessa lógica neoliberal: de um lado o rosto triunfante do sucesso sem pudor, e de outro o rosto deprimido do fracasso diante dos processos incontrolláveis e das técnicas de renormalização (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 374).

Tux considera que o Brasil tem gerado muito empreendedor. Essa informação pode ser confirmada pelos dados divulgados pelo Relatório GEM Brasil mais recente, publicado em 2018. Porém, o que se vê no Brasil e que se reflete nas falas de Tux e nos dados apresentados pelo Relatório GEM é um empreendedorismo de sobrevivência, sustentado por pequenos negócios, no qual 58,3% dos negócios iniciais e 68,4% dos negócios estabelecidos não contam com nenhum empregado. Grande parte dessas estatísticas se deve ao aumento dos registros de MEI. Tux acredita que o crescimento do MEI é um fenômeno que tende a aumentar com as mudanças trabalhistas:

E eu acho que esta estatística sua aumenta mais com relação ao microempreendedor individual né. Porque o mercado... as pesquisas... eles entram como empreendedores não é isso nas pesquisas, não é isso? E aí você começa... daqui a pouco você vai ter que começar a dividir classe A, B e C de empreendedor também entendeu. A gente vê que empreende por não ter outra opção, outra alternativa. Às vezes igual você falou, empreender para ganhar mil reais por mês, né... agora eu acho que vai mudar um pouco pela mudança nas leis trabalhistas, a gente vai ter empreendedores ganhando mais. Tanto é que o limite eu acho que são 6 mil por mês para microempreendedor individual, é tem um limite de faturamento mensal.

Tux atribui a condição de MEI ao empreendedorismo por necessidade: “A gente vê que empreende por não ter outra opção, outra alternativa”. Os relatos de Tux variam entre achar que a mudança das leis trabalhistas vai fazer com que os empreendedores ganhem mais, mas em outros momentos, ele relata que “tem muita gente que vai empreender porque não tem outra alternativa. ”

Mas, é por isso, o país não dá tanta oportunidade. Essa crise de desemprego agora a gente tem muita gente formada fazendo coisas que não tem nada a ver com o curso só pra sobreviver, o que é bem desanimador nesse sentido, muita corrupção, igual se a gente pagasse imposto e os impostos voltassem pra gente não teria problema, entendeu?

Esse relato de Tux expressa uma realidade do Brasil vive. A falta de oportunidades de trabalho formal obriga esse excedente de recém-formados a terem que buscar alternativas diferentes de sua formação para sobreviver, assim, eles se deparam com os discursos do empreendedorismo e acabam enveredando por este caminho, como se fosse a única via. De acordo com Oviedo e Misoscky (2017), com os discursos que estimulam o empreendedorismo, indivíduos desempregados e aqueles que possuem empregos precários são incentivados a se tornarem empreendedores. Isso evita o conflito social gerado pelo modo de produção capitalista em sua fase neoliberal. O novo cidadão se torna responsável pela sua participação na atividade produtiva, e dedica seus esforços para conseguir sua subsistência, sem iniciativas para reivindicar seus direitos (OVIEDO; MISOSCKY, 2017).

Uma das queixas que Tux repete no decorrer das narrativas é: “O governo não favorece aqueles que mais empregam, que são as micro e pequenas empresas.” As dificuldades para empreender no contexto brasileiro podem ser encontradas nos relatos de Tux:

Então eu tiro o chapéu pra quem começou igual a gente assim do zero, sem herança, sem nada, porque não tem apoio no país. A carga tributária é muito alta, em cima de folha de pagamento, em cima de faturamento e se a gente atrasa não tem perdão. Começa a cortar os créditos todos, então assim até você conseguir chegar a um ponto de ter um fluxo de caixa, de ter crédito no banco pra poder investir mais na empresa também é bem complicado.

Ah, eu acho que... eu acho não né, eu tenho certeza que o país não dá muita condição pra empreender. Eu entendo que isso seja um erro muito grave porque as pequenas e médias empresas geram muito emprego, os países que são mais desenvolvidos têm muitos empreendedores, muitos pesquisadores e esse país aqui não dá condição pra isso né. A gente tudo isso que a gente fez da história da abertura das empresas foi realmente um risco muito grande de assumir um compromisso sem ter como pagar. E muitas vezes a gente bate na porta de banco, de qualquer instituição financeira pedindo algum apoio e eles não dão. Eles só dão apoio pra quem já tem dinheiro. Então você vai chegar num banco pra pedir 100 mil reais de crédito, você tem que ter 300 mil reais e como que alguém que está abrindo uma empresa vai ter isso né?

As narrativas de Tux sobre os fatores limitadores para se empreender no Brasil estão em concordância com o que o Relatório GEM Brasil (2017) destacou. Segundo esse relatório, os principais fatores limitantes são a falta de políticas públicas que favoreçam a atividade empreendedora e também a escassez de fontes financiadoras para o apoio de novos negócios. Além de ser difícil conseguir acesso a esses créditos, as taxas de juros são muito altas. A alta carga tributária é um dos maiores aspectos dificultadores segundo Tux:

Você vai ter uma folha de pagamento você tem 80% a mais de carga tributária. Se essa carga tributária fosse menor a gente teria condições de gerar muito mais emprego, então hoje você reduz ao máximo a sua equipe pra você dar conta de pagar. Pra você ver que o país não dá muito incentivo.

Pra ser até mais justo assim eu acho que o país precisava beneficiar mais. Tem algumas coisas, assim a gente se beneficiou de uma linha de crédito do governo, que eu falei lá do PRIME, que a gente ganhou 120 mil reais pra investir na empresa.

Então assim, não é que não tenha incentivo, muito difícil de conseguir. São pouquíssimas empresas que conseguem, então eu acho que o país tinha que fazer mais por esse pessoal que gera bastante emprego.

Nos relatos de Tux é possível notar a diferença existente entre as pequenas empresas e as grandes corporações. Ele conta que o contexto não é favorável para as pequenas e médias empresas, que por sua vez representam a grande maioria dos empreendimentos. Entretanto, as grandes empresas conseguem sobreviver ao mercado e crescer cada vez mais. Tux acredita

que a dificuldade em obter apoio financeiro acaba favorecendo as grandes empresas e prejudicando os pequenos e médias negócios.

Então, por isso, as empresas grandes crescem cada vez mais. E você vê notícia de empresa grande devendo milhões de reais. Como é que esses caras conseguiram dever tanto dinheiro? É porque eles tiveram uma condição pra que alguém emprestasse.

Pelas falas de Tux identifica-se o impasse entre o mercado e o Estado. Segundo ele, o governo apenas pega a sua parte. Entretanto, não é a redução da interferência do Estado que é necessária ao progresso, segundo a racionalidade neoliberal?

Só que você tira 11% do que você fatura por mês, isso não quer dizer, nem sempre você tem lucro, mas em cima do que você fatura, você tem que tirar 11% e dar pro governo, isso se for empresa do Simples Nacional né, e o governo fala me dá a minha fatia aqui e se dane!

Entende-se com esses relatos que o Estado não ajuda o empreendedor, entretanto o discurso do capitalismo favorece essa situação de um emagrecimento do Estado para que haja liberdade para a atuação do mercado.

Para concluir, Tux afirma que mesmo em meio a essas dificuldades, ele não desiste de empreender, pois para ele essa atividade está relacionada não só a aproveitar as oportunidades e ganhar dinheiro, mas tem a ver com seus valores pessoais, sua necessidade de realização profissional.

Mas... nada disso faz a gente desistir de empreender. Porque alguém poderia chegar a conclusão e falar assim ah então para de mexer com isso e vai procurar um emprego né. Mas, não só pela dificuldade de achar emprego, mas por realização profissional, de estar fazendo o que gosta, de estar fazendo... dedicando seu tempo naquilo que você acredita, de sentir prazer em fazer a diferença dentro de várias empresas, de sentir prazer de ver que ah tem varias empresas funcionando porque sou eu e meu time que mantém a empresa funcionando. E você não vai conseguir esse tipo de realização enquanto funcionário.

Tux conta que se sente realizado ao ver que está fazendo a diferença para seus clientes e diz que não sentiria isso na condição de funcionário. Isso está relacionado às justificativas do engajamento no capitalismo. Além das justificações relacionadas ao bem comum, esses executivos precisam de um estímulo pessoal para permanecer engajados no capitalismo. É preciso “valer a pena”, nas palavras de Tux. Por isso, o capitalismo precisa superar as alternativas oferecidas por outras oportunidades. Ou seja, de modo geral, eles devem, ainda que em diferentes épocas, ver a possibilidade de autorrealização e espaços de liberdade de ação (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

A ideologia do empreendedorismo favorece um desequilíbrio no espaço tripolar ao colocar valores mercantis no centro e tentando sufocar os conflitos que isso gera. Entretanto, quando se dá lugar ao polo da atividade, entende-se como é necessário que haja um equilíbrio nesse espaço social tripolar para que as coisas funcionem em prol da humanidade, do viver comum. Afinal, é nesse polo que se experimentam as contradições, as dramáticas, os usos de si, a história, a vida.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se norteou pelo objetivo de compreender, pela perspectiva ergológica, o que a história de vida de um empreendedor tem a revelar sobre o empreendedorismo. Para alcançar esse objetivo, seguiu-se a lógica desdobrada pelos objetivos específicos. Assim, em primeiro lugar, buscou-se resgatar a história e a crítica ao empreendedorismo. É relevante expor que esse histórico não foi encontrado de forma imediata. Teve que ser tecido após diversas leituras aprofundadas. Isso porque o material que se encontra sobre empreendedorismo costuma ser a reprodução de uma ideologia do empreendedorismo. Assim, chegou-se à crítica.

A crítica desta dissertação consistiu em refletir sobre como os discursos do empreendedorismo são imbuídos de uma racionalidade neoliberal. São disseminados em forma de ideologia, como regras de conduta a serem seguidas, sem questionamentos. Esse fato faz com que os conflitos relacionados ao ser empreendedor e ao crescimento do empreendedorismo fossem ocultados.

O empreendedorismo teve seu auge em um contexto de aumento da concorrência global, o que resultou em falência de diversas empresas que não conseguiram se manter nesse novo contexto. A consequência disso foram os cortes de pessoal. Ao perceber que as velhas ideologias não dariam conta desse novo cenário, o capitalismo se transformou e se adaptou, encontrando no empreendedorismo a solução para a crise do desemprego. Assim, o ideal de ser o dono do seu próprio negócio contagiou as mentes de muitos desempregados. Entretanto, os discursos não contemplavam e não contemplam as contradições imanentes ao fato de se tornar empreendedor. Foi essa inquietação que motivou esta pesquisa. Assim, chegou-se ao próximo objetivo específico que foi entender o empreendedorismo pela vivência narrada pelo empreendedor. O sujeito da pesquisa é um empreendedor que atua no segmento de tecnologia da informação e que foi chamado pelo nome fictício Tux.

Esta dissertação buscou enxergar o empreendedor como um ser industrioso, que está sempre em atividade, renormalizando o meio em que vive. Schwartz (2015) afirma sobre a necessidade de configurações e encontros que dão visibilidade à atividade humana. Assim, a importância em utilizar a história de vida como um dispositivo ergológico residiu na possibilidade em expressar as dramáticas do uso de si do empreendedor. Além disso, é uma forma de evidenciar um mundo de valores próprio e singular de Tux, como ele se sente responsável não só por seus funcionários, como também pelas famílias deles e esse é um dos

motivos que o faz dar continuidade ao negócio. Pela história de vida de Tux foi possível lançar luz às tensões do cotidiano do empreendedor, que se encontra em um constante transitar entre a posição de prescritor de normas à executor de tarefas, entre seus valores e os valores do mercado. Nisso, reverbera as dramáticas do uso de si por si e pelos outros e é aí que se encontra a atividade industriosa do empreendedor.

Pelas narrativas, foi possível perceber que as decisões são tomadas com base em critérios nem sempre advindos do polo do mercado. Assim, o objetivo de compreender a relação entre processos decisórios e empreendedorismo pela abordagem ergológica foi alcançado e a análise foi apresentada na primeira categoria escolhida: as escolhas de Tux: processo decisório e um mundo de valores. As narrativas de Tux se concentram em uma sequência de fatos, decisões, e renormalizações do meio em que vive.

As demais categorias abordadas na análise da trajetória de Tux e o empreendedorismo levantam evidências da dimensão da “atividade” expressas pelas dramáticas do uso de si por si e pelos outros, pelos debates de normas que permeiam o seu cotidiano, pelos confrontos cotidianos que os mesmos enfrentam entre as normas antecedentes e a exigência de renormalizá-las em função da vida e em função da atividade de empreender.

Na análise também emergiram reflexões sobre as contradições do espaço tripolar. Percebeu-se que os relatos do empreendedor estão alinhados aos discursos ideológicos do empreendedorismo, quando ele reproduz em suas narrativas uma racionalidade neoliberal e convoca os valores do mercado a todo instante. Isso pode ser observado quando Tux sustenta a ideia de estar a todo o momento pensando em como ganhar dinheiro, ou estimulando as pessoas ao seu redor a se tornarem empreendedores devido ao contexto atual do Brasil e também quando ele diz que “a empresa não sai dele hora nenhuma”.

Entretanto, a riqueza da análise está nas contradições encontradas nas narrativas de questões que normalmente ficam na penumbra e são camufladas pela ideologia do empreendedorismo, como por exemplo as contradições, os conflitos, os debates de normas e valores, as renormalizações, os aspectos dificultadores para se empreender no contexto brasileiro. Todos esses aspectos influenciam o processo decisório dos empreendedores e precisam ser abordados e normalmente são camuflados pelos discursos ideológicos do empreendedorismo.

Essas contradições foram encontradas em diversos momentos das narrativas: quando Tux se questiona sobre o negócio “ter que valer a pena”, ou fala do receio de aumentar seu

padrão de vida e perder tudo. Ele também conta que sente uma angústia em ser o prescritor de normas e que em seu cotidiano transita entre o papel de dono do negócio, mas também gosta de fazer serviços operacionais. Mas isso gera uma dramática, pois ele acredita que esse não seja o papel de um empreendedor.

Sobre as vantagens em ser um empreendedor, a primeira questão que surge é a liberdade. Mas, imediatamente, Tux conta sobre a contrapartida dessa liberdade, que é um nível de stress bem alto ao qual ele é submetido. Sobre assumir riscos, o empreendedor expressa que pode levá-lo tanto a ser bem-sucedido, quanto ao fracasso. E o fracasso ele já vivenciou algumas vezes e diz não ter vergonha de contar, pois para Tux todas as vivências são aprendizados e experiências.

Por fim, a análise apresenta como a história de vida de Tux representa muitos outros empreendedores brasileiros, que enfrentam dificuldades relacionadas a falta de incentivos, alta carga tributária, dificuldade de obter apoio financeiro, mostrando como a história de vida de um sujeito está imbricada ao contexto social. O empreendedorismo brasileiro é sustentado por pequenos negócios, e segundo Tux, o governo não apoia quem mais emprega, que são as pequenas e médias empresas. Com isso, foi possível refletir sobre o empreendedorismo no atual cenário brasileiro a partir da história de vida do empreendedor Tux, o último objetivo específico proposto por esta pesquisa.

Para finalizar, esta pesquisa deixa a seguinte reflexão: enquanto o empreendedorismo for concebido pela hegemonia dos valores do mercado, torna-se “impossível e invivível” (expressão de Schwartz) dar lugar à atividade humana, enxergar o mundo de valores do empreendedor e o viver junto com seus semelhantes. Os discursos que sustentam a ideologia do empreendedorismo desconsideram os contextos e as realidades sociais dos empreendedores, colocando-os como meros instrumentos do capitalismo. É preciso considerar o fenômeno com todas as suas implicações sociais, culturais e políticas, partindo da compreensão que ele deve perpassar e se equilibrar entre os três polos do espaço tripolar. Para estudos futuros fica a sugestão em se utilizar o método história de vida como um dispositivo ergológico para analisar outras instâncias, como o empreendedorismo feminino e o empreendedorismo social, e é um uso a ser explorado também em outros campos de pesquisa, em estudos que tenham o propósito de jogar luz à atividade humana.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, R. J. J. Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, v.8, n.1, p. 05-13. 2003.

BARLACH, L. Comportamento empreendedor: um estudo empírico baseado no referencial de McClelland. *Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)*, v. 4, n. 3, 2014.

BARON, R.; SHANE, S. A. *Empreendedorismo: uma visão do processo*. Cengage Learning, 2007.

BARROS, V. A.; SILVA, L. R. A pesquisa em história de vida. In: GOULART, Íris (Org.) *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2002.

BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M. (org.) *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional [recurso eletrônico]: uma abordagem teórico-conceitual*. Vitória: EDUFES, 2014. 296 p.

BENDASSOLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. *Clínicas do trabalho*. São Paulo, 2011.

BOAVA, D.; MACEDO, F. Sentido axiológico do empreendedorismo. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, 33. 2009.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. *O novo espírito do capitalismo*. WMF Martins Fontes, 2009.

BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

BRUYAT, C.; JULIEN, P. Defining the field of research in entrepreneurship. *Journal of business venturing*, v. 16, n. 2, p. 165-180, 2001.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas; revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução do posfácio de Piare Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. - 6.ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CANGUILHEM, G. Vida. Tradução: Gabriela M. Jaquet. *Veritas (Porto Alegre)*, v. 60, n. 2, p. 264-286, 2015.

CANTILLON, R.; *Ensayo sobre la naturaleza del comercio en general*. México: Fondo de cultura económica, 1950. (Obra original publicada em 1755).

CARVALHO, L.; COSTA, T. *Empreendedorismo: Uma visão global e integradora*. Edição Sílabo, 2015.

CHAUI, M. *A ideologia da competência: Escritos de Marilena Chauí*. Autêntica, 2014.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. Brasiliense, 2017.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2006.

COLBARI, A. de L. Do autoemprego ao microempreendedorismo individual: desafios conceituais e empíricos. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 4, n. 1, p. 165-189, 2015.

CORDEIRO, A. T.; MELLO, S. C. B. Rupturas, permanências e ressignificações na estrutura discursiva do empreendedorismo. *XXX Encontro da Associação nacional de Pós-Graduação em Administração*. Salvador, BA, 2006.

COSTA, A. M.; BARROS, D. F.; MARTINS, P. E. M. A alavanca que move o mundo: o discurso da mídia de negócios sobre o capitalismo empreendedor. *Cadernos EBAPE. BR*, v. 10, n. 2, p. 357-375, 2012.

CUNHA, D. M. Saberes, qualificações e competências: qualidades humanas na atividade de trabalho. *REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, v. 28, 2005.

CUNHA, D. M. Ergologia e psicossociologia do trabalho: desconforto intelectual, interseções conceituais e trabalho em comum. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 17, p. 55-64, 2014.

DARDOT, P; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIDSSON, P.; LOW, M. B.; WRIGHT, M. Editor's introduction: Low and MacMillan ten years on: Achievements and future directions for entrepreneurship research. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 25, n. 4, p. 5-15, 2001.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Bookman, p. 15-41, 2006.

DOLABELA, F. *Oficina do empreendedor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios*. 3ª Ed. Editora Campus. Elsevier Brasil, 2008.

DRUCKER, P. F. *Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios*. Trad. de Carlos Malferrari. São Paulo: 2ª Ed. Pioneira, 1987.

DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. Glossário da Ergologia. *Laboreal*, 4, (1), 23-28.2008.

ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Jorge Zahar, 1990.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de administração*, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

GARTNER, W. B. A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. *Academy of Management Review*, v. 10, n. 4, p. 696-706, 1985.

GARTNER, W. B. What are we talking about entrepreneurship? *Journal of Business Venturing*, v. 5, p. 15-28, 1990. Elsevier Science Publishing Co., Inc. 655 New York. 1990.

GAULEJAC, V. *História de vida: Entre sociología clínica y psicoanálisis*. In: GAULEJAC, V. MARQUEZ, S. R.; RUIZ, E. T. *História de vida. Psicoanálisis y sociologia clínica*. México. Universidad Autónoma de Querétaro, 2006.

GAULEJAC, V. de. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo: Ideias e Letras, p. 7-142, 2007.

GEM. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. *Empreendedorismo no Brasil*. Relatório executivo. SEBRAE, 2017.

GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 2, mar. /abr. 1995.

GOMES JÚNIOR, A. B.; CUNHA, D. M. Ergologia: um projeto-herança de clínicas singulares. In: *Conectando Saberes: dispositivos sociais de prevenção de acidentes e doenças no trabalho*. 1 ed. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015, p. 431-460.

GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thompson Learning, p. 29-78, 2005.

GORZ, André. *O Imaterial: Conhecimento, Valor e Capital*. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005. 107p.

HAMANN, T. H. Neoliberalismo, governamentalidade e ética. *Ecopolítica*, n. 3, 2012.

HILLMAN, R. S. A contribuição da análise científica ao estudo da administração: a teoria das decisões. *Revista de Administração de Empresas*, v. 10, n. 2, p. 141-156, 1970.

HOSELITZ, Bert F. The early history of entrepreneurial theory. *Explorations in Economic History*, v. 3, n. 4, p. 193, 1951.

KLADIS, C. M.; FREITAS, H. M. R. O processo decisório: modelos e dificuldades. *Revista Decidir*, v. 2, n. 8, p. 30-34, 1995.

LANDSTRÖM, H.; HARIRCHI, G.; ASTRÖM, F. Entrepreneurship: Exploring the Knowledge base. *Research Policy*, v. 41, n. 7. p. 1154-1181, set. 2012.

LEITE, E. S.; MELO, N. M. Uma nova noção de empresário: a naturalização do “empreendedor”. *Revista de Sociologia e Política*, v. 16, n. 31, 2008.

LEITE, E. F. *O fenômeno do empreendedorismo*. São Paulo: Saraiva, 2012.

LEMOS, A. H. C. Empreendedorismo no Brasil: Uma atividade sem “espírito”? (Capítulo 3). In: MIGUELES, Carmen. *Antropologia do consumo: casos brasileiros*. FGV Editora, 2007.

LIMA, M. A. M.; ROCHA, B. P. L. Avaliação de Programas de Gestão por Competências: um estudo em organizações da Região Metropolitana de Fortaleza - CE. *Revista Organizações em Contexto-online*, v. 8, n. 16, p. 167-194, 2012.

LOPES, R. M. A. *Ensino de Empreendedorismo no Brasil: Panorama, tendências e melhores práticas*. Alta Books Editora, 2017.

MACHADO, H. P. V.; NASSIF, V. M. J. Réplica - Empreendedores: reflexões sobre concepções históricas e contemporâneas. *RAC. Revista de Administração Contemporânea*, p. 892-899, 2014.

MAILLIOT, S.; DURRIVE, L. A ergologia e a produção de saberes sobre os ofícios. (Diálogo 3). In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. *Trabalho e Ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana*. Tradução de Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum. p. 151-240. 2015.

MELLO, C. M.; NEVES, H. L.; VALENZUELA, J. B.; MATTIELLO, K. MACHADO, H. V. Do que estamos falando quando falamos empreendedorismo no Brasil. *Revista de Administração*, v. 8, n. 3, p. 80-98, 2010.

MENCACCI, N.; SCHWARTZ, Y. (2015) Trajetórias e Usos de si. (Diálogo 1) In: *Trabalho e Ergologia II*. Diálogos sobre a atividade Humana. Tradução de Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte. Fabrefactum, 2015. P. 17-53

MCCLELLAND, D. C. *The achieving society*. New York: D. Van Nostrand Company, 1961.

NATIVIDADE, D. R. da. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. *Revista de Administração Pública*, v. 43, n. 1, p. 231-256, 2009.

NOROUNDINE, A. Dicionário: Norma. *Laboreal*. Volume V | nº1 | 2009 | pp. 125-126.

OVIDO, C. F. T.; MISOCZKY, M. C. A. La Ideología del Emprendimiento en el contexto del Posconflicto Colombiano. *XXXI Congreso Alas – Uruguai*, 2017.

PAES DE PAULA, A. P. Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível. *Revista de Administração Pública*, v. 36, n. 1, p. 127-144, 2002.

PAIVA JÚNIOR, F. G.; ALMEIDA, S. L.; GUERRA, J. R.F. O empreendedor humanizado como uma alternativa ao empresário bem-sucedido: um novo conceito em empreendedorismo,

inspirado no filme *Beleza Americana*. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, v. 9, n. 8, 2008.

PEDROSO, J. P. P.; MASSUKADO-NAKATANI, M. S.; MUSSI, F. B. (2009). A relação entre o jeitinho brasileiro e o perfil empreendedor: possíveis interfaces no contexto da atividade empreendedora no Brasil. *Revista de Administração Mackenzie*, 10(4), 100-130.

PEREIRA, B. A. D.; LOBLER, M. L.; SIMONETTO, E. O. Análise dos modelos de tomada de decisão sob o enfoque cognitivo. *Revista de Administração da UFSM* 3.2. 2010: 260-268.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PUELLO-SOCARRÁS, J. F. *Nueva gramática del neo-liberalismo: itinerarios teóricos, trayectorias intelectuales, claves ideológicas*. Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales, 2008.

QUIRINO, S.; CUNHA, N. R.; COELHO, F. M. G. Cooperativismo de Base Solidária: Uma Experiência de Incubação que pode dar certo? *Revista Da Micro E Pequena Empresa*, v. 2, n. 2, p. 56-71, 2008.

ROXO, M.; GROHMANN, R. Sentidos do Empreendedorismo no Campo Profissional Jornalístico. In: 4o Congresso Internacional de Comunicação e Consumo–Comunicon. *Anais do Comunicon*. São Paulo: ESPM. 2014.

SABINO, G. T. Empreendedorismo: reflexões críticas sobre o conceito no Brasil. *Anais do Seminário do Trabalho*, v. 7, p. 1-16, 2010.

SAFATLE, V. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Scientiae Studia*, v. 9, n. 1, p. 11-27, 2011.

SARAIVA, L. A. S. O túnel no fim da luz: a educação superior em administração no Brasil e a questão da emancipação. *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, 2007.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e valor. *Tempo social*, v. 8, n. 2, p. 147-158, 1996.

_____. Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. *Educação & Sociedade*, v. 19, n. 65, p. 101-140, 1998.

_____. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. Belo Horizonte: Trabalho e Educação. *Revista do NETE/UFMG*, jul-dez, 2000, nº. 07, pp. 38-46.

_____. Disciplina epistêmica disciplina ergológica paideia e politeia. *Pro-posições*, v. 13, n. 1, p. 126-149, 2002.

_____. Trabalho e saber. *Trabalho & Educação* - vol. 12, nº 1 - jan / jun – 2003.

_____. Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industriosa. *Trabalho, Educação e Saúde*. v. 2, n. 1, p. 33-55, 2004.

_____. Entrevista. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, v. 4, n. 2, p. 457-466, 2006.

_____. Produzir saberes entre aderência e desaderência. *Educação Unisinos*, v. 13, n. 3, 2009.

_____. Un bref aperçu de l'histoire culturelle Du concept d'activité. *Revue @ctivités*. 4(2):122-133. 2007.

_____. Qual sujeito para qual experiência? *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, p. 55-67, 2011.

_____. Manifesto por um ergoengajamento. In: SCHWARTZ, Y. DURRIVE, L. *Trabalho e Ergologia II*. Diálogos sobre a atividade Humana. Tradução de Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte. Fabrefactum, 2015.

SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. (orgs) *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. *Trabalho & Ergologia II*. Diálogos sobre a atividade Humana. Tradução de Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte. Fabrefactum, 2015.

SCHUMPETER, J. A. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Editado por George Allen e Unwin Ltd., traduzido por Ruy Jungmann. — Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961. Tradução do original inglês Capitalism, Socialism, and Democracy.

_____. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997. Título original: *Theorie der Wirtschaftlichen Entwicklung* Dunker & Humblot, Berlim, Alemanha, 1964.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Os negócios promissores em 2018*. Janeiro/2018. Disponível em: <
[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/39136f37d740c6fedee7e845e1ab7270/\\$File/9950.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/39136f37d740c6fedee7e845e1ab7270/$File/9950.pdf)> Acesso em mar. 2018.

SHANE, S. VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a Field of research. *Academy of Management Review*. Vol.25, Issue 1, p.217-226, 9p. Jan 2000.

SILVA, A. P; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia* (UFMG. Impresso), v. 1, p. 25-36, 2007.

SILVA, J. A.; SANTOS, C. M. M. A atividade de trabalho sob a perspectiva ergológica de Yves Schwartz. *XX SEMEAD*. 2017.

SILVA, L. F.; BASSANI, C. L. Evolucionismo: a face oculta do empreendedorismo. *Brazilian Business Review*, v. 4, n. 1, p. 60-73, 2007.

SIMON, H. A. *Comportamento administrativo*: Estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1979. 278p.

SOUZA-E-SILVA, M. C.; STELLA, V. C. Quem é o empreendedor brasileiro? Discursos em concorrência. *Letras de Hoje*, v. 50, n. 5, p. 83-89. 2015.

SOUZA, E. M.; BIANCO, M. F. *A Ergologia: Uma Alternativa Analítica para os Estudos Organizacionais Brasileiros sobre o trabalho*. 2010.

SOUZA, M. P. Movimento operário italiano, Ivar Oddone e a instrução ao sócia. *Trabalho & Educação*. v. 26, n. 3, p. 13-25, 2017.

STELLA, R. C. V. As dramáticas do uso de si de um jovem empreendedor. *Ergologia*, nº 13. 2015.

TRAGTENBERG, M. *Administração, Poder e Ideologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TRAGTENBERG, M. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista Histedbr*, número especial, 2010.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Título original: *Die protestantische Ethik und der “G eist” des Kapitalismus* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOOD JR, T. *Capitalismo Selvagem: Crônicas da vida corporativa e do trabalho*. 1ª edição. Edição do autor. 2013.

VALE, G. M. V. Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*, v. 18, n. 6, 2014.

VENNER, B.; SCHWARTZ, Y. (2015) Debates de normas, “mundo de valores” e engajamento transformador. In: *Trabalho e Ergologia II*. Diálogos sobre a atividade Humana. Tradução de Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte. Fabrefactum, 2015. P. 55-149.

VERGA, E.; SILVA, L. F. S. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.